Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23274 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 4 JULHO 90 70$00

EDITORIAL

Eanes e a memória do PSD

Da intervenção do general Ramalho Eanes na «Primeira Página» retivemos dois aspectos: um discurso retrospectivo em torno do PRD e uma estratégia de clara oposição ao actual Presidente da República, Mário Soares.

A matéria relativa ao PRD afigura-se-nos desinteressante, em termos de actualidade política, mas já o mesmo não se dirá das violentas críticas a Soares, centradas em Macau e na política externa - moedas de troca nas guerras de escândalos entre S.Bento e Belém -, incluíndo, como prato forte, a exigência de demissão do governador Carlos Melancia.

Rompendo o consenso à volta do Presidente Soares - tão vasto que engloba o seu potencial *challenger* Lucas Pires - o general Eanes propôs um mapa político da nação francamente inovador: de um lado, Cavaco Silva, Vítor Constâncio, Lucas Pires e, presume-se, ele próprio; do outro, Mário Soares... Ou seja, protestando, embora, o seu desejo de permanecer na reserva da nação, o antigo Presidente da República colocou-se, *objectivamente*, como eventual candidato X, preenchendo, assim, o vazio de alternativas ao Presidente Soares.

Para já, o beneficiário evidente da intervenção de Ramalho Eanes chama-se Aníbal Cavaco Silva, que vê acrescida a sua reduzida margem de manobra no terreno desfavorável das presidenciais. Mesmo que uma candidatura Eanes apoiada pelo PSD seja pouco credível , trata-se de um cenário que terá por efeito criar um mínimo de incerteza num domínio onde o superconsenso soarista prejudica a estratégia de Cavaco Silva.

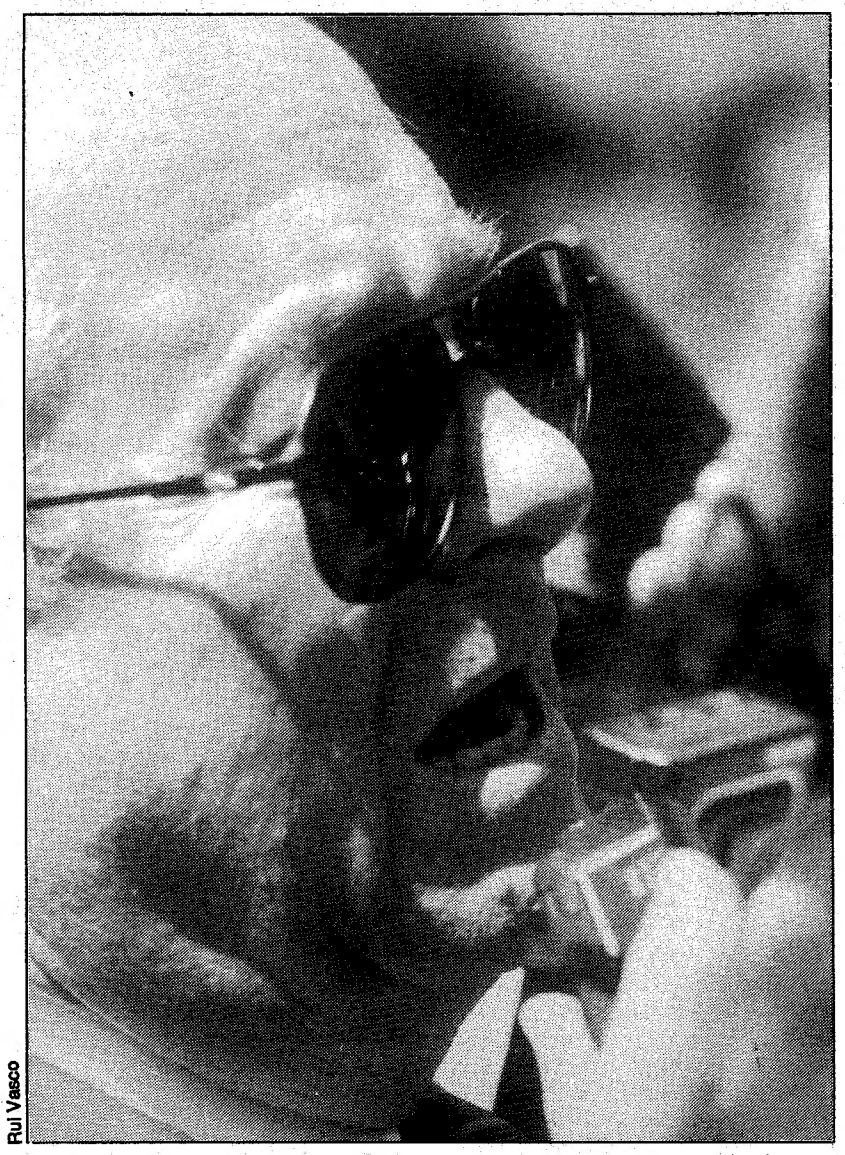
O discurso do General Eanes não é facilmente compaginável com os conceitos «old fashion» de esquerda e direita. O futuro próximo demonstrará, no entanto, que - valham as ideologias o que valerem - em matéria de alianças políticas há limites a respeitar, ainda que, por hipótese benévola, a memória de Cavaco Silva não fosse tão severamente anti-eanista como a memória do PSD.

Mário Mesquita

Alerta dos Recursos Hídricos

Há produtos cancerígenos na água de algumas regiões

Pág. 13



Rui Vasco

Jean Marie Le Pen em Portugal: uma presença indesejável

Le Pen em Sesimbra com pele de cordeiro

Partidos e organizações cívicas, órgãos de soberania, a começar pelo Presidente da República - todos contestam a presença da extrema-direita em Portugal. Mas para Le Pen, o nacionalista que a Europa conhece pelas posições racistas e xenófobas, não houve controlo fronteiriço. O lobo vestiu a pele de cordeiro e, em Sesimbra, afirmou-se dialogante e democrata. Os protestos batem na couraça da sua indiferença, por junto etiquetados de manobras de comunistas. **Pág. 5**

Processo Saúde

Inquiridores ouvem Leonor Beleza

Leonor Beleza vai ser ouvida ainda este mês, «provavelmente nos próximos dias», no âmbito do inquérito ao Ministério da Saúde, segundo confirmou, ao DL, a Procuradoria-Geral da República. O inquérito refere-se a actos de gestão praticados quando Beleza era titular da pasta, nomeadamente a publicidade ao hospital de S. Francisco Xavier e ao Centro das Taipas.

A autorização para depor como testemunha foi ontem concedida pela Assembleia da República, depois de obtida a prévia aceitação da deputada do PSD. **Pág. 7**

Debate político em Cabo Verde: oposicionistas com falta de meios

Do nosso enviado especial Carlos Camponez

O debate político vai tomando forma em Cabo Verde após 15 anos de domínio do PAICV. A oposição, cujo principal representante é o MPD - Movimento Para a Democracia, já tem acesso à Imprensa estatal e livre circulação no arquipélago, embora se queixe de falta de meios, sobretudo económicos, e da falta de isenção da Comunicação Social. Mas se o pluripartidarismo ainda não está instituído na lei, em termos práticos a discussão já começou e todos falam na oposição sem constrangimentos. Porém, algumas estruturas internas do PAICV são ainda bastantes sensíveis às críticas da oposição, a quem acusam de ignorar tudo o que de positivo se fez desde a independência.

Pág. 12

Pedro Pires ao DL

«É mais complicado governar com oposição»

Págs. 16, 17 e 18

O «DL» no TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO com o patrocínio

TOITORRES — O SEU CONCESSIONÁRIO TOYOTA NO OESTE — TOYOTA

Banix — BMW — pelo prazer de conduzir MOTOCICLOS

TV-polícia não é desejável *Págs. 2, 3 e 4*

MPLA e UNITA voltam a Portugal *Pág. 12*

Agricultores contra fruta estrangeira *Pág. 15*

Maluda escreve sobre o Mundial de Futebol *Pág. 25*

Dezoito polícias para cinco actores *Pág. 7*

Albânia: passaportes para manifestantes *Pág. 11*

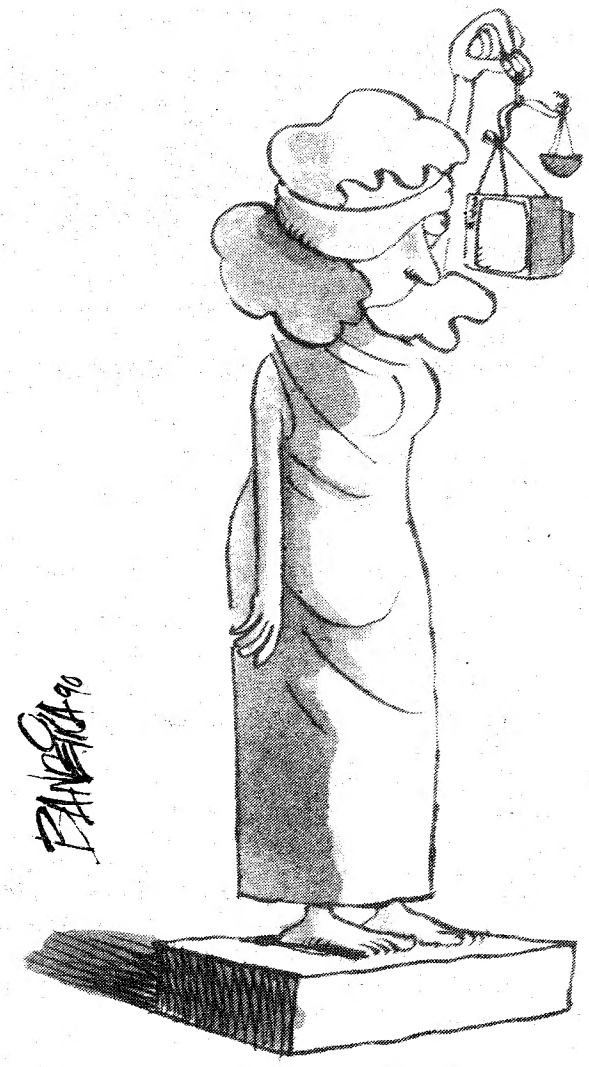
«Madredeus» também gostam de fado *Pág. 20*

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

O crime é recriado em estúdio. Faz-se a emissão em horário nobre, com participação dos telespectadores e está garantido o sucesso, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha ou Alemanha Federal. Entre nós houve uma experiência há quatro anos mas não a querem repetir

Portugal: sucessos passados



Há cerca de quatro anos, por volta das 18 e 45 de domingo, as salas de jantar portuguesas transformavam-se em mini-comissariados de polícia. Na altura, passava nos écrans «Como, Quem, Porquê», programa inédito que chamava o público a colaborar na resolução de crimes. Mais de 70 casos, tidos como insolúveis pela Polícia Judiciária, foram reconstituídos na RTP pelo actor João Lagarto e, pelo menos, dois de homicídio chegaram a bom termo.

Auto-estrada do Sul, caminho para Setúbal. Uma prostituta é lançada de um carro a alta velocidade. Fica totalmente irreconhecível. João Lagarto evoca o acontecimento e as escassas pistas no programa. Uma semana após a emissão, chega à RTP uma fotocópia contendo a cor e a matrícula da viatura envolvida no homicídio e a Polícia de Setúbal recebe outras informações anónimas.

Os três autores do crime são detidos.

Em 1976, o corpo de uma mulher, ou o que dele restava, é descoberto dois anos depois de ela ter sido assassinada no Algarve. A polícia identifica o autor do crime, mas este foge, entretanto, para a América Latina.

Em 1986, João Lagarto volta àquele local e mostra na televisão a fotografia do dito indivíduo, contra a vontade da PJ. O assassino e um amigo assistiam, num café lisboeta, ao «Como, Quem, Porquê»...

Ele próprio acabou por se entregar.

«Estas foram as minhas duas coroas de glória», diz ao DL Fernando Lourenço o autor e realizador do programa, cujo alto nível de audiência confirmou a boa aceitação por parte da comunidade. «À segunda-feira, nos transportes públicos, não se ouvia falar de outra coisa», acrescenta. «Como, Quem, Porquê» esteve no ar quase um ano, abordando dois casos policiais por programa, entre violações, atropelamentos e homicídios.

A ideia para a série, segundo o seu autor, partiu de outra, feita em moldes idênticos pela polícia britânica. «Foi preciso uma boa dose de coragem para arrancar com o projecto, tanto de quem o fez como do então director do Canal 1, António Reis, que o aprovou. A criminalidade ainda é um tema tabu em Portugal e andar naqueles meios faz confusão a muito boa gente», refere Fernando Lourenço.

A primeira parte do programa destinava-se a explicar às pessoas como se deviam prevenir contra a criminalidade e na segunda expunham-se casos seleccionados pelas delegações regionais da PJ, a maior parte deles considerados insolúveis. Reconstituído o crime (aliado à técnica de cinema para o tornar mais atraente) sem trair factos nem pistas, a equipa esperava os telefonemas dos telespectadores. «Não se pode dizer que choviam em catadupa, mas houve muitos com pistas válidas», diz Fernando Lourenço, que pensa ter ajudado a desvendar bastantes crimes.

O público, anónimo, também contactava a PJ, escrevia cartas e dava conta de novas ocorrências.

Para o realizador, «outro aspecto importante era o facto de as pessoas envolvidas nos acontecimentos nos avançarem novos detalhes antes omitidos à polícia». Instado sobre a eventualidade de ter ferido a vida privada de algum cidadão ou seu familiar, acrescenta que só com a autorização dos envolvidos o programa avançava, «e até casos de violação fizemos sem levantar qualquer celeuma». Porém, um jurista ao serviço da Judiciária revelou ao DL o facto de no caso da prostituta assassinada na auto-estrada, a sua família, oriunda de Trás-os-Montes, ter ficado «bastante magoada» por desconhecer a actividade da vítima até à data da exibição do programa...

Em Lisboa, os serviços centrais da PJ mostraram-se reticentes perante a intromissão da RTP no que constitui, acima de tudo, um trabalho de especialistas. «A corrente mais jovem da polícia, instalada na província, deu-nos, por outro lado, uma ajuda preciosa, não se importando de recorrer à televisão», comenta Fernando Lourenço.

O realizador tem outro projecto idêntico à espera de melhores dias para o concretizar: «São necessárias duas condições: menor amadorismo da televisão e maior colaboração da PJ».

Paula Sá

Laborinho Lúcio

Informação pode criar efeitos preversos

Laborinho Lúcio, ministro da Justiça, prometeu ao assumir este pelouro dar um rosto «humano» à polícia e aos tribunais. Afirma nesta entrevista ao DL que os media podem desempenhar um importante papel na informação prestada à comunidade. Renuncia, porém, a qualquer sensacionalismo em torno dos casos policiais, sob pena de se virem a gerar «efeitos preversos» junto dos cidadãos.

Diário de Lisboa - *Nos Estados Unidos e, mais recentemente, em alguns países da Europa, a televisão abriu o espaço de programação à encenação em estúdio de crimes, de casos não resolvidos pela justiça. O que pensa deste tipo de programas?*

Laborinho Lúcio - Creio ser de aplaudir a abertura nos órgãos de comunicação social de espaços dedicados ao funcionamento da justiça que tenham, sobretudo, em vista a melhoria da informação prestada ao cidadão. Julgo, porém, não ser acertada a encenação de situações não resolvidas que apelem a uma participação persecutória por parte da comunidade.

DL - *Então como vê o apelo feito à comunidade, através dos media, para auxiliar a polícia?*

L.L - A própria lei portuguesa admite, como dever cívico, a colaboração do cidadão com as autoridades, dado o interesse público que estas perseguem na sua actividade. É, porém, de acautelar o modo como a comunidade deve ser chamada a esta participação, pelo que o impacto conhecido dos media deve ser ponderado, de modo a que não se crie no cidadão um espírito policial. Assim, entendo preferível a informação através dos media, quanto aos deveres que, nesta matéria, cabem ao cidadão, e não o apelo directo ao auxílio à polícia, que sempre poderia ser mal entendido e vir a gerar efeitos preversos.

DL - *Será possível à PJ vir a colaborar com a RTP em programas do tipo «Crime Watch» da televisão britânica ou de «Chi l'ha visto?» da RAI 3, entre outros? Há algum impedimento legal?*

L.L. - Os programas que refere têm suscitado sérias reservas em França, sendo certo que, em Itália, há mesmo um recuo relativamente à primeira fase em que foram considerados de grande impacte. Pela minha parte não creio ser recomendável a sua utilização, admitindo apenas que em casos excepcionais e isolados, o recurso à TV possa justificar-se.

Evitar o sensacionalismo

DL - *A teledenúncia não levanta problemas éticos? Violará ou não os direitos dos cidadãos - vítimas, criminosos e familiares de ambos - assim expostos aos olhos da opinião pública?*

L.L. - É evidente que a teledenúncia pode levantar problemas éticos. E se é certo que não se poderá falar de violação dos direitos dos cidadãos, que podem mesmo consentir no processo, o facto é que a questão adquire uma dimensão moral e cultural cujos limites não podem reduzir-se à opinião que sobre eles expressam as pessoas directamente envolvidas e que, por vezes, dão o seu consentimento em situações onde a objectividade e o sentido crítico são reduzidos.

DL - *O conceito de justiça que o cidadão comum cria ao ver um programa daquele tipo pode ou não deturpar a própria visão da polícia, treinada segundo outros princípios?*

L.L. - Pode. Por isso é que, também aí, a qualidade da informação em programas dessa natureza deve sobrepôr-se a critérios que privilegiam outro tipo de impacte, pautado pelo sensacionalismo e pela espectacularidade.

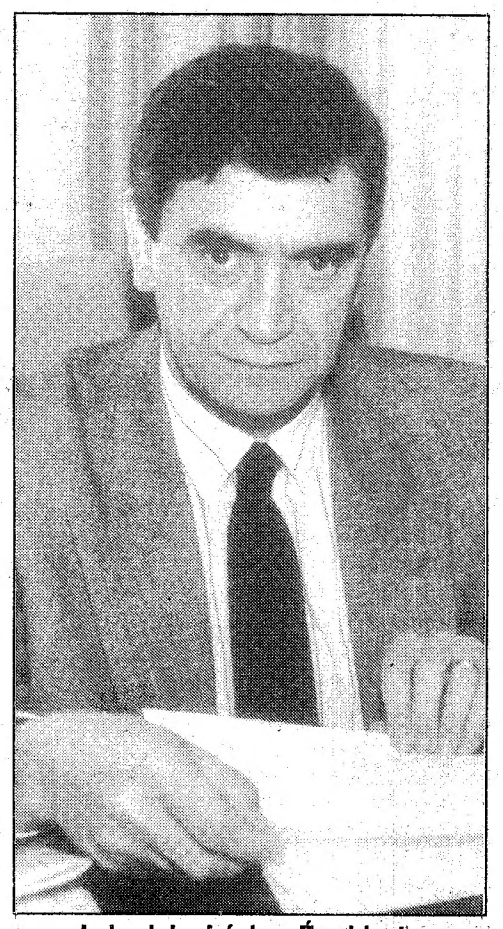
DL - *O recurso a jurados em julgamentos tem-se revelado positivo? Quais as vantagens deste tipo e julgamento?*

L.L. - Os elementos disponíveis permitem concluir que o recurso a jurados em julgamento tem sido reduzido. Trata-se de uma opção que supõe, como vantagem, a participação de membros de formação não técnica e, portanto, representantes directos da comunidade na administração de uma justiça que, de acordo com a Constituição, os tribunais administram em nome do povo.

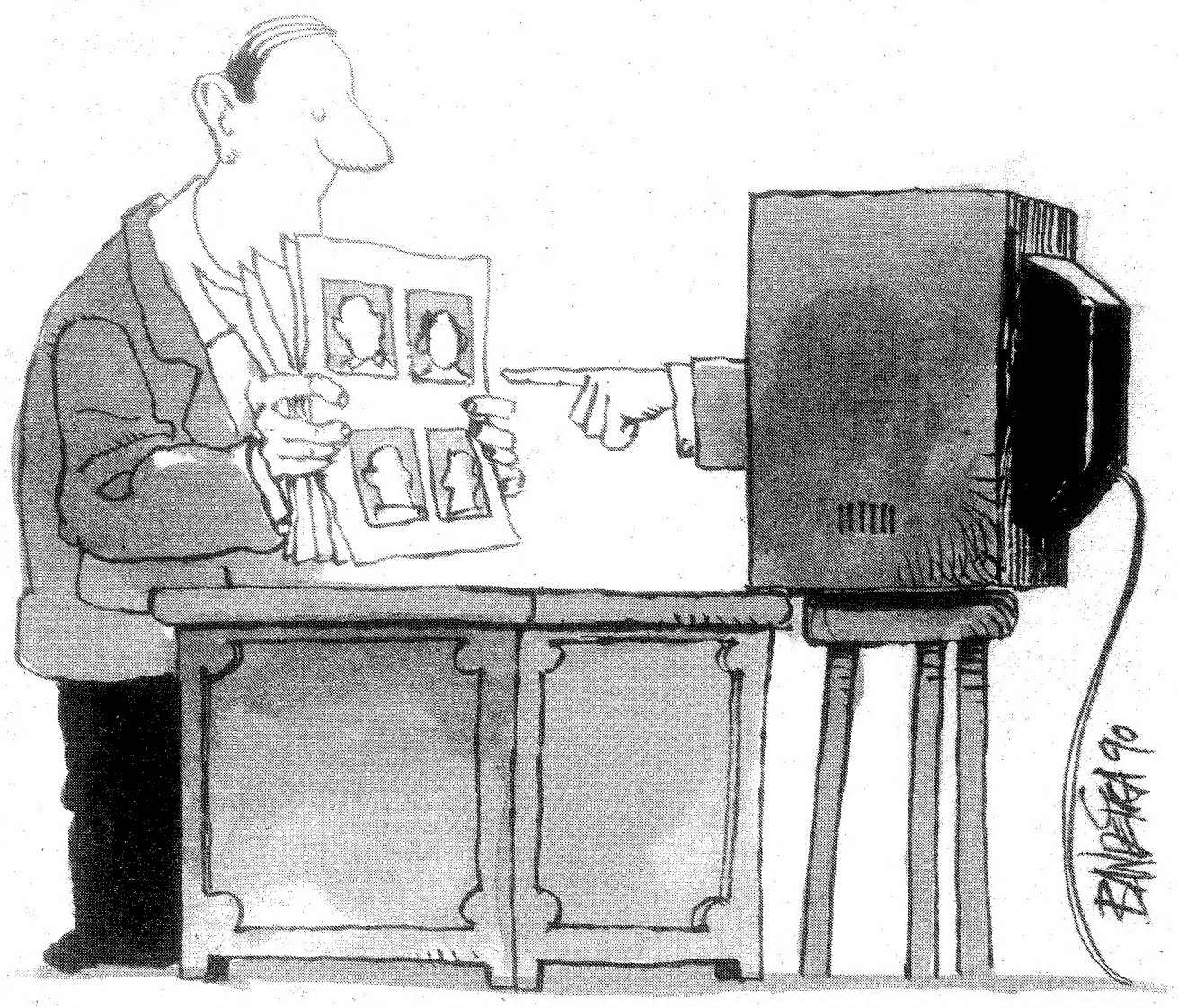
DL - *No caso dos desaparecidos e dos apelos lançados na Imprensa e televisão, a legislação portuguesa acautela o direito de os indivíduos disporem da sua liberdade? Poderá ser melhorada?*

L.L - Sim. Ninguém pode ser objecto de nenhuma medida privativa da sua liberdade, salvo nos casos previstos pela legislação penal e processual penal (suspeita de crime ou em situação que possa aplicar a sujeição a medidas de segurança - caso dos inimputáveis perigosos). No caso dos menores, a legislação respectiva prevê medidas destinadas exclusivamente à sua protecção. Atendendo a que nenhum sistema é ideal, este pode, contudo, considerar-se satisfatório.

P.S.



Laborinho Lúcio: «É evidente que a teledenúncia pode levantar problemas éticos»



Estados Unidos: o crime compensa

Nas sondagens da Televisão americana, há já muito que o crime compensa. Cada «network» apresenta uma emissão semanal consagrada aos acontecimentos sensacionais: «Rescue 911» (o «115» americano), na CBS; «Unsolved Misteries», na ABC...todos são programas que recriam, através de actores, crimes reais. Mas a Fox, o canal de Rupert Murdoch, deu um passo em frente com «America's Most Wanted». Como nos westerns, ou como no cartaz dos «Ten Most Wanted», que o FBI afixa desde 1950, fornecendo a lista das dez pessoas mais procuradas na América. Hoje, o cartaz é electrónico, e tem direito ao «prime time» (horário nobre). «Verdadeiros criminosos entram na sua casa todos os domingos» - anuncia esta televisão-denúncia, que não poupa os pormenores violentos (a «discrição parental» é, todavia, aconselhada). Mais uma vez, as circunstâncias do crime (pelo menos, tal como foram reconstituídas pela Polícia) são recriadas por actores - por vezes, mesmo, com as verdeiras vítimas -, e com a intervenção das testemunhas envolvidas no caso. Em seguida, a fotografia e descrição do (presumível) culpado são apresentadas aos vinte milhões de espectadores, que poderão telefonar para o 1-800-CRIME88 (o número «verde» do crime) para fornecerem informações, com a garantia de anonimato. Elementos verdadeiros da Polícia recebem as chamadas. Oficialmente, o programa não oferece prémios de recompensa pela denúncia, mas sabe-se que, em certos casos especialmente difíceis, a Polícia compensa os seus informadores.

Hábeis, os produtores contrataram como apresentador um não-profissional, cujo filho único foi raptado e morto há dez anos, e cujo assassino ainda não foi detido. Para este pai angustiado, a denúncia de criminosos constitui um caso pessoal, uma verdadeira cruzada. E, na véspera do seu segundo aniversário, o «America's Most Wanted» exibiu os seus troféus de caça: seis condenações à morte, dezassete penas de prisão perpétua, num total de 861 anos de cadeia...

Foi a célebre lista dos «Most Wanted» que constituiu o ponto de partida do programa, e o FBI não se mostrava, inicialmente, muito disposto a colaborar. Porém, quando se verificou que, dos cerca de duzentos fugitivos apresentados em dois anos, cem foram capturados graças à emissão, a Polícia americana - que tem perto de 280 mil fugitivos para encontrar - compreendeu que se tratava de uma mina de ouro. Uma captura oficial custa cerca de 100 mil dólares. A Fox faz o trabalho gratuitamente. Eis, em suma, uma definição muito especiosa da televisão de serviço público!

Quem protesta?...Mack, por exemplo, que foi detido no dia seguinte da difusão do «America's Most Wanted», e que se encontra na cela de uma prisão de Sacramento. Como ter direito a um processo justo após a publicidade de que o seu crime e a sua captura foram alvo? «Most Wanted» ajuda a Polícia mas prejudica a Justiça, num país em que se é, todavia, presumido inocente até ser feita prova em contrário.

«É uma nova forma de jornalismo» - diz Michael Linder, produtor de «America's Most Wanted». É uma televisão de escândalos, uma «trash TV» (televisão-lixo) - respondem os seus detratores, entre os quais a União das Liberdades Cívicas Americanas.

Enquanto se espera, a verdade é que o «crime time» tomou completamente de assalto o «prime time».

Claudine Mulard
Exclusivo «Le Monde»/DL
Tradução de Isabel Joyce

Itália: a renúncia

Feliz acaso da programação de Verão, ou renúncia geral e definitiva ao género? Seja como for, acontece que, desde meados de Maio, já não há, em Itália, nenhuma emissão de «tele-verdade» (ou tele-denúncia). Campeã em todas as categorias, com sete a oito milhões de telespectadores, duas vezes por semana, em «prime time» (horário nobre), a retransmissão por excelência do neorealismo televisivo, «Chi l'ha visto?», na RAI3, viveu, no domingo dia 13 de Maio, a sua derradeira hora de glória.

Dois dias mais tarde, um dos três canais da cadeia Berlusconi, a Italia Uno, anunciava que não apenas renunciava ao lançamento da «primeira emissão de tele-delação», como dizia a publicidade, mas que «A Voz da Consciência» - era o título do programa - só tinha tido um único objectivo: «fazer reflectir sobre os perigos da chamada tele-realidade» (ver «Le Monde» de 18 de Maio). Concebida por um jovem e brilhante provocador manifesto, Gianni Ippoliti, esta manipulação, genial golpe de «bluff», deu origem, na mesma noite, a um debate relativamente insípido sobre o tema. «Depois da tele-verdade, da tele-justiça e da tele-viagem» - defendeu o promotor da «Voz da Consciência» -, «iamos direitos para a tele-bufo, a tele-big brother». Um fenómeno tanto mais lamentável, aos olhos de «Sua Emittanza», quanto apenas o serviço público da RAI soubera, até esse momento, explorar o filão. Roçando, muitas vezes, pelo mau gosto, é certo, mas sem nunca atentar contra a moral pública...

Patrice Claude
Exclusivo «Le Monde»/DL
Tradução de Isabel Joyce

COMENTÁRIO

Não à televisão-polícia

Porque é que não proíbem os camiões de andar na estrada? O camião mata tanta gente! E quem diz o camião, diz o simples carro utilitário. Mas, não há dúvida que o camião mata muito mais, pois ele até mata aquelas pessoas que vão dentro da carrinha ou do simples «mini». Francamente, o camião é um grande «homicida». Deveria ser proibido de andar por aí.

Diz-se que Ford antes de comercializar o automóvel terá conferenciado com os seus amigos sobre a sua efectiva estandardização. «Pois, então, lançamo-lo ou não lançamos»? É porque depois disto, teria dito o magnate que **nos pôs a andar de carrinho**, «o mundo jamais será igual».

E assim é. O automóvel é o «bicho» que mata mais a gente, e nós cá andamos felizes e contentes, sempre a desejá-los cada vez mais belos e velozes. «Nós» somos assim.

Pois é, com as novas tecnologias, é um pouco o mesmo. Gostamos do «produto», mas não queremos pagar a «factura».

A televisão e os **media** em geral operaram e operacionalizaram o alargamento do espaço público. Dos parlamentos, dos governos, dos políticos, das igrejas, das escolas, das famílias, dos hospitais, dos cemitérios, dos estádios de futebol... por que não haverão de fazê-lo aos tribunais, às polícias?

As novas tecnologias vieram introduzir profundas alterações nos nossos hábitos e convicções. Uma, por certo, **dolorosa e incómoda**, sob o ponto de vista pessoal, e útil mas perigosa, sob o aspecto colectivo, será a de nos termos de acomodar a fazer menos coisas **atrás da porta**, a porta, como diria Dennis Chapman, essa insubstituível **instituição** de direito privado que sempre subestimámos.

A questão hoje tratada nesta «Grande Angular» é complicada. Ela recoloca a importância de um debate que está por fazer sobre as relações entre a técnica, a sociedade e o poder. Por outro lado, releva o vazio existente, quer em concepções teóricas, quer em políticas concretas, quanto ao **uso social** das novas tecnologias e das suas ilimitadas capacidades operacionais.

Mais uma vez se entrecruzam os limites dos direitos e liberdades individuais e colectivas. O simples princípio de que cessam as garantias à protecção da privacidade do indivíduo quando os seus actos implicam prejuízos ou custos sociais graves não resolverá o problema. As consequências de fenómenos colectivos e mass-mediáticos contêm sempre um certo grau de imprevisibilidade. A denúncia pública errada, por equívovo ou maldade, poderá ter resultados irreparáveis. Palavra fora da televisão é mais do que pedra fora da mão. Quem acusa deve provar. Em casa, na rua, ou pela televisão.

Eu seria inclinado a não considerar estes programas na óptica da influenciação à «**tele-denúncia**» ou do fomento fácil à irresponsável delação, mas destinados 'a socialização da defesa social que, efectivamente, terá de ser uma das valências integradas no processo da educação cívica dos habitantes das novas democracias, sociedades complexas em que o crime mora sempre ao lado da virtude. Programas deste tipo exigem trabalho aturado de especialistas de várias disciplinas.

José Manuel Paquete de Oliveira

De resto, a uma sociedade que «engendrou» a figura do «arrependido» **para se defender**, não sei porque há-de «chocar» o uso do **olho mágico** da televisão para ajudar a combater o crime. Mas o problema da educação cívica obviamente ultrapassa a televisão. O que está em jogo não é fazer da televisão uma orgia delatória, mas em **saber-fazer** utilizar a televisão para **guardar** a cidade.

GRANDE ANGULAR

As atribulações da teledenúncia

Grã-Bretanha: cooperação tranquila

Os telespectadores britânicos puderam ver, no passado dia 10 de Maio, no primeiro canal da BBC, a reconstituição, feita por actores, do assassínio não esclarecido de um conhecido médico de Middlesborough, um porto do Norte de Inglaterra. O argumento foi elaborado graças aos elementos fornecidos pela Polícia local, encarregada do inquérito.

Eventuais testemunhas foram convidadas a falar em directo, através do telefone, com os próprios polícias, instalados num estúdio de televisão, para lhes comunicar pormenores inéditos susceptíveis de conduzir à detenção do ou dos culpados. É este o princípio do programa «Crime Watch», que é apresentado uma vez por mês, desde há cinco anos, e cujo êxito não esmoreceu.

Os polícias estavam reticentes, à partida, perante a intrusão da televisão no que constitui, no fim de contas, um trabalho de especialistas, para o qual receberam formação. Com efeito, são os polícias, e não os magistrados, que se encarregam da instrução de processos em Inglaterra. Mas admitiram, rapidamente, que poderiam aprender muito com este tipo de programa. A voz das testemunhas é alterada, e podem usar uma máscara sobre o rosto, se o desejarem. Podem, pois, permanecer anónimos.

O dr. David Birkett fora encontrado morto, moído de golpes, na sua casa de Middlesborough, no dia 4 de Fevereiro. Os polícias estavam particularmente interessados no que poderiam ter observado de anormal os espectadores de um desafio de futebol que tinham estacionado os seus automóveis perto da casa.

O programa, que dura quarenta e cinco minutos, examina uma quinzena de casos. Apenas três foram alvo de uma reconstituição feita por actores profissionais. Os outros foram simplesmente resumidos, de forma breve, pelo apresentador. Em cinco anos, 1 639 casos foram, assim, submetidos ao público, o que resultou em 238 detenções... «Crime Watch» é a mais célebre emissão policial deste género, mas não é nem a primeira nem a única. O programa «Police Five» existe desde há vinte e oito anos. É muito curto pois, como o seu nome indica, só dura cinco minutos. O princípio é semelhante, e é difundido pela canal comercial ITV.

Este último produz, igualmente, desde há três anos, uma emissão ainda mais breve, intitulada «Crime Stoppers», a qual reconstitui, num minuto, um crime violento não esclarecido e pede a eventuais testemunhas para telefonarem para um número da Polícia.

O público não se cansa e não se sente, aparentemente, chocado com este convite aberto à delação. Sabe-se que os ingleses são fervorosos adeptos de histórias policiais, e as reconstituições cuidadas de «Crime Watch» - realizadas, geralmente, no local do delito - são consideradas um pouco como obras de ficção. É de assinalar que a BBC, televisão de serviço público, adopta a mesma atitude que o canal comercial ITV. Nem as autoridades da tutela nem os produtores têm problemas de deontologia.

Dominique Dhombres
Exclusivo «Le Monde»/«DL»
Tradução de Isabel Joyce

Big brother à portuguesa

A televisão *big-brother* só é chamada a intervir pela Polícia Judiciária na procura de desaparecidos em casos extremos, quando se esgotaram todos os meios de investigação disponíveis. Os apelos «fulano tal, com 70 anos de idade, sofrendo perturbações mentais, desapareceu da casa dos seus familiares...» surgem esporadicamente. A comunidade, refere o inspector Rolo Ramos, responsável por esta área na PJ, colabora a cem por cento e o paradeiro das pessoas é, quase sempre, determinado.

Segundo um protocolo estabelecido entre a PJ e a RTP, a divulgação de apelos é limitada ao desaparecimento de crianças até 12 anos; a indivíduos sofrendo de perturbações mentais, provocadas por doença ou por idade avançada; e situações de suspeita de crime.

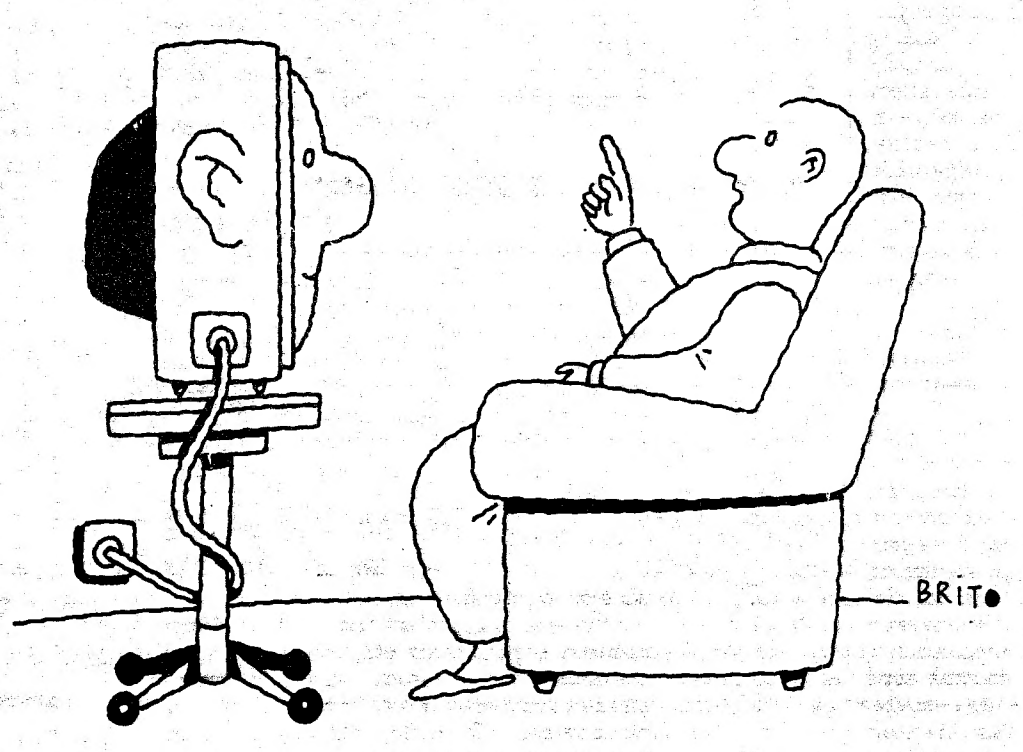
«Todos os dias fogem pessoas de casa e se recorressemos sempre aos meios de comunicação social, entre eles à televisão, não faziam nada mais do que nos dar voz», frisa Rolo Ramos. Para este inspector é frequente as pessoas, desesperadas com a situação, virem fazer participações dizendo que o familiar desaparecido sofre de perturbações mentais. «A polícia notifica-os para fazerem prova médica da anomalia psíquica do indivíduo em causa e só então age», acrescenta.

O Código Civil, no seu artº 130, determina: «Aquele que perfizer 18 anos adquire plena capacidade de exercício de direitos, ficando habilitado a reger a sua pessoa e a dispor dos seus bens». Ou seja, os maiores são senhores do seu nariz, livres de irem para onde quiserem, desde que não tenham cometido qualquer infracção. A PJ só pode revelar o paradeiro de um adulto se este, quando detectado, der autorização para tal.

Não existem dados estatísticos respeitantes ao número de pessoas que são encontradas graças aos apelos mas, segundo o inspector Rolo Ramos, poucos se vão sem deixar rasto como é o caso de Tiago João, desaparecido na Serra da Arrábida e do indivíduo que desapareceu na Ponte 25 de Abril.

Só nos primeiros quatro meses deste anos, na zona da capital, desapareceram 90 pessoas, período em que a PJ de Lisboa recebeu ainda 153 telex vindos de outras entidades - polícias e tribunais - solicitanto a localização de desaparecidos. Na mesma altura foram encontradas 124 pessoas, número remanescente de outros anos.

P.S.



Alemanha: dever cívico

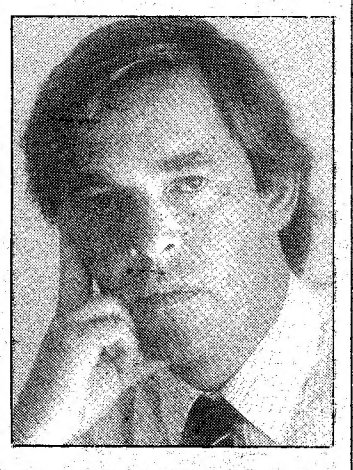
Faz, agora, vinte e três anos que a ZDF, o segundo canal da Televisão pública da Alemanha Ocidental, regista taxas de audiência impressionantes - atingidas, apenas, pelos «pornosoft» dos canais privados - com o seu programa mensal «Dossier XY não resolvido». Realizado em colaboração com as televisões suiça, de língua alemã, e austríaca, propõe-se auxiliar a Polícia a encontrar os autores de crimes e delitos, ao mobilizar os telespectadores do conjunto do espaço germanófono. Até agora - mas isso deverá mudar em breve -, apenas os telespectadores da RDA estavam excluídos deste jogo de sociedade germânico: era impossível para os criminosos em fuga encontrarem refúgio por detrás do muro.

O princípio do programa é simples: um assalto, um assassínio ou uma violação são reconstituídos à maneira de uma ficção policial, com base no «dossier» de investigação da Polícia; é esta a parte recreativa. Em seguida, o animador do programa apresenta os indícios que poderão conduzir à detenção do ou dos presumíveis culpados: retratos-«robot», viaturas, etc. Os telespectadores são convidados a manifestarem-se, através do telefone, se pensam ter reconhecido, na sua vizinhança, as pessoas procuradas. Os respectivos serviços da Polícia recolhem os testemunhos, seleccionam e analisam os elementos fornecidos e fazem bom uso deles. E o processo é eficaz: segundo os produtores da emissão, 40 por cento dos casos apresentados são esclarecidos graças ao contributo benévolo dos telespectadores, transformados em auxiliares da Polícia.

À excepção de alguns advogados da extrema esquerda, ninguém, no mundo judicial da RFA, tem nada a dizer contra este tipo de métodos: os autores do programa receberam, desde a sua criação, em 1967, luz verde por parte dos ministérios da Justiça dos lander da República Federal, que têm competência na matéria. Dado que constitui um delito a não denúncia dos crimes de que os cidadãos possam ter conhecimento, o «Dossier XY não resolvido» é mesmo considerado um programa que contribui para auxiliar os bons cidadãos a cumprirem um dos seus deveres cívicos: a protecção da sociedade contra os malfeitores. E não constitui antigermanismo primário constatar que não existe, na mentalidade alemã, esse desprezo que merece o «bufo» noutras culturas. A denúncia às autoridades de um delito, por menor que seja, é, para grande parte da população, nomeadamente para os mais idosos, uma coisa muito natural. Não é raro ver pessoas da terceira idade interromperem o seu passeio para verificar se um automobilista, tentando enfiar-se num buraco, não roça os pára-choques de outros carros, e de indicar o facto ao primeiro polícia que passar, se tal acontecer.

Este controlo social mútuo tem, apesar de tudo, os seus limites: nenhum apelo para a denúncia, nenhuma emissão de televisão, nenhuma promessa de recompensa mirabolante conseguiram levar à detenção de uma quinzena de membros do «núcleo duro» da Fracção do Exército Vermelho, o antigo «bando de Baader», que voltou a atacar, há alguns meses, ao assassinar o presidente da Deutsche Bank, Alfred Herrhausen.

Luc Rosenzweig
Exclusivo «Le Monde»/«DL»
Tradução de Isabel Joyce



«A justiça deve ser serena»

Jornalista e advogado, Miguel Sousa Tavares não vê qualquer impedimento legal à realização de programas do género, desde que esteja salvaguardado o segredo de justiça e as pessoas nele envolvidas, caso da polícia, advogados e juízes. Porém, considera que «por pior que funcione, a justiça em Portugal dá mais garantias de chegar ao esclarecimento dos factos do que uma mera encenação perante as câmaras».

O perigo passa pela subversão dos direitos individuais, na opinião de Miguel Sousa Tavares. «Programas deste tipo são uma brincadeira perigosa, é como pôr uma criança a elaborar regras» - comenta - «a justiça deve ser serena e quem investiga e decide deve estar despido de emotividade. A televisão é o oposto dessa serenidade e as incursões no domínio da criminalidade podem degenerar na chamada "justiça popular"».

Por seu lado, o público mostra-se ansioso, como provam as experências norte-americana e europeia, por uma televisão interactiva, participativa, onde o espectador intervenha em temas dos mais diversos. Então porque não implicá-lo nos assuntos de justiça ou de polícia na procura de desaparecidos ou na investigação de crimes?

Coloca-se neste domínio uma questão ética secular, a da delação ou denúncia. O século XX transformou-a, através dos media, num problema comunitário levado às últimas consequências. Apela-se à denúncia anónima, investida do estatuto de dever cívico, mascarada de acto salubre da sociedade.

A sociedade transparente, a vigilância colectiva, poderá pôr em causa a privacidade individual? Será este um modo de diminuir o número de crimes? São estas e outras questões pendentes na Europa com o emergir dos ditos programas televisivos de encenação de crimes. A Rádio Televisão Portuguesa - deixando de lado a experiência de «Como, Quem Porquê» - continua, por ora, espectadora do aceso debate.

P.S.

POLÍTICA

Eanes defende demissão de Melancia

O ex-Presidente da República Ramalho Eanes defendeu, ontem, a demissão do governador de Macau. Eanes, entrevistado por Mário Crespo no programa «Primeira Página», fez várias criticas à administração de Macau e ao próprio Estatuto do território adiantando que tomara idêntica postura na reunião do Conselho de Estado que Mário Soares convocara para tratar expressamente de Macau.

No essencial, Ramalho Eanes criticou o excessivo alinhamento de Carlos Melancia pelas posições chinesas, citando a propósito a visita que o governador fez a Pequim logo após os massacres de Tian an Men e os recentes cortes no discurso de Dias Loureiro nas passagens que visavam marcar a posição portuguesa no âmbito da defesa dos direitos humanos. Ramalho Eanes disse também que a brandurá das posições portuguesas tem tido como reflexo um endurecimento das posições negociais de Pequim.

O ex Presidente também não poupou criticas ao seu sucessor, afirmando esperar da magistratura de Mário Soares outra postura e mostrando-se interessado em ele próprio intervir na despartidarização do regime, nomeadamente no campo autárquico, afirmando, contudo, não estar nos seus horizontes candidatar-se á Presidencia.

Diferente foi a sua atitude para com o Governo: estabilidade política, social e financeira foram os elogios que deixou ao Governo, embora reconhecendo que os apoios da CEE têm dado significativo contributo.

Quanto ao PRD, Ramalho Eanes repetiu ideias já expressas na carta que enviou à Convenção do partido firmando a sua desvinculação. No entanto, quer na evocação de factos, quer na apreciação da actualidade política, ficou clara a sua preocupação em referenciar o partido que fundou.

Le Pen mascarado de democrata

«Ninguém» o queria ver em Portugal, mas o homem que defende o controle de fronteiras entrou. Impávido e sereno

A Constituição, que proibe a actividade de organizações de natureza fascista, não é guarda de fronteira. Se o fosse, talvez Le Pen tivesse ficado à porta, não se sabe se brandindo o seu cartão de identificação de deputado europeu. Mas não é e por isso o dirigente francês favorável à manutenção do controle fronteiriço entrou impávido e sereno no nosso território. Em Sesimbra, até deu uma de democrata.

Um sem número de organizações políticas e cívicas tinham já manifestado o seu repúdio face à reunião da ultra-direita europeia na vila. Ontem, com a greve dos controladores aéreos franceses a tornar incerta a vinda de Le Pen, chegou a hora e a vez do protesto institucional.

Em Arganil, evocando os combatentes da liberdade, Mário Soares não podia deixar de pronunciar-se sobre a questão. Deixou claro que a presença da extrema-direita é indesejável e introduziu mesmo no discurso uma referência aos «cabeças-rapadas» *(ver texto na página 6)*.

Na Assembleia da República, a unanimidade a este respeito teve duas expressões. Na impossibilidade de conciliar documentos da maioria e da oposição de esquerda, o Parlamento aprovou um voto de protesto e um projecto de resolução, «separados» mais na forma do que no fundo.

O PSD condenou o encontro de Sesimbra «com a mesma veemência com que combateu e combate a extrema-esquerda em Portugal», enquanto o texto subscrito por PS e PCP atribuiu à Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias a responsabilidade de «formular a proposta de um conjunto de medidas destinadas a regular actividades deste tipo». O Executivo, finalmente, confirmou através do Ministério da Administração Interna, o que já transmitira via Governo Civil de Setúbal: a sua incapacidade de proibir a reunião.

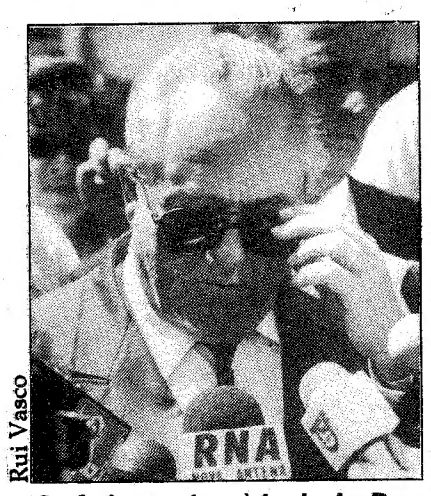
Le Pen «dialogante»

A tudo Le Pen se mostrou indiferente. Quando a meio da tarde chegou a Sesimbra, já nem à manifestação matinal a que aludimos na edição de ontem assistiu. Enalteceu as virtudes do nacionalismo, tanto como do «internacionalismo de direita» e só para «conquistar» o direito de «responder» a Mário Soares se arrogou a condição de cidadão europeu.

«É socialista não é?», remocou quando confrontado com as declarações do Presidente. «Não me espanta essa afirmação», afirmou, desafiando Soares a explicar «porque não somos democratas». Sim, porque o lobo Le Pen que conhecemos é, afinal, um doce cordeiro democrata.

Livre circulação na Europa comunitária? Nem por isso: é preciso «controlar os fluxos de emigração, mesmo no interior, e evitar a invasão da Europa pelo Terceiro Mundo». Emigrantes? «Se estivesse no poder (em França...), tentaria a reinserção dos argelinos no seu País». Quanto aos portugueses, bem, «são europeus e muitos gostariam de regressar a Portugal». Simples: o que se diz por lá não tem de repetir-se por cá.

O democrata Le Pen, «cercado» de jornalistas, não se inibiu de fazer um verdadeiro comício, à porta do hotel. Sobre o eventual apoio que se presta a dar a eventuais apoiantes seus em Portugal, não passa... de uma eventualidade. «Não é questão que, por ora, se coloque», disse o chefe-de-fila da ultra-direita europeia, manifestando-se disponível «para quem connosco quiser dialogar, porque é isso a democracia».



Rui Vasco

Sesimbra, ontem à tarde: Le Pen diz que a contestação é toda obra de comunistas

Durante uma boa meia hora de respostas à Comunicação Social, Le Pen, que no aeroporto fora vaiado por um punhado de pessoas, entre as quais cidadãos franceses, desmentiu ainda que tenha sido proibido de reunir com os seus correlegionários em alguns países europeus. Imperturbável, considerou natural a escolha de Portugal para a reunião do seu grupo parlamentar, enquanto país europeu, e taxou genericamente os que contestam a visita de comunistas. Pelo meio, «ofereceu-se» para dar aos presentes «lições do Parlamento Europeu»...

Num momento em que o coro de protestos embate na couraça da indiferença dos eurodeputados direitistas (para esta noite, um grupo de expresos políticos convocou para as imediações do hotel uma «concentração manifestação»), eles preparam-se para estabelecer em Portugal ligações políticas. Informações não confirmadas apontam no sentido de o próprio Le Pen se encontrar com Soares Martinez, professor universitário que antes do 25 de Abril terá estado ligado a perseguições a estudantes. O «DL» não conseguiu, por outro lado, confirmar em tempo útil se Miguel Castelo Branco, dirigente da Força Nacional/Nova Monarquia, se deslocará a Sesimbra.

Paulo Martins

Rui Vasco

Sesimbra, pela manhã: Hasse Ferreira, Mário Tomé, Ezequiel Lino contra a presença da extrema-direita

Indonésia acusa Portugal de conduta irresponsável

«Portugal abandonou Timor de uma forma sangrenta e irresponsável, como aliás fez com outras colónias», afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio, Ali Alatas, durante uma visita à China. Alatas proferiu esta afirmação durante uma conferência de Imprensa em que foi anunciado o reatamento de relações diplomáticas entre a China e a Indonésia, após 23 anos de interregno.

Depois de referir que actualmente é possível o movimento livre de pessoas de e para Timor e que «até mesmo se pode telefonar para lá», o ministro indonésio convidou os jornalistas a visitarem a ilha e a «noticiarem objectivamente as melhorias sociais e económicas levadas a cabo desde a saída dos portugueses».

E disse mais: «O povo de Timor-Leste escolheu livremente entre as três soluções possíveis previstas na Carta das Nações Unidas - independência, associação ou integração - a maioria preferiu a última. Os que insistem em auto-determinação, direitos humanos e apoio a uma minoria isolada não estão a actuar de acordo com os interesses do povo de Timor».

Quanto à China, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros declarou, em Pequim, à Lusa, que o problema de Timor-Leste é uma «questão deixada pela História, persistindo uma diversidade de opiniões na comunidade internacional», fazendo notar que a Assembleia Geral das Nações Unidas não discute o assunto desde há anos.

Confrontada com estas posições, fonte governamental portuguesa afirmou ao «DL» que os argumentos da Indonésia «são velhos e já utilizados há 15 anos. Nós não nos eximimos das nossas responsabilidades. Aliás, por diversas vezes, o ministro dos Negócios Estrangeiros isso mesmo afirmou, nomeadamente na ONU. Isso não exclui o respeito pelos direitos dos timorenses e as responsabilidades indonésias pós-invasão. Até porque, contrariamente ao que diz a Indonésia, o povo timorense não foi ouvido em relação ao seu futuro».

BREVES

PS e PCP não se comprometem

Durante o encontro de ontem entre as direcções do PCP e do PS, o primeiro a realizar-se após os respectivos congressos nacionais, os líderes dos dois partidos informaram que fizeram uma «análise profunda» da situação política e das «atitudes do Governo» a nível interno e externo. Jorge Sampaio reiterou a determinação do PS em concorrer sozinho às eleições legislativas de 1991 e acrescentou que o PCP «não fez qualquer proposta concreta» sobre a matéria. Álvaro Cunhal acentuou a «necessidade da convergência dos democratas para afastar a direita e o PSD do Governo».

Consenso sobre União Política só no Governo

Apesar de existirem algumas divergências entre eurodeputados sociais-democratas a propósito da União Política da CEE, a Comissão Política do PSD afirmou, em comunicado, que a opinião dos deputados no Parlamento Europeu não é relevante para a escolha do modelo de União Política, pois o que conta são as decisões de cada Governo. Azevedo Soares, membro daquela comissão considerou ainda que «o PSD é um partido aberto, rico em opiniões».

Presidência Aberta

Sermão na montanha contra a extrema-direita

Enquanto em Sesimbra, população e representantes das forças políticas de todos os quadrantes manifestavam o seu protesto pela reunião de deputados de extrema-direita que ali está a decorrer, em Arganil, zona serrana do Interior do País, o Presidente da República tomava igualmente uma posição clara e inequívoca em relação a esse acontecimento, que repudiou sem reservas, considerando os seus protagonistas «indesejáveis» em Portugal.

E, felizmente, Mário Soares não esteve só nesse gesto. As suas palavras dirigidas a uma população serrana e isolada dos centros urbanos mais politizados, mas que nem por isso deixa de possuir uma arreigada consciência democrática, foram sancionadas com os mais fortes aplausos que lhe têm sido dispensados nesta sua peregrinação pelo distrito de Coimbra. Esta questão acabaria por se tornar no essencial do pequeno discurso que fez na Câmara Municipal de Arganil.

Soares lembrou que o que é grave é que «eles são racistas» não aceitam as regras democráticas.

«Obviamente», afirmou, «nós somos partidários da liberdade, mesmo de uma liberdade sem fronteiras, mas o que não se pode confundir é o desejo de liberdade e democracia mais ampla, com permissividade com aqueles que fazem a propaganda do terror».Em oportuno contraponto, Soares homenageou, em Arganil, Veiga Simões e Moura Pinto, dois grandes vultos daquele concelho.

Voando sobre um ninho de crise

Para poder cumprir o seu programa, Soares deslocou-se ontem de Coimbra para Góis, primeira visita do dia, num helicóptero da Força Aérea. Sobrevoou o que era uma das mais ricas zonas de pinhal do País e que, em poucos anos, ficou destruída e empobrecida. Milhares de incêndios, de cuja origem maioritariamente criminosa hoje ninguém duvida, destruíram este pulmão verde. Primeiro ficaram as encostas queimadas e os cabeços nus dos montes. Aos poucos, através de negócios duvidosos, a madeira queimada foi sendo retirada. Depois, a natureza restituiu o verde àquelas montanhas. A seguir, a mão do homem, na sua ganância obsessiva, completou a obra dos intermediários.

Bem plantado e alinhado, o eucalipto invade essas montanhas, em manchas cada vez maiores, desertifica e entra mesmo, muitas vezes, nos próprios terrenos de cultivo.

Observando ao longe essas manchas de eucaliptos fica-se com a impressão de que, se houvesse um plano concertado para invadir o País com esta espécie, ele teria que ser desenvolvido desta forma.

Ventos ancestrais

É certo que nos últimos anos, em grande parte pelo esforço dos seus autarcas, da sua iniciativa privada e das suas populações, esta região, claramente desfavorecida, tem lutado contra o subdesenvolvimento e ganho algum progresso, mas o isolamento continua a ser grande e um dos principais problemas. A rede de estradas que ligam as principais vilas e povoações desta zona, além do seu traçado obsoleto, encontra-se num estado verdadeiramente lamentável. Para este problema chamou a atenção o presidente da Câmara Municipal de Góis, considerando que são «situações altamente penalizantes e de efeito regressivo», a má acessibilidade a isolar uma região já de si isolada.

Lamentou o retardar de decisões para a solução atempada e adequada de problemas especificamente relacionados com o melhoramento da EN 342 e a construção de uma nova ponte, «dado que o ruir da actual, como é previsível, deixa a vila dividida e mais nos isola».

Outro problema é igualmente o retardar do deferimento de candidaturas aos fundos comunitários e que têm a ver com o crescimento económico e social, como o retardar da instalação de serviços dos quais dependerá marcadamente a rentabilização e a racionalização da reflorestação dos espaços queimados e de há muito tempo incultos.

Tudo isto acontece porque, afirma o autarca goiense, enfrentam por vezes mar encrespado e têm acontecido ventos tenebrosos que os põem em tensão.

«São ventos com origem encestral e que emanam de um ciclone centrado na macrocefalia do Terreiro do Paço.»

Entretanto, se Mário Soares pensa de facto recandidatar-se à Presidência, pode dizer-se que está a fazer o pleno. Também o autarca de Góis fez o seu apelo, «a juntar-se ao de tantos outros, para que se candidate à Presidência da República, como é desejo da maioria dos portugueses, como é mister que aconteça», porque, afirma, «Portugal e os portugueses precisam dele na condução dos seus destinos».Embora seja mais um à espera da «reflexão» de Soares, por avanço já foi convidando o Presidente para passar um dia inteiramente dedicado ao concelho de Góis em 1992.

No regresso a Coimbra, Mário Soares foi a casa de Fernando Vale, em Coja, onde descansou cerca de uma hora, como vem fazendo todos os dias para manter a forma e aguentar o ritmo que o apertado programa da Presidência Aberta lhe impõe.

Homenagem a Mota Pinto

Ao fim da tarde, no cemitério da Conchada, em Coimbra, Mário Soares prestou homenagem à memória do prof. Mota Pinto, com a presença da viúva, Fernanda Mota Pinto e outros familiares, bem como personalidades do PSD, entre elas o ministro dos Assuntos Parlamentares, Dias Loureiro, Barbosa de Melo e Alberto Santos.

O prof. Calvão da Silva, na qualidade de amigo e ex-colaborador, fez o elogio do prof. Mota Pinto, como «combatente da liberdade, jurista insigne e estadista que tanto sentia e amava o seu país», cuja contribuição foi decisiva «para que Portugal não se tivesse tornado satélite de uma grande potência».

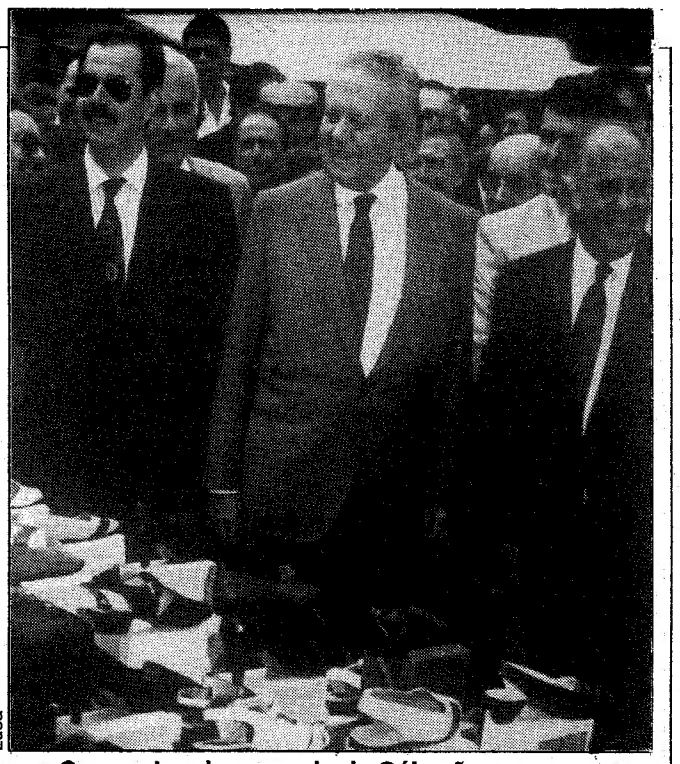
Mário Soares fez questão em sublinhar tratar-se de uma homenagem pessoal, mas do Presidente da República e, portanto, uma homenagem nacional. Disse ter conhecido o prof. Mota Pinto «nos azares de política» e naturalmente o apreciara nas curvas dessa actividade, que nem sempre coincidiram com as suas, antes pelo contrário.

«Tivemos momentos de grandes dificuldades, mas em nenhum deles houve qualquer dissensão ou qualquer dificuldade.

Falando entre nós, nas situações mais adversas, sempre nos entendemos. Algumas vezes tivemos qualquer de nós, de pôr ordem nos nossos próprios partidos para que as coisas andassem.»À noite, Soares ofereceu um jantar aos autarcas do distrito, a que assistiu o presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo.

Esta manhã, Mário Soares visitou a Pampilhosa da Serra, o concelho mais pobre do distrito, regressando pouco depois do meio-dia a Coimbra.

Augusto Vilela



Lusa

Os sapatos do mercado de Góis não passaram despercebidos a Mário Soares

Cantanhede saúda e o Marquês de Marialva honra-se de receber entre seus muros O **HOMEM UNIVERSAL** Dr. Mário Soares, Sua Excelência o Presidente da República.

Marquês de Marialva
CANTANHEDE

■ À MARGEM

Hoje é dia de Cavaco

Embora inicialmente o encontro de hoje não estivesse previsto, e a justificação oficial fosse a deslocação de Cavaco Silva à reunião da NATO, o primeiro-ministro deslocou-se hoje a Coimbra para a habitual audiência com o Presidente da República.

Não são conhecidos os assuntos a tratar mas, para além das questões correntes que o primeiro-ministro habitualmente leva ao Presidente da República, este dar-lhe-á certamente conta dos vários problemas que lhe têm sido colocados ao longo desta Presidência Aberta e que Mário Soares procura no âmbito daquilo que designa como magistratura de influência.

O protesto do Presidente

Para além das referências que fez ao acontecimento no discurso pronunciado na Câmara Municipal de Arganil, Mário Soares entregou ontem aos jornalistas que acompanham a Presidência Aberta, uma declaração em que condena vigorosamente a reunião dos deputados de extrema-direita que está a decorrer em Sesimbra.

«O que é preocupante», diz o Presidente da República, «não é tratar-se de uma reunião de direita, ainda que extrema.

Se os seus participantes aceitassem as regras da democracia, não haveria nada a dizer.

Mas não aceitam, como se sabe: são racistas, partidários confessos da violência, alguns deles perseguidores dos nossos emigrantes em França e noutros países europeus.

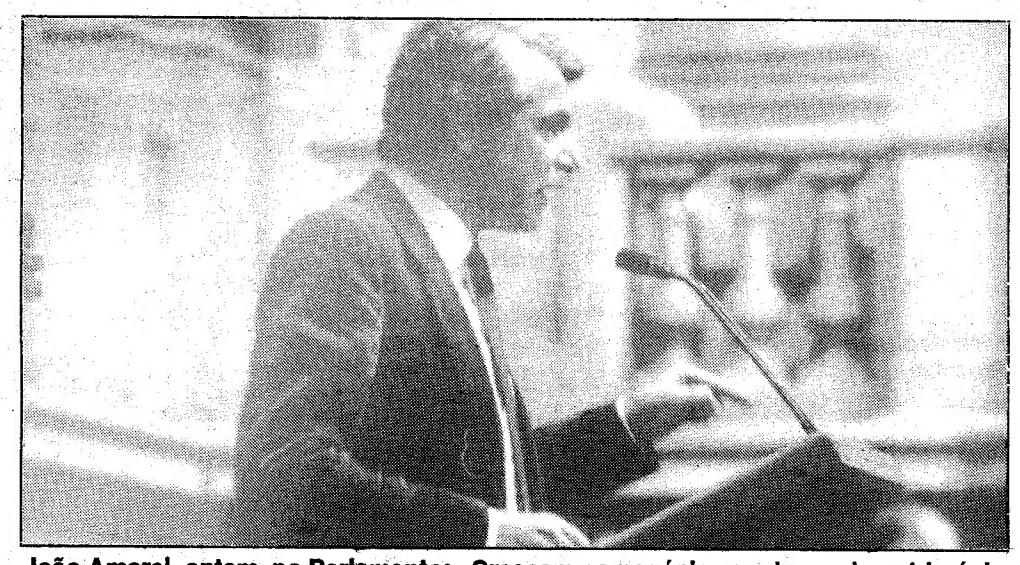
Portugal é uma nação aberta, livre e tolerante. Mas o menos que se pode dizer é que aqui são INDESEJÁVEIS. Sabemos em Portugal o que foi a ditadura e a discriminação política e social - e não nos esquecemos.

Em Portugal essa gente hoje, felizmente, não representa nada. Mas os «cabeças rapadas», sugestionados por modas vindas de fora, são perigosos; já fizeram, pelo menos, um morto e têm participado em acções de violência e de intimidação de tipo racial que não são toleráveis. Não se deve confundir o natural espírito de abertura democrática com fraqueza, indiferença ou permissividade condenável.

A série televisiva «Depois da Guerra» mostrou-nos, por forma impressionante, do que foi capaz o racismo e a que extremos de horror chegou. As pessoas de bem têm de saber repudiar tais ideologias. Não se pode, ainda que pelo silêncio, transigir com elas nem fingir ignorar o perigo que representam».

O Governo e o Partido Comunista envolveram-se em esgrima de estatísticas, no Parlamento, durante o debate sobre desigualdades sociais. Para uns, o produto interno cresceu a benefício da maioria; para outros, o bolo está maior, mas há cada vez menos a comê-lo e mais a mendigar a côdea da sobrevivência

O baile dos números



João Amaral, ontem, no Parlamento: «Crescem os negócios em torno do património do Estado, tudo num gigantesco bodo aos pobres»

«Não faz sentido nem é racional que o País seja mais rico e que os trabalhadores sejam mais pobres», sintetizou João Amaral, citando uma declaração da Intersindical, as preocupações do Partido Comunista para o agendamento do debate sobre desigualdades sociais que ontem ocupou o Parlamento, durante o dia inteiro. Ele próprio reconheceu, no entanto, que o Produto Interno Bruto cresceu nos últimos anos.

«A questão é», perguntou, «para onde e para quem foi esse aumento do PIB?».

Segundo Amaral, «há um sentimento claro no País da chocante situação que se vive, de riqueza mal distribuída e do agravamento das desigualdades». Como prova desse sentimento, o deputado comunista deu o seu testemunho pessoal: evita hoje ir à Baixa, na cidade de Lisboa, por suportar mal «o encontro com a indigência exposta tão gritantemente».

«Upper America»: um mau exemplo

As razões para tudo isto, ele o disse recusando «uma visão miserabilista e distorcida da realidade económica», radicam «nas orientações ideológicas e de política do Governo», copiadas do modelo americano de Ronald Reagan que em dez anos «produziu uma aterradora contradição: os bilionários contra os homeless, as pessoas sem casa».

Valendo-se de um livro de Kevin Philips sobre o modelo Reagan e a euforia da «Upper America», o deputado comunista reverteu a Portugal a crítica daquele analista social da direita norte-americana:

«O aumento da riqueza foi parar às mãos dos que já eram mais ricos, enquanto os pobres ficaram mais pobres e às vezes sem casa», disse, acrescentando que «não temos que viver com esta situação» e que é preciso combatê-la.

O Governo diz já o estar a fazer, ao dotar com uns milhões de contos o programa específico de combate à pobreza. Para a Oposição, tal programa seria o reconhecimento implícito de que a pobreza aumentou, a ponto de ser escandaloso ignorá-la.

Sérgio Ribeiro, também deputado do Partido Comunista, substituiu as palavras pelas estatísticas comunitárias com o objectivo de provar que Portugal foi o País da Comunidade onde mais eficazmente se fez «o ajustamento estratégico» entre preços e salários que está na base última das desigualdades hoje vividas.

Excesso de zelo a podar salários

De acordo com as previsões da CEE, de Outubro passado, os aumentos reais dos salários entraram em derrapagem violenta nos últimos dois anos: enquanto os salários reais por assalariado, de 1989 a 1990, subiram 4,9% no conjunto da Comunidade, em Portugal eles situar-se-iam apenas numa escala de 1,6%, calculada a deflação dos preços no consumidor.

Pior ainda se o cálculo atender à deflação dos preços do Produto Interno Bruto: ao crescimento dos salários reais na ordem dos 3,8%, no conjunto dos Doze, responde a economia portuguesa com uma perda de 0,3%.

Sérgio Ribeiro considerou, por isso, Portugal como o País onde se verificou o maior «ajustamento estratégico» com o objectivo de desvalorizar os salários e rentabilizar o capital e o investimento. Última prova estatística anotada pelo deputado comunista e esgrimida no debate de ontem: os custos salariais unitários reais, em Portugal, no final de 1990, virão a ser inferiores quase 22% aos de 1980; a média do ajustamento, a benefício do capital, na Comunidade e durante o mesmo período rondaria os 7,5%.

«Um excesso de zelo triplicado... à custa dos salários, isto é, dos trabalhadores portugueses», concluiu o economista que vai brevemente substituir Carlos Carvalhas no Parlamento Europeu.

Uma poda salarial a sério, acrescentariamos nós, e que rentabilizou de tal modo o investimento que ele cresceu e apareceu, de todos os lados, provocando de facto um crescimento razoável do produto e da riqueza nacional.

O problema, tal como foi repetidamente acentuado no debate parlamentar, está na distribuição dos rendimentos assim propiciados -a quem e quanto- com o Partido Comunista a jurar que a parte de leão é a dos rendimentos de capital e o ministro do Emprego e da Segurança Social a defender a justiça distributiva praticada pelo Governo.

Emprego: o trunfo do Governo

Silva Peneda garantiu que a acção do Governo, nos últimos anos, foi «claramente a favor dos grupos sociais mais vulneráveis da nossa sociedade: os desempregados, os reformados, os deficientes e as crianças» e sublinhou para o provar os efeitos do investimento ao nível do emprego e a recente atribuição do 14º mês aos pensionistas.

Assim, ele o disse, os desempregados eram 433.000 em 1986 e terão diminuido para 270.000 em três anos, significando isso uma baixa de 13,5% na taxa de desemprego. Também o número dos contratos a prazo terá crescido, apenas, 0,6% no ano passado, enquanto em 87 e 88 crescera, respectivamente, 14,8 e 10,6%. No entanto, o deputado comunista Jerónimo de Sousa deu uma versão contraditória destes números: em 1985 havia cerca de 360 mil trabalhadores com contratos a prazo e em 1989 eles eram mais de 600 mil, segundo afirmou, contradizendo Silva Peneda.

«Sendo os desempregados os mais pobres dos pobres, não haja dúvida de que também por aqui se combateu de forma drástica o fenómeno da pobreza», concluiu o ministro.

Roberto Carneiro, esse tocou a música da Educação como mezinha mais eficaz e duradoura para combater as desigualdades sociais. E desenvencilhou-se da tarefa política de encerrar o debate, em nome do Governo, com o seu à vontade habitual, mas também com uma surpreendente agressividade para os deputados do partido interpelante.

Daniel Reis

BOCA DE CENA

Leonor Beleza será ouvida nos próximos dias

A Procuradoria-Geral da República confirmou hoje ao Diário de Lisboa que a deputada Leonor Beleza será ouvida ainda este mês, «provavelmente nos próximos dias», no âmbito do inquérito ao Ministério da Saúde que corre os seus trâmites no DIAP (Departamento de Investigação e Acção Penal).

A deputada do PSD aceitara depor, como testemunha, logo que o pedido da Procuradoria chegou à Assembleia, no passado dia 28 de Junho. A autorização de que carece foi-lhe ontem concedida, unanimente, pela Assembleia da República. O presidente da Comissão de Mandatos, João Salgado, já tinha obtido o sim da deputada não tendo por isso sido necessário ouvir os outros membros da Comissão. Ainda segundo um informador da Procuradoria, está posta de parte a possibilidade de o inquérito terminar antes das férias judiciais, «uma vez que ainda decorrem diligências e averiguações». O processo tem o número 6/88 LH-4 e refere-se a actos de gestão praticados no Ministério da Saúde quando Leonor Beleza era a titular da pasta. Está em causa, nomeadamente, a publicidade ao hospital S. Francisco Xavier e ao Centro das Taipas que arrastou o nome do irmão mais novo da ex-ministro para as primeiras páginas.

A autorização ontem concedida pelo Parlamento não tem a ver com a imunidade parlamentar. Essa só poderá ser posta em causa se a ex-ministra for chamada a juizo. A verificar-se tal situação, a Assembleia só pode levantar a imunidade parlamentar por maioria absoluta apurada em escrutínio secreto, o que nunca aconteceu desde o 25 de Abril.

Objectores de consciência: esperança para 16 mil

Dois projectos de estatuto dos objectores de consciência foram apresentados ontem na Assembleia, subscritos pelo PS e o PRD, convergindo ambos para facilitar o reconhecimento, na prática, da objecção de consciência, Há neste momento 16 mil objectores a aguardar, alguns já há dez anos, pela definição da sua situação. O projecto do PRD prevê o reconhecimento oficial da objeção de consciência mediante a simples declaração do interessado, devidamente fundamentada e entregue nas Câmaras ou nas Juntas de Freguesia, logo que convocado para o serviço militar. Segundo o texto dos renovadores-democráticos, todos os objectores ficariam sujeitos ao serviço cívico, por tempo correspondente ao do serviço militar obrigatório. Além disso, os seus nomes constariam de listas anuais publicadas no jornal de maior circulação local e ficariam inibidos de trabalhar em indústrias de armamento ou relacionadas com a Defesa, assim como não poderiam pedir licença de porte de armas.

Dezoito polícias para cinco actores

A Juventude Socialista fez ontem a demonstração prática do caricato que é o julgamento exigido por lei para ser reconhecida a objecção de consciência. Cinco actores, representando o juiz, o réu, o delegado do Ministério Público e duas testemunhas, encenaram um julgamento ao fundo das escadarias da Assembleia da República que concluiu pela condenação do objector a doze anos de trabalhos forçados. Deputados, jornalistas e meia dúzia de mirones apreciaram também o caricato do aparato de segurança à volta desta representação: 18 polícias a sério e barreiras a impedir o acesso mais parecia controlar uma manifestação de massas e não presenciar um mero e simples entremez cómico.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

HONRA A NELSON MANDELA!

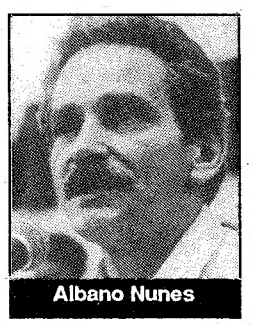
Nelson Mandela, em longa digressão pelo estrangeiro, chegou aos EUA. Vimos algumas imagens do entusiástico acolhimento que as forças democráticas e os sectores mais explorados e opri-midos da população norte-americana lhe dispensaram. Lemos e ouvimos as suas palavras, simples, claras e corajosas em defesa dos inalienáveis direitos do seu povo, contra o levantamento das sanções ao poder racista antes do total desmantelamento do «apartheid» e da aceitação do princípio «um homem _ um voto». Empenhado numa solução política negociada, Nelson Mandela reafirma com tranquila firmeza o direito e o dever do ANC e do povo sul-africano prosseguirem a luta, sob todas as formas (incluindo, se necessário, a luta armada contra a violência e o terror racista) recusando com dignidade imposições e «conselhos» atentatórios do direito 'a livre opção do seu povo. E ao patriotismo Nelson Mandela associa o seu internacionalismo solidário. Toma posição em defesa dos amigos sinceros do povo sul-africano, reclama que cesse o apoio americano à UNITA (cada vez mais intenso e descarado, em flagrante violação dos acordos de Nova Iorque), solidariza-se com a heróica luta do povo palestiniano (objecto recente de novos e grosseiríssimos actos de hostilidade por parte dos EUA, designadamente com o veto no Conselho de Segurança e a suspensão de relações com a OLP), saúda os seus «irmãos» cubanos, neste momento alvo das mais perigosas pressões e provocações imperialistas, depois do desembarque a Baía dos Porcos e da «crise dos mísseis».

2. Um verdairo «escândalo», dizem alguns. Um sinal dos tempos, dizemos nós.

Um sinal que adquire particular simbolismo por nos chegar da principal potência capitalista cuja «prosperidade» assenta em parte decisiva na brutal exploração dos recursos do Terceiro Mundo, na aliança tutelada com cruéis e sofisticadas ditaduras, na tentativa de imposição arrogante da sua «cultura», dos seus «valores», do seu alienado e alienante modo de vida.

Um sinal tanto mais significativo quando é protagonizado por um homem que passou 27 anos de cativeiro sob a acusação de «terrorista» e que hoje chega a Washington, não de chapéu na mão, mas de cabeça bem erguida a reclamar para o seu e para os outros povos, aquilo que nunca lhes deveria ter sido negado, ou seja, o direito à livre escolha do seu próprio caminho de desenvolvimento.

Um sinal do que é verdadeiramente novo e tem perspectivas. Um sinal _ e um incitamento _ de extraordinário valor num momento em que, face aos dramáticos acontecimentos em países do Leste da Europa e às próprias dificuldades com que se depara a «perestroika» na URSS, as forças da reacção e o imperialismo tentam em muito lado partir à reconquista de posições que lhes haviam sido arrancadas pela luta libertadora dos trabalhadores e dos povos, procurando afastar do poder as forças que conduziram os seus povos à independência política e ousaram empreender a construção de sociedades progressistas libertas da tutela do imperialismo, sonhando reconstruir o mapa político e económico mundial à medida dos interesses de classe do grande capital transnacional.


Albano Nunes

3. Impossível perante a estatura de homens como Nelson Mandela não reflectir uma vez mais sobre o papel do indivíduo na História. Para ele, para a sua figura de revolucionário exemplar vai a nossa solidariedade, a nossa simpatia, e mesmo (porquê negá-lo?) o nosso espontâneo e profundo afecto humano.

Mas, como o próprio Nelson Mandela recorda, há uma realidade mais profunda: o povo, as massas trabalhadoras, os seus ideais de liberdade, de justiça e igualdade, de progresso social e a sua luta difícil e sempre sujeita a reveses temporários, mas imparável e invencível. Foram os trabalhadores e o povo de África do Sul que construíram o ANC, o Partido Comunista Sul Africano, as outras forças democráticas que, com a nossa solidariedade, levarão à destruição do monstruoso regime do «apartheid». Foi o povo e a sua luta que «produziram» Nelson Mandela, que encontraram nele um representante à altura dos seus nobres interesses e ideais. Sem esse povo e essa luta, este Nelson Mandela não poderia existir. Sem eles seria absurdo pretender que alguém pudesse apresentar-se nas instituições do principal bastião do imperialismo com tal firmeza e dignidade, e ser ouvido com tanto respeito e, certamente, com bastante ódio diplomaticamente contido também.

4. As forças progressistas enfrentam hoje desafios de extraordinária complexidade. A História colocou perante si acontecimentos imprevistos e dramáticos e com eles muitas perguntas para as quais não existem respostas fáceis. Mas há uma certeza que nem os ideólogos da burguesia nem os apologistas do conformismo conseguirão jamais sepultar: a marcha dos povos é no sentido da *liberdade*, ou seja, no sentido da libertação do homem de *todas* as formas de exploração e opressão, no sentido do *socialismo*. Em termos históricos é impossível o retrocesso. Sejam quais forem as dificuldades da conjuntura jamais os trabalhadores deixarão de lutar pelas suas mais sentidas e profundas aspirações e lá, onde as «vanguardas», cansadas e confundidas, apontem o caminho do conformismo e da resignação perante a arrogância do capital, acabarão substituídas e colocadas à margem da História. São as massas que escrevem a História e ´e a sua luta que a faz avançar. Honra pois ao ANC e a Nelson Mandela, que nos trazem a confirmação desta verdade e com ela a certeza de que também na Palestina como em Timor Leste, em El Salvador como no Zaire, no Sahara Ocidental como no Panamá ou em qualquer outro país do mundo, a hora da libertação chegará.

5. E em Portugal chegará também a hora da viragem democrática para retomar, em novas circunstâncias, caminho que Abril abriu. O futuro não está do lado dos que, como o Governo PSD, se empenham vergonhosamente pelo levantamento das sanções à África do Sul racista contra a opinião e pedido expresso do ANC, mas do lado dos que, solidários desde sempre com o ANC, denunciam e combatem a política antipopular e antinacional do actual Governo.

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

Do editorial de Vicente Jorge Silva:

(...)A explosão dos nacionalismos e as sucessivas crispações xenófobas a Leste constituem um caldo de cultura propício ao regresso dos velhos fantasmas que há meio século conduziram o mundo para a devastação e o horror.

Sesimbra é a suave antecâmara onde os herdeiros da geração que preparou a «solução final» vão estudar os novos cenários para um reencontro com a História. Frente ao Atlântico, na serenidade branca do Hotel do Mar, os «técnicos» da extrema-direita poderão dedicar-se, sem a excitação febril e musculada das suas encenações públicas, ao exercício intelectual de imaginar caminhos para a «révanche» sobre a derrota de 1945. Talvez nenhum outro «décor», como o deste luminoso jardim à beira-mar, permitisse envolver com uma atmosfera tão inofensiva e docemente civilizada as novas estratégias da desordem e da barbárie.(...)

3.Jul.90

JORNAL DE NOTICIAS

De um artigo de Raúl Rego:

(...) A França democrática celebrou o grito de De Gaulle contra a tirania e o imobilismo. Lutar contra o tirano? Mas com que armas? Com as da vontade, fazendo das tripas coração e de todos os cidadãos um só cidadão, não abdicando, não ajoelhando, dispostos a ir até ao fim. É que só é vendido quem desiste de lutar. A frase parece uma verborreia, mas não é. O segredo da vitória está mais na vontade do homem do que nos meios de que dispõe.

A nova Revolução Francesa pode dizer-se ser uma cópia fiel da revolução de há dois séculos. O núcleo, a vontade do povo, foi o mesmo, e os que ouviram o apelo de De Gaulle foram como enviados aos Estados Gerais que se declararam a si mesmos soberanos. A Marselhesa soou em nossos dias com os mesmos tons e foi lançada aos ares tal como há dois séculos. Como soa agora, cinquenta anos depois, como soou há um ano, nessa mesma Praça da Concórdia, cantada pela voz de uma negra americana, tornada uma verdadeira intérprete do sentir de todos os oprimidos, de todos os continentes. É a grande mensagem da Revolução Francesa.(...)

3.Jul.90

CAPITAL

Da coluna «Escrita em Dia»:

(...) Em Portugal, começa hoje uma reunião de individualidades que representam um passado de má memória. É a extrema direita, com o seu cortejo de radicalismos, racismos e intolerâncias, quem vai acertar agulhas na vila de Sesimbra. Estes serão, no entender da maioria dos portugueses, os obsoletos fósseis de regimes que trouxeram há meio século a destruição, a morte e o genocídio à mesma Europa de que agora também são representantes.

E é neste último aspecto que reside o paradoxo: eleitos como deputados ao Parlamento Europeu nos respectivos países, não podem, logicamente, ser proibidos de se reunir -- ainda que se aproveitem da liberdade que é de todos para combater a própria liberdade.

A maturidade evidenciada pelas democracias espanhola e portuguesa será, por certo, o melhor antídoto para os fenómenos espúrios, como este que agora se passa em Sesimbra. Não é precisa, nem seria aconselhável, qualquer atitude drástica: basta a indiferença pelos «princípios» que vêem ser defendidos; chega a demonstração feita no dia-a-dia de que nos sentimos bem no convívio, na aceitação das diferenças, no livre debate das ideias; é suficiente lembrar que todos os extremismos, de qualquer sinal, vão tendo os dias contados, auto-condenados pelas próprias contradições.(...)

3.Jul.90

o Diabo

De um artigo de Nuno Rogeiro:

(...)A revista britânica «The Economist» coloca hoje a hipótese: não estaremos perante o fim do Estado-Nação? A integração dos europeus na Europa sugere evidentemente essas recordações e perguntas.

Portugal não deve dramatizar o problema. No discurso público, não pode mostrar ter medo de se dissolver.

Porque esse receio é uma debilidade e uma admissão de que se é débil. Mas tem de haver um debate não escrito sobre esse perigo. Todos os Estados europeus possuem neste momento gruos de trabalho que estudam a reequacionação dos seus nacionalismos. Grupos que o público não conhece, apesar de serem públicos. Grupos cuja importância é incógnita, se bem que sejam sumamente importantes. Grupos informais de «Grandes Sábios» que estudam as histórias por trás da História.(...)

3.Jul.90

FORUM

Ponto internacional

por Pedro Palma

"SUA MAJESTADE, NÃO QUER QUE LHE LEVE AS MALAS ATÉ AO CANADÁ?"

CARTAS NA MESA

Reduzir como?

Uma palavrinha sobre a nova campanha da rádio e da televisão acerca da necessidade de reduzir o lixo produzido pelo consumidor. Foi pena que, quando da campanha para sensibilizar as pessoas a guardar o papel usado, os autores não se tenham lembrado de explicar como e onde ele ia ser recolhido, o que inviabilizou o programa, é pena que, quando se recomenda ao consumidor que controle ou reduza o volume de lixo que produz, os autores da campanha não se tenham lembrado de especificar de que maneira é que isso poderá ser feito.

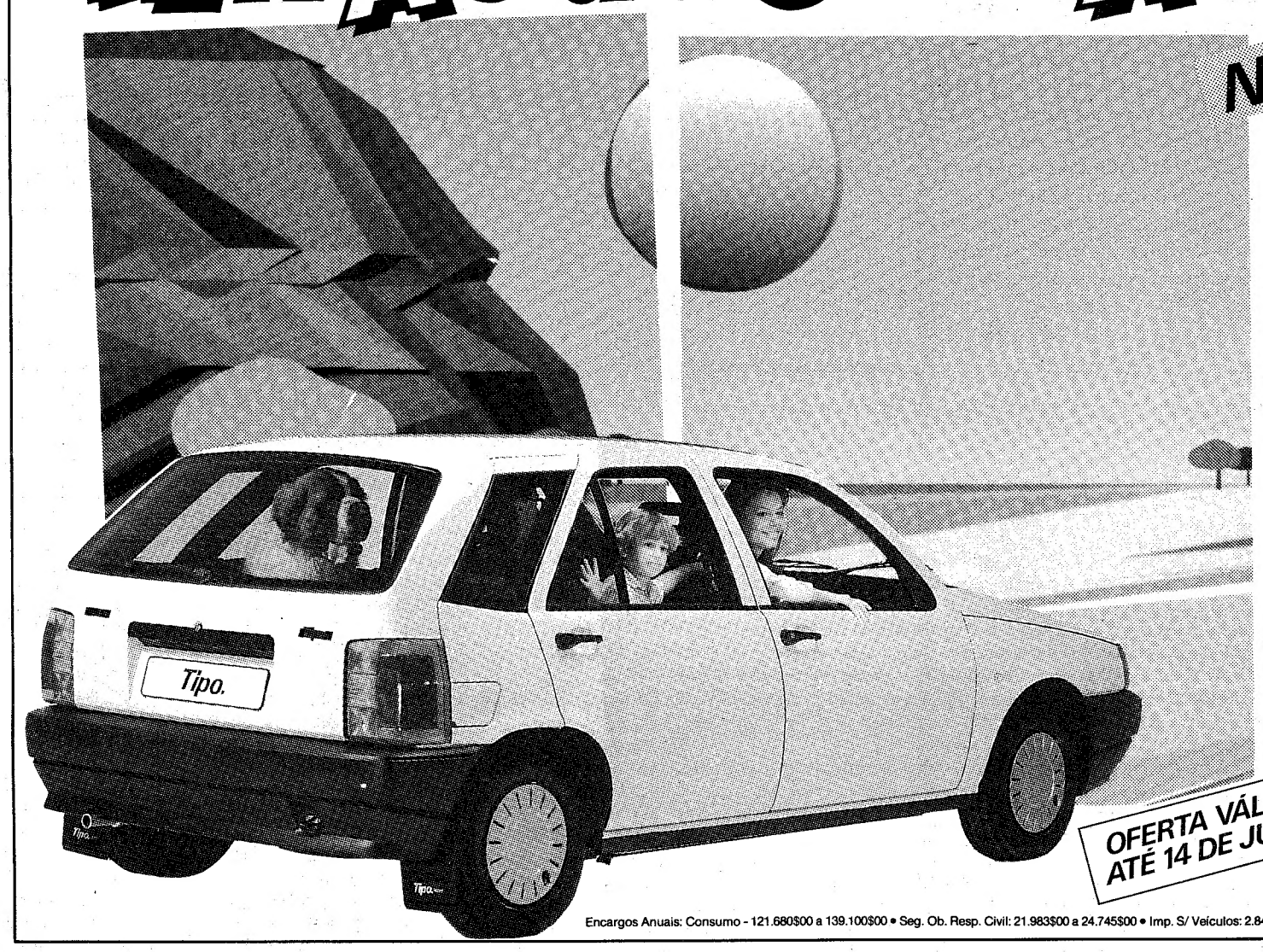
Teria sido a altura indicada para encorajar o público a dar preferência às embalagens reutilizáveis (garrafas de vidro com depósito), e a recolher desperdícios recicláveis (vidro, papel, metais e até, mais recentemente, o plástico).

Não há dúvida de que a televisão é o mais eficiente meio para divulgar estes tipos de campanha de sensibilização, e deveria ser aproveitada ao máximo para programas de educação cívica e ambiental, de que a população tanto necessita e a que crescentemente aspira, propondo soluções concretas para problemas de todos os dias.

Paul Johan de Graauw,
leitor de Paço de Arcos

FÉRIAS de 60 DIAS

NO PAGAMENTO do seu FIAT Tipo.



Neste Verão a Fiat oferece-lhe mais tempo e dinheiro. Na compra do seu novo Fiat Tipo **50%** * de redução no montante dos juros e **60 dias** para o pagamento da 1.ª mensalidade ou, ainda, se o pagamento da 1.ª mensalidade for a **30 dias,** oferta de **60%** * de redução no montante dos juros!
Na compra a pronto, a Fiat oferece-lhe o valor equivalente em **COMBUSTÍVEL!**

Aproveite! Vá de férias com a família ao volante de um Fiat Tipo.

OFERTA VÁLIDA ATÉ 14 DE JULHO

Oferta válida para as viaturas disponíveis na rede de vendas Fiat e não acumulável com outras iniciativas em curso!

* Valor calculado para 50% de entrada e 12 mensalidades.

FIAT

Encargos Anuais: Consumo - 121.680$00 a 139.100$00 • Seg. Ob. Resp. Civil: 21.983$00 a 24.745$00 • Imp. S/ Veículos: 2.840$00 a 4.630$00 • Imp. Compensação (Diesel): 42.000$00 • Base 15.000 km • Abril/90.

INTERNACIONAL

XXVIII Congresso do PCUS

Calma no segundo dia não significa o fim da confrontação

Egor Ligachev, o destacado líder dos comunistas conservadores, recebeu mais aplausos quando, na parte final da sua «prestação de contas» ao XXVIII Congresso do PCUS, se disse partidário das reformas, «etapa por etapa, de uma meta para outra». Antes, falara já da ruína do sector agrário, dos malefícios da propriedade privada, das forças que «com forte influência em certos meios da Comunicação Social» lutam contra o regime socialista, contra o partido.

Entretanto, enquanto na sala os congressistas continuavam a prestar contas, cá fora, nos bastidores, Boris Guseletov, o dirigente do grupo «Jovens Comunistas», ia concluindo os trabalhos de formação do bloco «Unidade Democrática» em que, segundo as suas estimativas irão entrar mais de quatro centenas de delegados. «Se nós lhes demonstrarmos - e referia-se aos conservadores menos convictos - que as nossas propostas são razoáveis, temos possibilidades de fazer aprovar decisões progressistas».

A «Unidade Democrática» espera convencer Alexandre Iakovlev, um «gorbacheviano» convicto, a apresentar a sua candidatura ao cargo de secretário-geral do PCUS.

Não muito longe., um repórter meu amigo abordava Vladimir Lissenko, um dos líderes da «Plataforma Democrática». Disse-me, quando nos encontrámos, que o dirigente radical já não tinha o tom categórico de há dias, quando a sua tendência falava da inevitável cisão no PCUS, com a saída dos «comunistas de esquerda».

Era segundo dia do Congresso e começava a sentir-se nos delegados um certo cansaço da confrontação.

Recordei-me então, da sessão do dia anterior quando mesmo no início dos trabalhos e antes da apresentação do relatório político, um orador, vindo de Magadan, exigiu,

Manifestação de conservadores, realizada ontem no parque Gorky, em Moscovo

de uma forma algo desabrida, a demissão do *bureau* político e do Comité Central. Gorbachev não respondeu nem a este, nem a outros desafios. E na sua crítica aos conservadores, contida no documento que leu, não figuravam nomes, estruturas ou movimentos sociais manipulados pelos adversários da *perestroika*. A sua resposta não individualizada teve, assim, muito mais força. E, interrogo-me, se tivesse sido de outra forma eu não teria encontrado, neste segundo dia, ânimos mais acirrados?

A «turbulência» que se seguiu ao Congresso constituinte do Partido Comunista da Federação Russa, com os conservadores a mostrarem os músculos e os radicais a extremarem posições, quase nos fez esquecer as características de líder de Mikhail Gorbachev, neste país rasgado por contradições. O secretário-geral do PCUS ora era «visto» a aliar-se aos radicais, numa luta cujo desfecho se desconhecia, ora cedendo aos conservadores por força do seu número no aparelho partidário. E esquecia-se que, nos cinco anos de *perestroika*, foi sempre em vão, que tanto uns como outros tentaram «puxar o tapete» de Gorbachev para o seu lado, que a sua resposta aos que pretendiam situá-lo neste complexo tabuleiro sempre foi uma e a mesma: partidário da *perestroika* e da democratização.

Os entusiastas da *perestroika* atravessaram já períodos de euforia e de ilusão. A certeza de que a *perestroika* é irreversível foi, talvez, uma das ilusões fortemente abalada com a reunião dos comunistas da Federação Russa.

Os revezes dos conservadores no princípio dos trabalhos do XXVIII Congresso e a força da liderança de Gorbachev criaram, naturalmente, um certo ambiente, mas seria de novo ilusório acalentar a esperança de que os verdadeiros adversários da *perestroika* batam em retirada sem luta.

A posição firme de Gorbachev irá influenciar, sem dúvida, os que, com menos convicção, foram atraídos às fileiras dos conservadores, mas os «intransigentes», os que fizeram e continuam a fazer no conservadorismo partidário a sua carreira política, esses não vão abandonar o Congresso sem disparar as suas armas. Apesar das reacções que na sociedade soviética se fizeram sentir perante o perigo de um retrocesso em direcção ao estalinismo, eles contam ainda com o apoio de grandes camadas sociais, fáceis de convencer de que as prateleiras vazias das lojas e a *perestroika* andam de mãos dadas.

Guennadi Petrov

França pode assinar tratado de não proliferação nuclear

A França anunciou que vai participar, pela primeira vez, em conversações sobre a limitação do alastramento das armas nucleares. O anúncio foi interpretado como um sinal de que Paris está a pensar em alterar uma recusa de 22 anos de assinar qualquer tratado de não proliferação nuclear.

A França e a China têm-se recusado a assinar o tratado, que proíbe a transferência de tecnologia de armas nucleares para países em vias de desenvolvimento. Segundo observadores, os franceses poderão ter o terceiro maior arsenal nuclear do mundo, depois dos Estados Unidos e da União Soviética.

Um comunicado do Governo francês afirma que o seu representante na Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA), com sede em Viena, participará numa sessão para discutir o tratado, em Genebra, de 20 de Agosto a 14 de Setembro.

Em Helsínquia, organizações não governamentais para o desarmamento nuclear, em representação de 44 países, incluindo pela primeira vez delegados do Leste europeu, congratularam-se pela obtenção da maioria dos seus objectivos após vários anos de contestação política.

Com os progressos hoje registrados no desarmamento, vários oradores apelaram perante os 1 400 delegados que participam na 9ª convenção europeia para a ampliação do movimento pacifista a questões como o ambiente e o desenvolvimento económico.

Uma das questões também abordadas foi a necessidade de criar um novo sistema de segurança pan-europeu que ultrapasse o actual sistema de alianças militares.

Redacção DL / Lusa

Diplomata italiano diz que as pessoas não confiam nas promessas das autoridades

Mais de 200 albaneses refugiam-se em embaixadas estrangeiras

Os cerca de 200 refugiados albaneses nas embaixadas estrangeiras em Tirana continuam sem dar resposta à oferta do Governo para abandonarem as missões diplomáticas em troca de passaportes que lhes permitirão deixar o país.

Segundo a agência noticiosa húngara, MTI, nenhum dos refugiados aceitou até agora a oferta feita pelo Governo, que lhes garante segurança e concessão de passaportes para abandonarem a Albânia.

Na sequência de manifestações antigovernamentais realizadas na segunda-feira à noite em Tirana, pelo menos duas centenas de pessões saltaram os muros e derrubaram os portões de várias embaixadas estrangeiras em Tirana, para ali procurarem refúgio.

Segundo fontes diplomáticas, a polícia disparou contra as pessoas que tentavam entrar nas embaixadas estrangeiras, tendo ferido pelo menos quatro pessoas, num gesto que foi já condenado pelos Governos ocidentais.

Os refugiados encontram-se nas embaixadas da RFA, Itália, França e Grécia.

As mesmas fontes referiram que as pessoas que procuraram refúgio nas embaixadas da Bulgária, de Cuba e do Egipto foram entregues às autoridades albanesas.

Um diplomata italiano disse que as pessoas não confiam nas medidas de liberalização do regime de Tirana e que os refugiados, que pediram asilo político, são na sua maioria trabalhadores, para quem é praticamente impossível obter passaporte.

Os responsáveis da diplomacia italiana, que durante várias semanas encorajaram o processo de liberalização do regime albanês, não esconderam a sua inquietação perante os problemas que a fuga maciça de cidadãos poderá criar no processo de reformas encetado pelo Partido Comunista albanês.

O porta-voz do ministro dos Negócios Estrangeiros alemão federal, Hanns Schumacher, disse que os acontecimentos de Tirana vão ser hoje objecto de discussão em Bruxelas, por parte da Comunidade Europeia.

Schumacher revelou que o embaixador da Albânia em Bona foi chamado por duas vezes ao Ministério alemão federal dos Negócios Estrangeiros, para lhe serem transmitidos os protestos da RFA pela violação dos acordos diplomáticos internacionais.

O porta-voz acrescentou que o ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, Hans-Dietrich Genscher, ordenou a formação de um gabinete de crise, face à situação na Albânia.

Entretanto fontes governamentais em Bona afirmaram que a RFA vai hoje enviar um ou dois aviões a Tirana, para enviar mantimentos e auxílio médico aos 83 albaneses refugiados na sua embaixada em Tirana.

Um dos refugiados foi ferido numa perna pelos tiros das forças albanesas. Os outros sofreram contusões quando tentavam forçar os portões da representação diplomática oeste-alemã.

Uma bomba de fabrico artesanal foi ontem lançada para as instalações da embaixada de Cuba em Tirana, segundo a agência albanesa ATA, citada em Viena.

A ATA diz que a explosão do engenho fez estilhaçar os vidros das janelas e provocou outros estragos materiais. No entanto, não procovou vítimas. O icidente ocorreu às 22 e 30 locais (20 e 30 de Lisboa), precisou a ATA.

Para a agência oficial, este «acto terrorista» tem ligação directa com os acontecimentos na capital albanesa. As autoridades «farão tudo para encontrar os culpados e tomarão medidas de segurança para proteger a embaixada e o seu pessoal», acrescentou a ATA.

Redacção «DL»/AFP

CARTA DE WASHINGTON

A opção errada

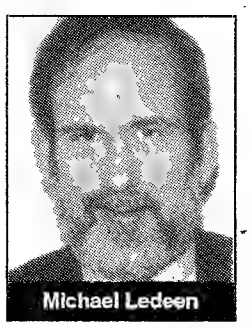
O curso dos acontecimentos ultrapassou os planos do secretário de Estado, James Baker. Mal tinha estabelecido o que esperava se viria a tornar uma relação de trabalho com a OLP, de Yasser Arafat, quando o líder palestiano se recusou a condenar a tentativa de atentado terrorista dos homens do seu camarada, Abul Abbas. Após algumas semanas de esforços inúteis para tentar convencer a OLP a mudar de opinião - ou, pelo menos, a alterar as suas declarações públicas -, os Estados Unidos viram-se obrigados a abandonar o «diálogo» com a OLP. De modo semelhante, mal a Administração Bush se empenhou, finalmente, numa firme demonstração de apoio ao presidente Mikhail Gorbachev, quando os sinais de uma rápida e, talvez, irreversível desintegração do sistema soviético e da própria URSS se tornaram evidentes para todos, até para a revista «Time», que, apenas há alguns meses atrás, proclamava o «camarada» Gorbachev o «homem da década».

Na verdade, ambos estes acontecimentos deveriam ter sido previstos pelos especialistas da Administração Bush. A relutância da OLP em condenar os atentados era bem conhecida do secretário de Estado, pois fora ele que instruira os diplomatas norte-americanos a trabalharem com os dirigentes da OLP na redacção de uma declaração oficial sobre o terrorismo, que pudesse conciliar as exigências dos EUA quanto a uma condenação por parte dos palestinianos com a posição de muitos elementos do Conselho da OLP no sentido de considerarem o terrorismo como arma legítima na luta contra Israel. O fracasso em prever a crise nas relações entre os EUA e a OLP sugere que, pelo menos nesta questão, a diplomacia americana se baseou tanto na esperança como na análise dos factos, o que constitui uma fórmula desastrosa para todas as actividades humanas, excepto nos romances.

O mesmo se poderá dizer relativamente aos crescentes indícios de desintegração no outro lado do Oder-Neisse. Logo no início do seu mandato, o Presidente fora informado da possibilidade de uma ruptura iminente no Império soviético. Por muito que alguns dos analistas pró-Gorbachev, em Washington, falassem, o Presidente teve acesso a uma gama diversificada de opiniões, e apercebeu-se, seguramente, de que as previsões de crise tinham muito mais credibilidade do que as que antecipavam o êxito da «perestroika». Todavia, Bush e Baker decidiram que tinham a obrigação de dar o máximo apoio a Gorbachev.

Mas mesmo isto poderia não ter sido um erro grave se também tivessem tido o cuidado de manter boas relações com alguns dos opositores de Gorbachev (sobretudo Yeltsin), e dado, pelo menos, algum apoio verbal às legítimas reivindicações de independência por parte da Lituânia, Letónia e Estónia.

De forma paradoxal, o fracasso da tentativa de diálogo com a OLP ajudou muito os israelitas, que se opuseram violentamente à iniciativa, desde o início. E o fracasso de Gorbachev veio beneficiar bastante os seus adversários, desde Yeltsin até aos homens e mulheres heróicos de Vilnius. É possível, claro, que, em ambos os casos, Bush e Baker tenham antecipado estes resultados, e planeado as suas tácticas para esse efeito. Mas o seu comportamento - em particular as críticas públicas de Baker a Yeltsin - parece indicar que estavam a agir de boa-fé, e não de modo maquiavélico.


Michael Ledeen

A situação embaraçosa na qual o presidente e o secretário de Estado agora se encontram constitui uma consequência inevitável sempre que os políticos americanos prescindem das forças da democracia a favor dos seus inimigos, ou daqueles que distorcem o sentido da liberdade.

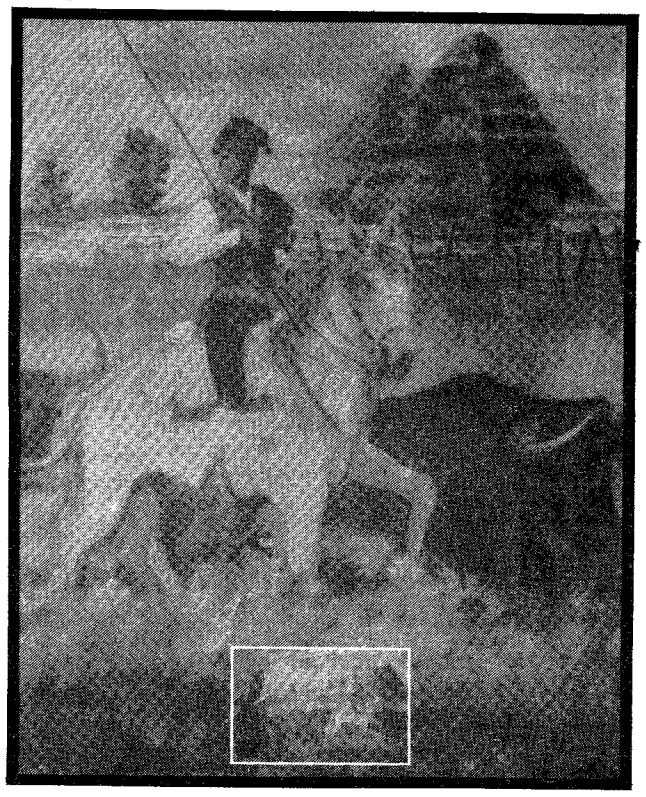
Quaisquer que sejam os problemas entre os Estados Unidos e Israel, constituem problemas entre duas democracias, enquanto a OLP é tudo menos democrática. E, na União Soviética, os líderes bálticos falam em nome das aspirações legítimas dos seus próprios povos, enquanto Gorbachev nunca venceu umas eleições livres e universais.

Quando os nossos dirigentes comprometem os nossos princípios fundamentais, o resultado é, inevitavelmente, um desastre, e foi isso que aconteceu nestes dois casos paralelos.

Tradução de Isabel Joyce

COLETE ENCARNADO

6, 7 e 8 de Julho de 1990



Programa

6 de Julho - Noite da Juventude; Concerto
7 de Julho - Regatas, Entrega do Pampilho de Honra, Espera e Largada, Animação Musical, Baile Popular, Passagem Nocturna, Noite e Garraiada da Sardinha Assada
8 de Julho - Espera e Largada, Animação Musical, Concerto no Jardim, Corrida de Toiros, Fogo-de-Artifício e Encerramento

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Comissão Municipal de Turismo

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES — EP

DIRECÇÃO DE TRANSPORTES
GABINETE DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO

ANÚNCIO

CONCURSO PARA PRÉ-QUALIFICAÇÃO DE EMPRESAS OU GRUPOS DE EMPRESAS CANDIDATAS À ELABORAÇÃO DE ESTUDOS E PROJECTOS DE EXECUÇÃO DE INSTALAÇÕES FERROVIÁRIAS NA REDE DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

1 — Os Caminhos de Ferro Portugueses, EP, propõem-se modernizar a sua rede dotando-a de novas instalações de estações e troços de plena via através da realização de estudos e projectos de execução de instalações ferroviárias.
Para os referidos projectos serão convidadas as empresas ou grupos de empresas que forem selccionadas no concurso de pré-qualificação.
2 — As condições para pré-qualificação podem ser consultadas pelos candidatos, às horas normais de serviço, a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio, podendo ser fornecidas cópias das mesmas contra o pagamento de 5000$00, a pagar em dinheiro, na seguinte morada:
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DIRECÇÃO DE TRANSPORTES
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA, 1.º ANDAR, PORTA 175-F
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO

1196 LISBOA CODEX
3 — A recepção dos pedidos de candidatura terá lugar até às 17 horas do dia 03 de Agosto de 1990, na morada indicada.
Os pedidos de candidatura, apresentados em triplicado, deverão ser dactilografados ou impressos e em língua portuguesa.

Caminhos de Ferro Portugueses

Debate político já se iniciou em Cabo Verde

São Nicolau está à espera da oposição

Do nosso enviado especial a Cabo Verde

Dois acontecimentos no passado fim-de-semana romperam com a rotina da população de São Nicolau, uma das ilhas do barlavento do arquipélago de Cabo Verde. O primeiro-ministro e ministro das Finanças, Pedro Pires, tinha programado uma viagem à vila da Ribeira Brava, o centro administrativo da ilha, para a inauguração das novas instalações do Banco Nacional de Cabo Verde. Foi adiada. É que a visita coincidia com o outro acontecimento: a chegada de uma delegação do Movimento Para a Democracia (MPD), considerada a principal força da oposição, com o objectivo de estabelecer os primeiros contactos com a população local.

Mas também este segundo acontecimento gorou as expectativas, sobretudo as dos dirigentes de São Nicolau. Devido ao cancelamento do voo dos TACV - a companhia aérea cabo-verdiana - a delegação não chegou à ilha. Segundo Mateus Lopes, nomeado recentemente delegado do Governo em São Nicolau, as expectativas justificavam-se «porque até ao momento não se sabe quem é que representa cá a oposição. Pensamos que se tratam de

«No PAICV, nunca se pôs em questão a legitimidade do partido como força dirigente do país»

quadros desligados do partido. Esperávamos precisamente que a delegação do MPD chegasse para sabermos quais os seus contactos aqui».

O debate político já começou

Para além de São Nicolau, as ilhas do Sal, Brava e Maio aguardam ainda os representantes da oposição. «Não chegamos aí porque não somos profissionais da política como os representantes do PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde). Enfrentamos algumas dificuldades, sobretudo as económicas e as derivadas da descontinuidade geográfica do país. As nossas deslocações só podem efectuar-se durante os fins-de-semana, fora das nossas horas de trabalho», afirmou ao «DL» Teófilo Santos, um dos representantes do MPD, em contacto telefónico com a Cidade da Praia. «Mas isto não significa que não tenhamos apoios em São Nicolau e nas outras ilhas. Temos já pessoas que nos telefonaram a dizer que, depois de 15 anos de esquecimento a que foi votada a população local por parte do PAICV, a oposição está a começar a fazer o mesmo. Vamos lá no próximo fim-de-semana», acrescentou Teófilo Santos.

Um facto parece evidente no actual contexto político que se está a viver em Cabo Verde e que foi salientado por todas as pessoas com quem falámos. Se o regime pluripartidário no país ainda não foi instituído na lei, em termos práticos o debate já se iniciou e todos falam da oposição sem constrangimentos.

A «Voz do Povo», o principal orgão de Imprensa do país, próximo do Governo, publicou na sua última edição - a par de excertos da entrevista concedida ao «DL» pelo presidente Aristides Pereira - um comunicado do MPD refutando as «declarações recentes dos dirigentes nacionais, funcionários do PAICV e os comunicados das estruturas regionais de São Vicente e Santo Antão» em que acusam a oposição de «desrespeito pelas instituições», nomeadamente pelo presidente da República. O MPD, que tem acusado a Imprensa do Estado de não dar cobertura às suas actividades, considera ainda no referido documento que está a ser alvo de uma «evidente - mas já habitual - falta de isenção e objectividade da Comunicação Social, imposta pelo PAICV».

Mas Mateus Lopes, de 43 anos de idade, diz não temer a chegada da oposição a São Nicolau. «Tenho consciência da necessidade de uma oposição ao regime. Mas a meu ver , ele está a surgir de uma forma bastante arrogante, tentando fazer esquecer tudo o que de positivo o PAICV fez ao longo destes anos».

Pluripartidarismo é coisa nova

No actual clima de abertura política em Cabo Verde, parece evidente que as estruturas internas do PAICV têm sido bastante sensíveis às críticas formuladas por parte da oposição. O debate só agora se iniciou.

«Talvez não estejamos totalmente preparados para o pluripartidarismo», diz-nos Celestino Sanches, o primeiro-secretário do partido em São Nicolau. «Todos estamos de acordo com esse princípio, mas na prática é diferente. Vou dar-lhe o meu caso como exemplo. Quando aderi ao PAICV, depois do 25 de Abril, nunca se falou de pluripartidarismo, nunca se pôs em questão a legitimidade do partido como força dirigente do país, mesmo entre colegas meus que agora fazem parte da oposição. Depois fui tirar um curso de Ciências Sociais a Cuba e praticamente desconheço os países capitalistas. Portanto, o pluripartidarismo é, para mim, de facto uma coisa nova».

Em São Nicolau a população, iminentemente rural, tem seguido à distância este tomar de pulso entre o PAICV e a oposição. E, no passado domingo, a vila da Ribeira Brava estava praticamente deserta devido aos festejos de São Pedrinho (oito dias após a festa de São Pedro), com a população a dançar na praia mais próxima ao som de tambores que durante todo o dia não deixaram de soar.

Carlos Camponez, em São Nicolau

B R E V E S

Mandela quer cessar-fogo

Enquanto tenta minimizar os impacto das suas declarações sobre a necessidade de conversações directas entre o IRA e Governo britânico, Nelson Mandela encontra-se hoje com Margaret Thatcher, a quem vai pedir a manutenção das sanções contra a África do Sul, principal objectivo da sua viagem. Ontem, o vice-presidente do ANC, em entrevista à BBC, disse ser «muito provável» que o seu partido declare um cessar-fogo até ao final deste ano. «Uma vez que o Governo aceitou levantar os obstáculos às negociações, nós consideraremos uma cessação das hostilidades, uma trégua«, disse Mandela.

Morreram 1426 peregrinos no túnel de Mina

Na primeira declaração oficial sobre os números da tragédia, o ministro do Interior da Arábia Saudita, príncipe Nayef Ben Abdelaziz, disse ontem à noite que 1426 peregrinos muçulmanos morreram ontem no túnel de Mina, na maior catástrofe registada durante a peregrinação a Meca. Os peregrinos morreram asfixiados e pisoteados, na sequência de uma avaria nos dois gigantescos aparelhos de ar condicionado que faziam a ventilação do túnel (o qual tem cerca de 20 metros de largura e um quilómetro de comprimento), numa altura que a temperatura externa era de 43 graus centígrados.

Candidato brasileiro promete roubar

«Cansei-me de ser honesto e agora quero mudar de vida e enriquecer durante o meu mandato». É esta a «plataforma política» do comerciante brasileiro Almir Candury que concorre a um lugar de deputado federal pelo estado de Rondónia, proclamando-se como o «candidato da corrupção». Se eleito, Almir promete roubar mais que todos os deputados e distribuir parte da riqueza entre os seus eleitores. «Eu pago para que votem em mim e farei qualquer arranjo para conseguir ser eleito», admite o comerciante que já foi derrotado em várias eleições sempre com uma paltaforma de combate à corrupção.

MPLA e UNITA reunem-se em Portugal

A realização de uma terceira ronda de conversações para a paz em Angola, prevista para a segunda quinzena deste mês em Portugal, foi confirmada, em Kinshasa, pelo embaixador angolano no Zaire, Miguel Gaspar Neto.

O diplomata angolano não revelou o local nem a data prevista para as conversações entre o Governo de Angola e a UNITA, mas reafirmou o desejo do seu Governo de atingir rapidamente uma paz duradoira para Angola.

Entretanto a UNITA reivindicou um ataque à zona petrolífera do Soyo, província do Zaire, norte de Angola, com destruição de condutas e incêndio de poços de petróleo. Em comunicado ontem distribuído em Lisboa, os rebeldes angolanos advertem que «continuarão a desferir golpes, lá onde dói cada vez mais», enquanto Luanda «não se decidir a negociar seriamente o fim do conflito».

Em Luanda, o comité central do MPLA-PT distancia-se cada vez mais do modelo marxista-leninista de exercício do poder. No fim de uma reunião de cinco dias, o CC do MPLA-PT admitiu que o sistema político angolano poderá evoluir para um sistema multipartidário depois de existirem «condições objectivas de paz, establidade e segurança internas e o respeito pela história e realidades angolanas».

Ao definir agora o partido como «progressista de opção socialista», o presidente angolano, José Eduardo dos Santos, viu-se pressionado pelo orgão de direcção partidária para não se poupar a esforços a fim de «vencer os obstáculos que continuam a ser levantados» em busca de uma solução de paz com a UNITA.

Ainda nesta reuinão, o CC do MPLA decidiu «rejustar os métodos de orientação e controlo do Governo, tendo em conta a separação das funções do partido e do Estado».

Redacção DL/ Lusa

Rebeldes cercam Monróvia

Doe põe condições para se demitir

O Presidente liberiano, Samuel Doe, concordou em princípio demitir-se do cargo, enquanto os rebeldes travam confrontos com tropas governamentais no centro da capital, Monróvia, disseram fontes oficiais.

Doe foi aconselhado a demitir-se por uma delegação de políticos e pessoas do seu gabinete, acrescentaram as mesmas fontes.O Presidente liberiano dis-se que abandonará o poder na condição de ser garan-tida a sua segurança pes-soal e da sua tribo de mino-ria *krhan*, de acordo com a-quelas fontes.

Os residentes apressam-se a abandonar Monróvia, uns fugindo do avanço dos guerrilheiros, outros tentando alcançar as linhas rebeldes.

Estes continuam determinados a derrubar o Presidente Doe, ignorando repetidas ofertas de formação de um Governo provisório que integre a Frente Nacional Patriótica (FNP) liderada por Charles Taylor.Os Estados Unidos ofereceram-se para auxiliar Doe a fugir da Libéria. Este país mantém na costa liberiana quatro navios preparados para evacuar estrangeiros, se necessário.

Crê-se que, Doe, cuja saída do país é exigida pelos rebeldes, está barricado no palácio fortificado e defendido por tropas de elite.

Todas as ligações telefónicas e por telex com Monróvia foram cortadas quando os rebeldes apertaram o cerco à capital, controlando o último acesso por terra à cidade.

A maioria dos membros do Governo de Doe abandonaram o país, incluindo o ministro da Defesa.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Encontro directo Irão/Iraque abre perspectivas para a paz

Os ministros dos Negócios Estrangeiros do Irão e do Iraque, Ali Akbar Velayati e Tarek Aziz, tiveram ontem o seu primeiro encontro directo após dois anos de negociações mediadas pelo secretário-geral da ONU. Perez de Cuellar, que vê assim coroados de êxito os seus esforços no sentido de sentar à mesma mesa as duas partes em conflito, definiu o encontro como um importante passo em frente nas negociações.

Durante a reunião não foram abordadados os problemas directamente ligados com a aplicação da Resolução 598 do Conselho de Segurança da ONU, contudo os dois ministros concordaram em prosseguir a discussão dos pontos cruciais do tratado de paz proposto pela ONU. Aziz e Velayati reafirmaram ainda o seu apoio ao papel que Perez de Cuellar deverá representar para a aplicação da Resolução, reconhecida por ambos como a plataforma comum em que se desenvolverão os próximos contactos.

Acompanhando o clima geral de optimismo gerado em volta da reunião, Rádio Teerão afirmou que, «embora as divergências entre os dois países sejam sérias e profundas, elas são ultrapassáveis».

QUOTIDIANO

Os objectivos de Collor

A Universidade de Coimbra conferiu, esta manhã, o grau de Honoris Causa ao professor Florestan Fernandes. Eleito Deputado Federal, em 1987, o doutorado tem vindo a desenvolver uma intervenção na vida social brasileira. Para ele, «Collor tenta levar até ao fundo os objectivos da ditadura».

Diário de Lisboa — *Qual a herança cultural de Portugal do Brasil?*

Florestan Fernandes — O grau de enraizamento da transplantação cultural foi variável. Esta foi seleccionada pelo tipo de colonização portuguesa. As formas de exploração económica determinaram a implantação cultural. Talvez o Brasil seja o país no qual esta esta herança cultural foi a mais diferenciada e rica. Porque o processo de colonização abrangeu uma duração maior e envolveu os episódios da transferência da corte.

DL — *O que é que resta dessa cultura?*

FF — Isso varia muito. Não se pode falar numa camada cultura básica e que hoje seria luso-brasileira. Agora nos outros países, especialmente em África e Ásia, essa camada cultural básica é mais ténue. Mas ao mesmo tempo, foi aplicada com maior rigidez.

DL — *Assiste-se, actualmente, no Brasil a transformações no quadro político?*

FF — Tenho dúvidas. Estamos vivendo a última etapa da transição lenta, gradual e segura que a política da ditadura impôs ao país. Fernando Collor de Melo revelou-se na presidência um agente político de continuidade do sistema de poder mantido na ditadura. Temos uma contradição interessante. O que separa a vitória dele do candidato do meu partido, Luís Inácio Lula, são quatro milhões de votos, o que não é muito. E esse governo tenta levar até ao fundo os objectivos que a ditadura e o chamado Estado Novo não conseguiram realizar. E ele, provavelmente, poderá conseguir isso graças ao apoio norte-americano.

DL — *Quais as relações do cientista social com esse sistema político?*

FF — As relações que existem é que o intelectual sempre participou na política do Brasil. O que é novo é que a esquerda, que em 1945 foi expulsa do parlamento, está hoje tanto no parlamento como no exterior. O cientista social deve, no entanto, continuar a fazer pesquisa. Sem isso não é possível uma transformação inovadora da sociedade.

C.N.

Novos e velhos actores da transformação social

Cientistas reunidos em Coimbra falaram dos novos sujeitos sociais. As transformações de Leste foram o ponto fulcral da discussão

«Os novos sujeitos sociais» foi o tema central de ontem do 1.º Congresso Luso-Afro-Brasileiro das Ciências Sociais.

Assistiu-se a uma discussão acesa e interessante em torno de «novos» ou «velhos» actores. Face às transformações sociais ocorridas, em particular, nos países de Leste, as opiniões dividiram-se na identificação dos actuais agentes de sociedade: os media, os sindicatos, os partidos, as organizações internacionais, entre outros.

O debate centrou-se em torno de questões teóricas e metodológicas o que tem acontecido, na maioria dos temas para discussão deste congresso. Foram questionados os modelos de sociedades capitalistas, liberalistas e marxistas na tentativa de encontrar os novos sujeitos sociais. Manuel Villaverde Cabral, Universidade de Lisboa, e Boaventura Sousa Santos, Universidade de Coimbra, protagonizaram a divisão de opiniões.

Para Manuel Villaverde Cabral é pouco evidente a existência de novos agentes. O que passa pelo questionamento das próprias transformações sociais. Até que ponto há algo de novo é a pergunta.

Por sua vez, Boaventura Sousa Santos, entende que as transformações sociais são bem evidentes. O que implica, consequentemente, o aparecimento de novos sujeitos envolvidos nas estratégias de actuação, onde a comunicação assume um papel preponderante. «Temos de encontrar formas de luta, onde aqueles que ganham num lado, não tenham de perder noutro. Democracia sem fim é o fim da nossa transformação social», frisou.

Por parte da assistência, Juan Mozzicafredo subscreveu as opiniões de Manuel Villaverde Cabral. Aquele sociólogo entende que não se trata de constactar empiricamente a existência desses actores, porque há uma outra realidade. «Tem que se ver se a nossa sociedade produz ou não novos actores sociais», disse.

Apoiando Boaventura Sousa Santos, Florestan Fernandes aproveitou a oportunidade para defender o modelo marxista. Para ele, o socialismo «não está morto». Este sofre, antes pelo contrário, um processo de construção.

Os outros conferencistas foram José Arthur Giannotti e Ruth Cardoso, São Paulo, Gita Wech, Moçambique e Otavio Velho, Rio de Janeiro.

Não menosprezem as empresárias

As mulheres empresárias são uma realidade importante do tecido económico e social. Um estudo de Maria de Lurdes Rodrigues deu conta deste fenómeno em emergência. Dados de 1987 revelam que a taxa de feminização do sector empresarial é de 19,9 por cento.

O sexo feminino ascende à actividade das mais variadas formas. Num inquérito a 50 empresárias, realizado em 1989, verifica-se que grande parte, 35 por cento funda a sua própria empresa. Existem poucos casos de ascensão através da carreira. Viuvez, casamento e herança são outras das formas de acesso.

No mesmo grupo de trabalho sobre «Mulheres e transformação social — trabalho e política», Virgínia Ferreira apresentou uma comunicação sobre a transformação do espaço do escritório em função das novas tecnologias de informação.

Nas 616 empresas analisadas, instaladas em Coimbra, o grupo dedicado à transição de imóveis e prestação de serviços foi o que apresentou maiores diferenças. É o sector com maior taxa de feminização, 58,4 por cento — a média é de 50 por cento — há mais tempo informatizado e que descrimina menos as mulheres. De referir que é um sector chave no desenvolvimento das próximas décadas.

Os outros grupos de trabalho dividiram-se pelos seguintes temas: Estados e políticas públicas, teorias e práticas de pesquisa social, produção e inovação tecnológica, movimentos sociais e lutas operárias, conflitualidade urbana, formas de socialização e práticas educativas, economia e espaço transnacional, mulheres e transformação social — as representações e saúde e práticas médicas.

Céu Neves

Alerta da Associação de Recursos Hídricos

Compostos cancerígenos em águas portuguesas

«Há zonas do país onde se bebe, actualmente, água portadora de compostos cancerígenos mas não temos soluções e, por isso, não nos parece salutar que se alertem as populações». Esta, e muitas outras conclusões igualmente alarmantes, surgiram ontem, ao fim da tarde, numa conferência de Imprensa promovida pela Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos APRH), no Solar do Vinho do Porto, a propósito da qualidade da água que se bebe em Portugal.

Maria Luísa Gouveia, engenheira química e docente da Escola Nacional de Saúde Pública, autora das polémicas declarações, antecipa o ponto da situação da água *nacional* , um «caso bicudo», hoje na ordem do dia e que vai ser tema de debate a realizar pelos seis partidos com assento na Assembleia da República (PSD, PS, PCP, PRD, CDS e Verdes), a convite da APRH.

O forum, com a participação de vários especialistas na matéria e de todos os órgãos de decisão política nacional (leia-se: partidos políticos), vai debater o despacho ministerial que visa criar um Plano de Política Nacional do Ambiente, muito além dos recursos nacionais (exíguos) e «megalómano» até em relação às directivas comunitárias. Mais «papistas que o Papa», os portugueses debatem-se com um problema simples: querem saber administrar, em pouco tempo, o que não foi pensado em longas décadas. Temos que cuidar da água disponível (da que bebemos mas não só) e não dispomos de recursos financeiros capazes de fazer face ao estado de «degradação» a que deixámos chegar a sua incorrecta gestão.

A recente legislação, agora aprovada, não facilita, nem de perto nem de longe, segundo a APRH, uma «Lei das Águas».

É sabido que mais de metade da população portuguesa não dispõe, nos seus domicílios, de água potável - os nossos 56% de «credores de água consumível» rivalizam, e mal, com os 95% de «detentores de água pronta para consumo» dos parceiros comunitários.

Mais: existem regiões, no nosso país, onde João Bau, presidente da APRH, se recusa a beber água sem ser «de garrafa ou mesmo a comer uma simples sopa».

E isto porque, segundo Maria Luísa Gouveia, «há zonas do país onde a água que se consome tem uma elevada percentagem de cloro, mesmo junto à captação, sendo, desde logo, portadora dos consequentes compostos cancerígenos». «Esquecendo» mesmo a grande concentração de nitratos que tanto tem preocupado os responsáveis, em Estrasburgo, pela qualidade do líquido.

Já se não trata, tão só, do Trancão, do Ave e de muitos outros rios poluídos, das praias poluídas e do saneamento básico que ainda se desconhece por esse país fora. De águas de superfície, subterrâneas ou litorais. Nem sequer da agro-indústria, poluidora. A água, «problema nacional prioritário» requer a atenção de todos nós, em especial de quem de direito. Leia-se, admnistração central, Governo. Porque não bastam decretos leis, «impossíveis de serem cumpridos».

Há que repensar toda uma política de ambiente, de recursos hídricos e de gestão de água. Racional e exequível, portanto. Com futuro mas, sobretudo, passível de presente.

E.T.

O cloro e os nitratos adicionados à água podem comprometer a saúde pública, quando excedem determinados níveis de concentração

QUOTIDIANO

A mestiçagem aflora nas tendências

Algumas debilidades do vestuário foram compensadas pela excelente coordenação da moda. Um espectáculo impecável proporcionado pela Portex Primavera-Verão 91

No quadrado inscrito num fundo branco sobressai «Moments by Maconde», momento que corresponde à abertura da *Portex Fashion Show*. O ritual de anunciação da moda portuguesa. Ilumina-se a passarela e os modelos caminham com a desenvoltura de quem reconhece o seu território natural.

Depois da passagem da Supercorte, sem nenhuma história, vem a Profato com alguns prós e contras, dela retemos o corpo de João Carlos, esse manequim fabuloso que se passeia como uma pantera no Zoo. O casaco de xadrês, de aspecto mafioso, assenta-lhe impecavelmemte, na verdade qualquer trapo lhe fica bem. «Angie» dos Rolling Stones faz-nos esquecer a pobreza de Alexandre e nem sequer nos apercebemos de que City Jeans se encontra na berlinda.

Notório o tom orientalizante da LindaForma, as calças floridas e as rendas, estilo *naperon* de cozinha, da Eurotextil prendem-nos a atenção até que chega a SML com as suas peças claras e vestíveis. Quanto à Scottwool, duas vezes em foco, apresenta uns conjuntos de malhas muito aceitáveis. Merecem ainda destaque os fatos completos da Maconde, de regresso ao estrado para exibir o seu lado vincadamente clássico, e as inspirações «*sixties*» trazidas por L'Abito.

As debilidades do vestuário foram compensadas pela excelente coordenação de moda da dupla Eduarda Abbondanza/Matos Ribeiro que nos proporcionaram um espectáculo impecável, salvo na parte final onde o discurso se compromete com uma mensagem mal resolvida em termos estéticos.

O que se revelou depurado e inteligente resvala para a pieguice inconcebível dos ursinhos de peluche, no melhor pano cai a nódoa o que não invalida a qualidade global do trabalho. Sem sombra de dúvida, ou de pecado, que contribuíram para insuflar no *show* da Portex uma enérgica dose de bom gosto, à altura das manifestações internacionais similares. Limparam-no das excrecências pirosas, aderindo a um esquema linear, prova cabal de que a simplicidade funciona. Isabel Branco, responsável pela coreografia, foi a colaboradora ideal.

Resta-nos falar das tendências de moda da Portex Primavera-Verão 91 que gravitam em torno de grandes temas: a arqueologia, a serenidade, o infinito, a antropologia e o mediterrâneo. Privilegiam o ambiente artesanal, as cores sóbrias, as formas amplas associadas a *stretchs* perto do corpo, a omipresença das texturas. Detidas na pureza do branco, na quase ausência de padrões, na sobreposição de linhas, numa imagem feminina natural e fluida, buscam a serenidade.

O azul declinado e combinado de todas as maneiras possíveis sugere as cambiantes do infinito. Aí observa-se um abuso de estampados que evocam certos azulejos, mapas náuticos e moedas antigas. Ao convocarem as máscaras primitivas africanas, a magia das savanas, as tatuagens, os *batiks*, as *djellabas*, os ponchos e os *sarongs*, remetem para o campo da antropologia. Mobilizam ainda algumas referências mediterrânicas, presentes nos cruzamentos da indumentária cigana e andaluza.

Bruno Neves

Sob o signo dos elementos

Exercícios de estilo

Na Portex, os jovens estilistas tiveram oportunidade de apresentar os seus exercícios de moda que me pareceram, salvo raras excepções, um tanto incipientes e irrealistas.

Atendendo à necessidade de estimular os principiantes, foram atribuídos cinco prémios no valor total de 1600 contos. O primeiro, de 500 mil escudos, coube a Luís Buchinho, mas também Paula Pimenta, Miguel Luis Barroso, Betina Gonçalves e Ana Negrão surgem incluídos, por ordem decrescente, na lista dos contemplados.

Bruno Neves

Um aspecto das propostas dos estilistas

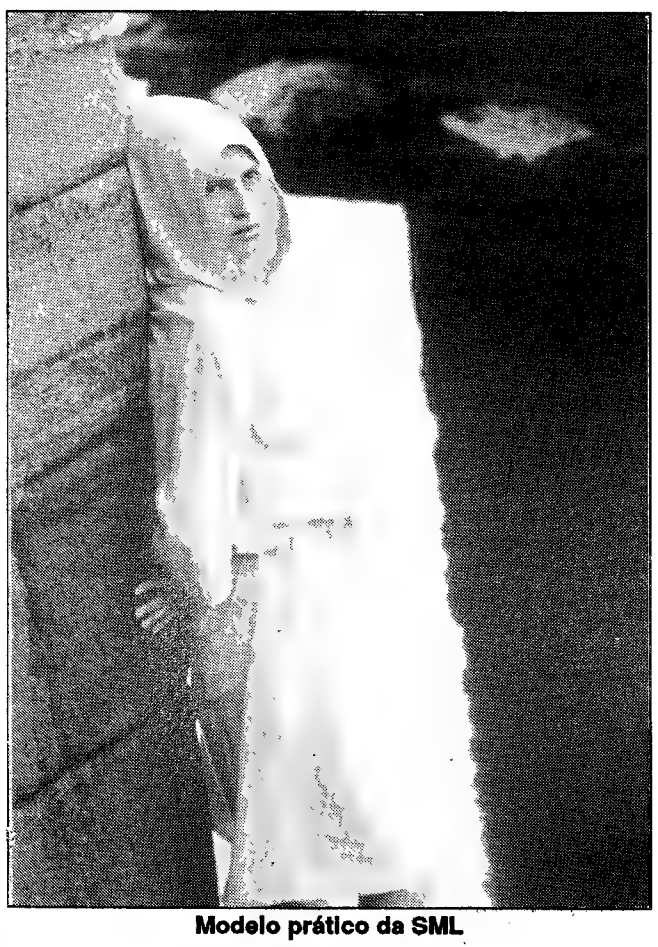
Um júri, composto de jornalistas estranjeiros, concedeu o primeiro prémio (vestuário masculino) à firma Eccetera Uomo. Na roupa feminina, equiparou L'Abito e Oficina da Moda, tendo ainda distinguido, com o segundo, a empresária Lena Morgado, da SML.

«Uma colecção muito comercial», declarou Lena Morgado, que a tinha já testado numa exposição, de carácter particular, na Finlândia. «É-me difícil dizer se correu bem porque sou um pessoa demasiado exigente», acrescentou. Esta industrial, de origem nórdica, acredita no futuro, a concorrência europeia não lhe mete medo. «Talvez seja excesso de confiança, mas acho que a entrada de Portugal na CEE não me vai acarretar problemas. Atravessei uma crise grave em 1988, quase que perdi a esperança... neste momento é visível a recuperação.

Dentro em breve espero lançar a minha marca em França, os contactos estabelecidos e os pedidos de amostras indicam a provável conquista de novos clientes. Refiro-me, para além dos franceses, aos espanhóis e alemães».

Na vasta e eclética colecção de Lena Morgado predominam os azuis. Ela acredita no «come back» da cor turquesa que é a cor dos seus olhos. «Concebi uma colecção destinada aos mais diversos mercados», sublinha.

Lourdes Féria



Modelo prático da SML

Acertar ao passo

Consciente das dificuldades que se avizinham, a Portex tenta acertar o passo com as feiras internacionais do sector têxtil, apostando numa imagem mais cuidada e atraente. Demonstra vontade de progresso e empenha-se numa luta pela sobrevivência, pois está em jogo a vida de muitas pequenas e médias empresas. «Regista-se uma nítida evolução na área do *design* que durante muitos anos constituiu um dos nossos pontos fracos.

Os clientes já não vêm à procura do mercado básico e barato, sabem que também encontram aqui interessantes ofertas de moda. Podemos dizer que encaramos o futuro com optimismo, apesar da forte concorrência nos impedir o crescimento desejável». As palavras de Manuel Serrão, vice secretário-geral do Gabinete Portex não destoam do panorama que apreciámos na Exponor, lugar onde durante três dias cerca de 180 expositores mostraram as suas colecções para a Primavera e Verão de 1991.

Institucionaliza-se a preocupação com o *design*, mas a feira não foi muito concorrida. Aos industriais, e alguns deles queixaram-se da situação, compete extrair as conclusões decorrentes do facto, talvez seja a hora de repensarem as estratégias ou de se prepararem para o pior.

No entanto, todos são unânimes em proclamar que o vestuário reforçou a sua posição no conjunto das exportações nacionais. Se em 1985 atingiam 42,5%, os números referentes a 1989 rondam os 69,8%, apesar da ligeira quebra registada em 1988 no que toca a volume e a valor nominal.

Na recuperação, entretanto verificada, pesa o mercado espanhol, o que de resto esta feira confirma, embora o protagonismo incida ainda nos países que tradicionalmemte sempre foram nossos compradores. República Federal da Alemanha, Reino Unido e França dividem entre si mais de metade do montante das exportações portuguesas.

Graças à experiência, não existe escola melhor, a indústria têxtil nacional já se convenceu da necessidade de adoptar uma política comercial mais agressiva e de incorporar a componente moda. Já se mentalizou de que sem produzir moda de qualidade não vai a lado nenhum. Convém que, de uma vez por todas, abandone o seu papel de mercado receptivo às encomendas a feitio, que alcance dentro da comunidade europeia o estatuto de parceiro, competindo de igual para igual, numa plataforma de paridade.

Vender roupa com a etiqueta «Made in Portugal», de molde a valorizar-se sem equívocos um discurso português no plano da moda. É o desafio, a meta a atingir.

L.F.

QUOTIDIANO

Agricultores destroem fruta estrangeira

Fruticultores da região Oeste espalharam, na estrada, a carga de um camião, em sinal de protesto contra a liberalização das importações. E no Algarve, os ânimos aquecem

Os produtores de fruta estão em estado de alerta contra a liberalização das importações. No Algarve sobe o tom dos protestos e, na região de Torres Vedras, o cenário é mais grave.

Com efeito, os fruticultores da Zona Oeste que ontem, em Delgada (Bombarral), retiveram dois camiões com fruta estrangeira, começaram cerca das 23 horas, a destruir a carga transportada pelos veículos, apesar da presença de forças da GNR.

Um dos agricultores presentes adiantou que os produtores tomaram aquela decisão em protesto pela importação de fruta estrangeira a baixos preços, prejudicando assim a produção nacional.

Júlio Sebastião, presidente da Associação dos Agricultores do Oeste, que pretendia que a retenção dos camiões fosse apenas um «primeiro aviso ao Governo», não conseguiu demover os ânimos exaltados do milhar de fruticultores presentes, que assim iniciaram a destruição da fruta

Júlio Sebastião: «A situação vai agravar-se»

estrangeira, espalhando-a na estrada junto a Delgada. Os dois camiões estavam carregados com caixas de origem sul-africana.

Segundo Júlio Sebastião, a pêra rocha que se produz na região Oeste tem um custo de produção de 35 escudos o quilo, tendo havido fruticultores que já a venderam a 20 escudos o quilo.

No domingo, no Bombarral, vai realizar-se uma assembleia geral de agricultores e, não opinião de Júlio Sebastião, a «situação irá agravar-se».

Apesar da presença de efectivos da GNR, Júlio Sebastião esclareceu que não se registaram quaisquer incidentes.

Preocupação no Algarve

Também os agricultores algarvios estão preocupados com a importação de fruta. Um despacho noticioso de Faro informa que a Associação dos Fruticultores do Algarve pediu, ontem, a revisão da deliberação governamental sobre a liberalização da compra de fruta estrangeira.

Em comunicado, a associação afirma que essa medida, a concretizar-se, levaria os agricultores algarvios a ter que abandonar a sua actividade por «incapacidade momentânea em competir com outros países».

«Uma tal medida contribuirá para a total falência» dos agricultores, refere a associação, recordando o esforço desenvolvido na reconversão das culturas e os encargos assumidos com os empréstimos «a juros elevadíssimos».

Contra a liberalização das importações de fruta se pronunciou, igualmente, a Associação dos Viticultores do Algarve, apelando ao Governo para a necessidade «urgente» de anular a medida e fazer cumprir «as normas legais que controlam as importações».

B R E V E S

Câmara de Lisboa avança contra toxicodependência

A Câmara Municipal de Lisboa vai dar hoje mais um passo na prevenção da toxicodependência com a aprovação de um protocolo de cooperação com a Faculdade de Psicologia do Porto. A questão vai ser apreciada esta tarde na reunião de vereadores, que se prevê calma, depois da retirada da ordem de trabalhos, para reformulação, do controverso «Projecto Tivoli». A prevenção da toxicodependência é considerada uma questão essencial pelo presidente da Câmara, Jorge Sampaio, para mudar a vida da cidade.

Ano lectivo inicia-se entre 17 e 29 de Setembro

O próximo ano lectivo inicia-se entre 17 e 29 de Setembro e terá a duração de 197 dias para as escolas que funcionem aos sábados e 167 dias para as restantes, com excepção do 12º ano, cujas aulas terão de terminar a 8 de Junho, determina um despacho do Ministério da Educação, ontem publicado. O diploma estipula ainda o período entre 15 de Dezembro e 2 de Janeiro para as férias do Natal. O Carnaval será gozado, pelos alunos, entre 9 e 16 de Fevereiro e a Páscoa entre 23 de Março e 7 de Abril.

Homenagem a Mário Castrim

Um grupo de antigos colaboradores do «Diário de Lisboa/Juvenil» e outros amigos do jornalista, escritor e crítico de Televisão Mário Castrim vão prestar-lhes homenagem por ocasião da passagem do seu 70º aniversário. Entre eles, figuram o professor universitário José Mariano Gago, o jornalista Carlos Pinhão e o também jornalista e escritor Leandro Martins. A homenagem consiste num jantar que se realizará no próximo dia 27, na Casa do Alentejo, em Lisboa, às 20 horas. As inscrições para este jantar podem fazer-se, desde já, entre as 9 e as 12.30 horas e as 14 e as 18.30 horas, para os seguintes telefones: 3469231, 3474870 e 352161.

O declínio da natalidade e o envelhecimento da população portuguesa atingiram níveis graves

Estamos a desaparecer

O acentuado declínio do crescimento natural da década de 80, a rápida queda da fecundidade e o próprio «envelhecimento da fecundidade» fizeram com que os valores demográficos em Portugal se equiparem aos mais baixos da Europa «registando mesmo níveis inferiores a alguns deles», disse, esta manhã, o Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional.

Bagão Félix, que falava na abertura do colóquio «A família no limiar do ano 2000», na Fundação Gulbenkian, afirmou que o enorme declínio do crescimento natural, na década de 80, está a processar-se a uma taxa média de dez por cento ao ano (de 63500 indivíduos de crescimento natural, em 1980, para 24200 indivíduos, em 1988).

«Este facto - segundo o governante - é explicado substancialmente pela rápida queda da fecundidade e pelo envelhecimento da fecundidade». Bagão Félix forneceu números preocupantes: a taxa de fecundidade atingiu em 88 o valor de 1,5 crianças/mulher contra 2,2 em 1980. Na sua opinião, «o nível actual é manifestamente inferior ao necessário para assegurar a substituição das gerações que é de 2,1 filhos por mulher».

Outro aspecto importante apontado por Bagão Félix é «o envelhecimento da fecundidade, traduzido pelo recuo da fecundidade das jovens e a deslocação das suas taxas máximas do grupo etário dos 20-24 anos para a faixa dos 25-29 anos.

Mas o problema não fica por aqui. O secretário de Estado afirmou que a taxa de nupcialidade também registou um recuo - cerca de 11 casamentos em 1975 para 6,6 em 1988, à semelhança do que se passa na Europa Comunitária (5,9). Isto, não obstante os «nascimento fora do casamento» que em 1960 eram 9,5 por cento e que em 1988 foram de 13,7.

«Em virtude de todos estes factores - acrescenta Bagão Félix - a dimensão média das famílias portuguesas diminuiu para 3,3 pessoas, quando em 1960 ainda atingia 4,1 pessoas (valor que, actualmente, só se verifica no distrito de Braga).»

«As famílias com uma só pessoa constituem agora 12,9 por cento do total (contra 10 em 1970) e as famílias constituídas apenas por pessoas de 65 e mais anos constituem 12,6 por cento das famílias totais», acrescentou o governante. Como se não bastasse o grau de envelhecimento cresce a olhos vistos. Segundo as «projecções realizadas» e anunciadas pelo secretário de Estado, «estima-se que a população com mais de 65 anos atinja, no ano 2000, 14,1 por cento da população total contra 11,8 em 1985, ao mesmo tempo que a população até aos 14 anos desce de 23,3 por cento para 19,2.»

O secretário de Estado referiu ainda que «eleva-se já para nove o número de distritos que em 1988 tinham uma taxa média anual de crescimento anual de crescimento demográfico negativa (Beja, Bragança, Castelo Branco, Évora, Guarda, Portalegre, Santarém, Vila Real e Viseu), quando em 1980 apenas cinco distritos (Beja, Castelo Branco, Évora, Guarda e Portalegre) manifestavam já aquela tendência.

Não obstante estes preocupantes números, Bagão Félix considera que «a família deve assumir-se como um elemento activo da mudança e não como elemento passivo à espera da intervenção ou dirigismos externos».

«É, no entanto dever do Estado cooperar, apoiar e estimular o desenvolvimento pleno das funcções específicas das famílias, não devendo substituir-se, todavia, no que lhe é e deve ser próprio», acrescentou.

Para o secretário de Estado «mais do que privilegiar a relação, tendencialmente interventora, Estado/Família, devem criar-se as condições para fortalecer a razão de ser da própria instituição familiar, baseada nos valores da liberdade, da autonomia e da solidariedade».

O colóquio «A família no limiar do ano 2000», organizado pela Direcção Geral da Família, termina ao fim da tarde de hoje, com a presença do Ministro Silva Peneda.

Enérgico, voluntarioso, de palavra fluente, Pedro Pires move-se na política palaciana da Praia com perícia estratégica s à que outrora o caracterizara como chefe militar. Para ele, o debate político não constitui apenas o dever exigido pela mas um prazer que corresponde a vocação assumida com naturalidade. Diz-se que é o «pai fundador» da abertura p cabo-verdiana, o que, mesmo que não seja exacto, é, pelo menos, credível.

Cabo Verde não exige de ninguém o pagamento de nenhuma dívida

Declarou ao «DL» o primeiro-ministro cabo-verdiano

«Não atribuimos a ninguém a responsabilidade dos nossos problemas, ou os nossos erros. Evitamos uma atitude de dependência mental, ou uma atitude de pedir ou de exigir. Ninguém tem dívidas para connosco. Não devemos exigir de ninguém o pagamento de nenhuma dívida», declarou o primeiro-ministro de Cabo-Verde, Pedro Pires, em entrevista concedida ao director do «DL», na Cidade da Praia.

Enérgico, voluntarioso, de palavra fluente, o dirigente político do PAICV move-se na política palaciana da Praia com perícia estratégica semelhante à que outrora o caracterizara como chefe militar. Não se furta às questões, quando muito contorna-as, com habilidade. Nado e criado para a política em regime de partido monopolista não precisará dé reconverter-se para se adaptar à democracia pluripartidária. É uma daquelas pessoas para quem o debate político não constitui apenas o dever exigido pela função, mas um prazer que corresponde a vocação assumida com naturalidade. Diz-se, aliás, que é o «pai fundador» da abertura política cabo-verdiana, o que, mesmo que não seja exacto, é, pelo menos, credível.

DL - *Nas décadas de 60 e 70, havia uma grande esperança em relação à evolução da África e do Terceiro Mundo em geral. Quer comparar as suas esperanças dessa época com a evolução global da África e do Terceiro Mundo, desde então até aos nossos dias?*

PP - É difícil comparar as esperanças de outrora com a realidade de hoje. Primeiro, porque as pessoas são diferentes: aprende-se sempre... Na euforia da libertação, julgávamos que a independência podia trazer solução aos diversos problemas. Hoje podemos verificar que os resultados não correspondem ao que nós esperávamos. O processo não é mecânico, nem determinista. É algo de muito mais complexo e nele intervêm factores que não podemos controlar...

Francamente, tenho dificuldades em fazer avaliação, mas creio que a África avançou, historicamente, e criámos condições para a solução desses problemas. Resta saber se a solução será simples ou será complexa, se será sem dor ou com dor. Essa é a questão...

DL - *Em termos de crescimento, no quadro das relações Norte-Sul, pode dizer-se que a evolução da últimas décadas foi uma decepção, no sentido em que se agravou o fosso entre os países mais ricos e os mais pobres...*

PP - Os resultados não são positivos, e não são aqueles que se esperavam, mas a questão não é a avaliação do resultado. O importante é saber porque motivo os resultados são esses, e quais as mudanças que tiveram lugar no mundo, que levaram a isso.

Em primeiro lugar, os projectos de desenvolvimento não eram realistas e não se teve em conta elementos de extrema importância como o factor cultural, a estrutura social e a capacidade da assimilação tecnológica das populações. Por outro lado, tentou-se um desenvolvimento, com base no certo tipo de industrialização, mas sem se dar o devido valor à própria agricultura e aos próprios recursos humanos.

O elemento fundamental para se dirigir o país é uma experiência de direcção. Ninguém é dirigente, político ou económico, sem ter uma experiência. Uma coisa é o que se aprende na Universidade e outra é o que se aprende com a vida, com a prática. Uma coisa é conceber um projecto, outra coisa é pôr esse projecto em prática. Ora, se analisarmos onde nasceu o movimento independentista da África e quais são os seus principais protagonistas, verificamos que nasceu, em grande parte, no meio dos professores, na Universidade, mas onde é que estavam os quadros gestores? Não os víamos.

É a própria prática colonial que estava na base de tudo isso, porque ela significava afastar o colonizado da possibilidade de dirigir, de gerir. Ora, quando ele vem gerir, dirigir, não tem experiência nenhuma, é um elemento inexperiente. Quantos quadros experientes? Quais eram os institutos de estudos e de reflexão? Quais eram as universidades? Onde é que estavam, em África, os centros de produção de ideias de reflexão? Não existiam. Eu creio que se queria fazer o desenvolvimento de África, sem os instrumentos fundamentais, que seriam de um lado, os partidos políticos, mas, do outro lado, esses centros de reflexão e de produção de ideias, como as universidades, os centros de estudos, etc.

Há que analisar os instrumentos de que dispunham os africanos nessa altura. O exército pode alguma vez fazer política, promover o desenvolvimento do país? É claro que não. Não eram os exércitos coloniais que iriam resolver esses problemas, nem os regimes saídos de golpes de estado militares. Julgo que o fenómeno é outro.

Outro elemento importante é a revolução tecnológica no Ocidente, bem como os seus reflexos na mudança da estrutura económica e do comércio internacional. Em dado momento, os africanos assentaram o seu processo de desenvolvimento na exploração dos recursos naturais, mas houve, entretanto, uma desvalorização dos recursos naturais. Não se pode negar isso. Outro dado importante, foi a desvalorização da chamada mão-de-obra barata, após a revolução tecnológica. Hoje, os elementos fundamentais para o desenvolvimento da economia são dois: a tecnologia, o *know-how*, por um lado, os recursos financeiros, por outro. Se tivermos esses dois elementos, podemos fazer tudo. Por isso, considero que se deve ser mais benevolente com os africanos do que se tem sido...

As riquezas africanas não estão nas mãos dos africanos

DL - *Até aqui ponderou sobretudo os factores internos dos países africanos. Em que medida são responsáveis por essa ausência de desenvolvimento em África as próprias políticas dos países industrializados?*

PP - Está claro que sim. Quando analisamos a situação económica em África, verificamos que as riquezas africanas não estão nas mãos dos africanos, mas também devemos ter em conta factores relacionados com o próprio sistema internacional e com o próprio africano, que muitas vezes não deposita a sua riqueza em África, porque - é a minha impressão - ele não confia no seu próprio país.

As relações económicas e financeiras internacionais contribuíram, em parte, para a situação existente, mas não podemos atribuir aos outros a causa de todos os nossos males. Os elementos externos têm um grande impacte nos resultados, mas os factores internos não podem ser subavaliados. Há uma interacção entre os dois factores, mas o interno é que deve ser determinante. Sem uma vontade, sem uma política e sem os instrumentos de desenvolvimento, não se pode ter desenvolvimento.

Por outro lado, eu atenuo um pouco essa responsabilidade interna, porque os africanos não tinham nem a experiência, nem o saber fazer, nem os instrumentos indispensáveis, nem os recursos humanos necessários para a aplicação de uma verdadeira política de desenvolvimento. Há muitas limitações, mas a África, do início dos anos 60, era diferente da de hoje. Hoje possui recursos humanos, possui universidades e escolas superiores, tem uma elite, uma classe operária e uma relativa cultura tecnológica. Estão criadas algumas condições, para um processo de desenvolvimento diferente, mas, está claro que carece de recursos financeiros e conhecimentos tecnológicos indispensáveis, mas há condições para a promoção do desenvolvimento africano, desde que se encontrem internamente unidas as forças sociais e políticas interessadas nesse processo.

DL - *Cabo Verde tem sido apontado, mesmo por técnicos estrangeiros e funcionários internacionais, como uma excepção positiva no quadro da África e do Terceiro Mundo, isto é como uma espécie de laboratório de desenvolvimento...*

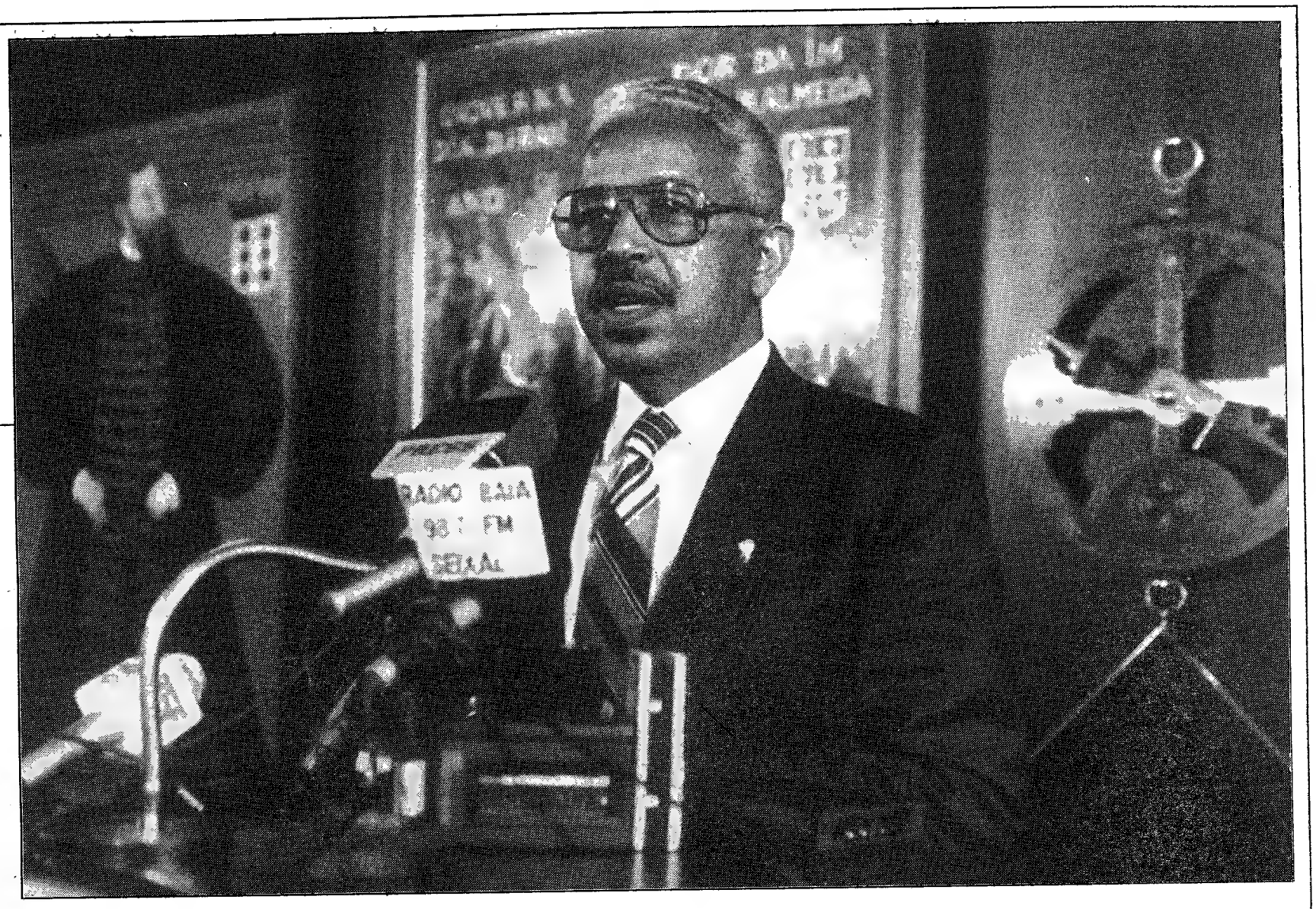
PP - Cabo Verde é um país pequeno, insular, com características próprias. É bem possível que não possa servir de exemplo para outras experiências. De uma maneira ou de outra, trata-se, do nosso ponto de vista, de um caso especial, com todas os seus aspectos económicos, sociológicos, físicos e culturais. Tem-se procurado tirar proveito de tudo isso.

No entanto, construir uma economia pequena, como a nossa, apresenta muitas dificuldades e constrangimentos. Os nossos resultados, na globalidade, são positivos. Devemos ter em conta que recebemos bastante apoio mas também trabalhamos para isso, porque, desde início, procuramos gerir bem os apoios que recebemos. Criámos as condições para que fôssemos ajudados

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

gica semelhante
o pela função,
tura política

em
a



ode
uo
bili-
afri-
n a
ber
tos
re-
rios
ma
de-
itas
do
fer-
ssui
ssui
su-
ma
rela-
Es-
con-
o de
nte,
e de
nhe-
dis-
ções
sen-
esde
nter-
rças
eres-

sido
nicos
ários
a ex-
o da
ndo,
labo-
o...
país
car-
bem
ervir
s ex-
heira
, do
e um
as os
licos,
ultu-
tirar

uma
mo a
difi-
men-
os, na
tivos.
que
poio,
amos
e iní-
bem
mos.
para
dos.

INA

Queremos um país com prestígio e credibilidade, que são factores importantes nesse processo, na perspectiva do nosso relacionamento com os nossos parceiros de desenvolvimento.

Mas o país não conseguiu ainda resolver vários problemas estruturais, porque, temos uma taxa de crescimento da população extremamente elevada, temos um país muito jovem: 56 por cento da população tem menos de 20 anos. A nossa exportação ainda é reduzida em relação às importações. A nossa capacidade produtiva ainda é muito baixa. Estamos a fazer um esforço, no sentido de mudança, daí que tenhamos reorientado a nossa própria política de desenvolvimento económico.

Estamos a procurar, enfim, tirar proveito da situação geoeconómica do país. Procurámos, desde o início, assumir plenamente as nossas responsabilidades, sem atribuir a ninguém a responsabilidade dos nossos problemas, ou os nossos erros, e evitar uma atitude de dependência mental, ou uma atitude de pedir ou de exigir. Ninguém tem dívidas para connosco. Não devemos exigir de ninguém o pagamento de nenhuma dívida, mas consideramos que há um dever de solidariedade para com os países mais pobres e menos desenvolvidos. Temos procurado conseguir essa solidariedade para connosco, e temos-lhe chamado isso mesmo: solidariedade.

Neste momento, estamos em vias de mudar todo esse processo, de promover e estimular o sector privado nacional, de atrair investimentos externos e de criar uma situação interna que favoreça a aplicação dessa política. Evitamos a política de endividamento excessivo e procuramos atrair o investimento directo que é menos custoso. Procuramos, enfim, praticar uma política pragmática, seja no domínio económico, seja no domínio social, seja no domínio das relações exteriores.

Abertura económica abriu caminho ao multipartidarismo

DL - *A anunciada evolução de Cabo Verde para um regime multipartidário tem a ver também com o aspecto de desenvolvimento económico?*

PP - Tem a ver com a política económica, porque nós ao abrirmos a economia, atriíndo capitais estrangeiros, estimulando o desenvolvimento do sector privado nacional, sabíamos que tínhamos dado, em parte, o passo para uma abertura política, para o pluripartidarismo.

O pluripartidarismo poderá trazer muitos problemas, mas também ajudará a resolver outros. Deverá permitir maior engajamento de todos os interessados no processo de desenvolvimento do país, mas também permitirá um maior controlo social do exercício do poder. Mais do que isso penso que estabelecerá um novo tipo de relações entre o poder e a sociedade, porque, nós pensamos que, em África, uma das razões dos problemas económicos e sociais estará no relacionamento entre o poder e a sociedade. Criando esse novo relacionamento entre poder e sociedade, haverá um maior dinamismo social e um maior envolvimento de toda a sociedade, no processo de desenvolvimento económico e social do país.

DL- *O senhor primeiro-ministro está a encetar uma experiência nova para si, que é a de governar com oposição. Como se sente nesse novo papel?*

PP - Ainda estamos numa fase de transição, mas já tenho muitas críticas. As críticas já existiam antes, porque aqui muito se criticou... A questão é ver se são críticas fundamentadas, ou se são críticas de um dado momento histórico. Do meu ponto de vista é bem possível que sejam críticas de um dado momento histórico, ou num dado momento histórico.

DL - *Em qualquer caso, essas críticas, sejam justas ou injustas, fundamentadas ou não fundamentadas, obrigam a governar, tendo em conta uma dimensão diferente, que é, precisamente, essa dimensão de opinião pública...*

PP - Sempre tivemos em conta a opinião pública, nós não reprimimos a opinião pública. Teremos que tê-la em conta, mas sem exagerar, porque qualquer governante precisa de ter a coragem política de agir em contracorrente, se não tiver essa possibilidade, será uma governação extremamente perigosa, porque será uma governação oportunista. É preciso evitar isso. Vamos ter cada vez mais em conta a opinião pública, mas isto não quer dizer que não tenhamos, muitas vezes, de agir em contracorrente, porque o que parece simples pode ser mais complexo, e o que é imediato pode não ser o mais conveniente.

É mais complicado governar com oposição...

DL- *Mas ser-lhe-á mais difícil, agora, governar a contracorrente, com uma oposição organizada...*

PP - Com certeza que governar com a oposição é mais complicado do que governar sem oposição. Disso não há dúvida nenhuma e deve-se ter em conta esse facto.

DL- *Portanto, encara com espírito positivo esse novo desafio...*

PP - Sou historicamente optimista. A humaninade progride sempre. As novas situações vêm sempre a favor do nosso país. Para nós, pessoalmente, é um desafio, um grande desafio, que queremos ganhar. Não há ninguém que vá para o campo com a ideia de perder, lançamo-nos nesse desafiò com a ideia de ganhar. Vamos trabalhar nesse sentido.

DL - *Será correcto dizer-se, que se está a assistir, em Cabo Verde, à transição, de um regime inspirado pelas democracias populares para outro mais semelhante às democracias políticas ocidentais.*

PP - Vou-lhe contar uma história. Variadíssimas pessoas já escreveram aqui, para o meu gabinete, dizendo República Popular de Cabo Verde. Ora, o nosso país chama-se República de Cabo Verde. Não lhe chamámos República Democrática de Cabo Verde, nem República Popular de Cabo Verde, nunca falámos de poder popular, nunca falámos de socialismo, nem de poder dos operários e dos camponeses... Nunca utilizámos toda uma série de indicadores dos chamados países de democracia popular. Por alguma coisa o fizemos.

É certo que encontrámos, nalgumas das nossas opções, a inspiração vinda dos países socialistas ou dos antigos países socialistas, mas a nossa prática política, as nossas opções económicas, a nossa própria linguagem são completamente diferentes. Pode-se falar das semelhanças, mas devia-se falar mais das diferenças, porque, se reparar, também não encontrará na nossa linguagem a expressão «aliados naturais». O mais longe que nós já fomos foi chamar-lhes «aliados históricos». Efectivamente, fomos aliados num dado momento histórico, tendo em conta um desenvolvimento comum, mas há que ver essas diferenças...

O facto de termos procurado envolver as nossas populações em toda a política nacional foi muito benéfico. Permitiu-nos, com esse desenvolvimento e responsabilização, evitar muitas exigências ou reclamações, mas também conseguir uma educação política das nossas populações. A nosso ver, a chamada democracia representativa é insuficiente, não representa totalmente a democracia. Há que aliar a democracia representativa à democracia participativa, sobretudo nos países do Terceiro Mundo, se não iremos para um elitismo e para a discriminação de uma boa parte das populações.

Nunca confundimos o partido com o Estado

DL - *O PAICV tem sido o partido, mas também tem sido, de alguma maneira, o Estado...*

PP - Digo-lhe que isso é falso. Tenho defendido sempre que não haja uma confusão entre o partido e o Estado. O partido não domina o Estado no sentido do domínio administrativo. O Conselho de Ministros funciona com ampla autonomia, o partido não dirige os Ministérios, nem nenhum órgão do poder de Estado.

Cont. na página 18

Presidenciais: divergência entre Pedro Pires e Aristides Pereira?

«Se fosse possível apresentar um candidato de consenso, penso que o país poderia ganhar com isso, tendo em conta que estamos no início do sistema pluripartidário.» Esta declaração do primeiro-ministro Pedro Pires constitui o único aspecto em que as suas declarações não convergem com as respostas que nos deu Aristides Pereira (entrevista publicada no «DL», edição de 21 de Junho). Com efeito, o Presidente da República de Cabo Verde afirmou-nos: «(...) tratando-se de um novo sistema político, em que se prevê alternância e disputa do poder, se me recandidatasse o que me interessava era ter um opositor.»

Podemos admitir, no entanto, que não se trate, propriamente, de divergência de análise política, mas de mero reflexo de estatutos diferentes no panorama político cabo-verdiano: sendo Aristides Pereira um virtual pré-candidato terá julgado tacticamente preferível sublinhar a sua disponibilidade para competir com um adversário oposicionista. Será isso?

Anote-se que, na altura em que as entrevistas foram efectuadas, o calendário eleitoral cabo-verdiano baseava-se na precedência das presidenciais em relação às legislativas, solução que desagradava às forças oposicionistas. Notícias posteriores davam a entender que o PAICV admitia rever o *timing* das eleições.

Entrevista com Pedro Pires

Cont. da página 17

Nós já tinhamos descoberto isso. Nós tivemos uma experiência muito instrutiva, que foi a experiência da Guiné-Conakry, onde o Presidente Sekou Touré introduziu a ideia do partido-estado, ou do estado- partido. Diferente era a posição de Amílcar Cabral quando disse que o PAIGC era um partido-estado, quis dizer, pura e simplesmente, que esse partido, tendo em conta o desenvolvimento, da luta de libertação nacional, exercia já funções que competem a um Estado, mas essa afirmação foi feita num dado momento histórico. Cabral não disse que esse partido devia ser partido-estado. Aqui, em Cabo Verde, o partido nunca se confundiu com o Estado e o Estado nunca se confundiu com o partido. Mais: houve um conflito que nunca se pôde resolver entre nós, que são as relações entre partido e Estado.

DL - *No entanto, algumas das críticas que o MPD tem dirigido ao seu Governo revelam o receio de que uma confusão PAICV - Estado dificulte uma verdadeira alternância política em Cabo Verde...*

PP - Cada um tira as suas conclusões. Essa é uma das visões do problema, mas não podemos considerar essa visão como verdadeira. As estruturas do partido não se confundem com as estruturas do Estado, mas qualquer partido tem os seus militantes, nas estruturas do Estado.

Vamos ver, por exemplo, quais as críticas que se fazem ao Governo português, sendo bem possível que digam que o Governo manipula os meios de Comunicação Social em Portugal. Há muitas críticas ao Governo português, mas há uma confusão, uma fusão, entre o PSD e o Estado português? Eu acho que não...

DL - *Nesta fase de transição do regime político cabo-verdiano, está previsto associar os «embriões» de oposição à preparação de nova legislação como seja o caso da lei eleitoral, das leis na área da Comunicação Social, enfim dos diplomas legais que se prendem directamente com os novos mecanismos de acesso ao poder...*

PP - Bem, nós temos as leis em preparação, para levar à Assembleia Nacional Popular, onde serão discutidas. Quanto às oposições, estamos à espera da sua decantação. Depois do processo de decantação, vamos ver quem temos à frente. Só nessa altura é que podemos pensar em negociações ou em discussões.

Não há processo de mudança sem resistências e sem turbulência...

DL - *O senhor primeiro-ministro já deve ter, neste momento, uma ideia acerca do que podem representar, em termos políticos e sociais, os embriões de partidos oposiocionistas que surgiram até agora...*

PP - Ainda há um caminho a ser feito, mas creio que ainda se está no início. Temos acompanhado esse percurso, esse movimento, mas esperamos mais algum tempo, para ver claramente os resultados e quais os verdadeiros objectivos.

DL - *Quais são os sectores que, no interior do Estado, por um lado, e do partido, por outro, lhe parecem oferecer maiores resistências à mudança (se é que existem...) ?*

PP - No meu ponto de vista, a mudança iniciou-se e já não há resistência à mudança. A questão é: como melhor fazer a mudança - e não resistir à mudança.

DL- *Portanto, não há focos de resistência à mudança ?*

PP - Não é possível, porque o processo está numa marcha rápida.

DL- *Certa Imprensa afirmou que, pelo menos no início, existiu alguma resistência.*

PP - Bom, a Imprensa faz duas coisas. Uma: relata os factos objectivos; outra: estuda ou analisa e tira conclusões a partir da análise. Pode ser, portanto, que as análises estejam erradas, mas tenho em conta que não há nenhuma mudança que não provoque resistência e turbulências, maiores ou menores. O processo cabo-verdiano não será diferente: tem os seus elementos de resistência e de turbulência. O problema está em gerir tudo isso.

DL - *O PAICV e o senhor primeiro- ministro não receiam ser vitimas do próprio processo que desencadearam, isto é, não receiam, perder as eleições?*

PP - Não receamos perder as eleições, porque com receios não se chega a nenhum sitio. Somos suficientemente audazes, para avançarmos com determinação. Já passámos por outras provas. Posso-lhe citar um caso: o que terá sido, para nós, superar, ultrapassar o desaparecimento de Amílcar Cabral? No entanto, ultrapassámos isso. Tivemos outros momento dificéis, como, por exemplo, a ruptura com Guiné Bissau, mas também conseguimos vencer essa crise e criámos um novo partido...

De modo que não se põe o problema de receio, vamos é trabalhar para não perder. Mas, se perdermos, não será nenhuma catástrofe. Estamos preparados psicologicamente para fazermos a vida de cidadão comum no nosso país, porque, quando iniciámos essa luta, iniciámo-la como soldados rasos, nunca pensámos que algum dia seriamos primeiro- ministro do nosso país. Encontrámo-nos nessa situação, para nós é gratificante, mas qualquer de nós está psicologicamente preparado para sermos cidadãos comuns do nosso país. Porque para nós -e é importante que se saiba - queremos participar na construção de um país, onde haja ex-primeiros-ministros, ex-ministros, ex-presidentes da República, etc... Não há nenhum drama, é um processo político e os resultados serão os resultados dessa luta política.

Candidatura de consenso seria preferível

DL- *A recandidatura do Presidente Aristides Pereira, embora ainda não oficialmente confirmada, apresenta-se como algo de muito provável. É assim?*

PP - Não posso responder pelo Presidente da República, tendo em conta que se trata de uma questão pessoal, a opção pessoal é dele e eu não posso nada dizer.

DL - *Seria desejável que, nas próximas presidenciais, houvesse um só candidato de consenso, que suscitasse também o apoio da oposição ou seria preferível uma opção entre dois ou mais candidatos?*

PP - Tenho alguns receios de confrontação num país pequeno. Quais as sequelas que ficavam? Temos já capacidade de ultrapassar sequelas de uma confrontação política e de dar à confrontação política o valor relativo que tem? Essa é uma dúvida. Se fosse possível apresentar um candidato de consenso, penso que o país podia ganhar com isso, tendo em conta que estamos no início do sistema pluripartidário. Estamos numa fase de aprendizagem. Nós todos estamos a aprender, a oposição está a aprender, nós também no PAICV estamos a aprender. Todos nós estamos numa escola de vida, no sistema pluripartidário.

Ora, eu tenho algumas dúvidas e receios, mas também sou optimista, acredito que saberemos ultrapassar todas as dificuldades que surgirem .

DL- *Queria pedir-lhe, a concluir, que fizesse o ponto das relações entre Cabo Verde e Portugal...*

PP - As relações com Portugal são estreitas. Creio que conseguimos construir - insisto: construir - relações sólidas, boas e de entendimento entre os nossos países, porque essas relações ultrapassam relações entre os Estados, para se transformarem em relações entre povos e entre homens.

Ora, as relações entre homens são duradoiras e solidárias, porque têm uma certa carga afectiva, pelo que fortalecem as relações entre os Estados e entre as instituições estatais.

A Copa do Mundo muda o horário de trabalho em Cabo Verde

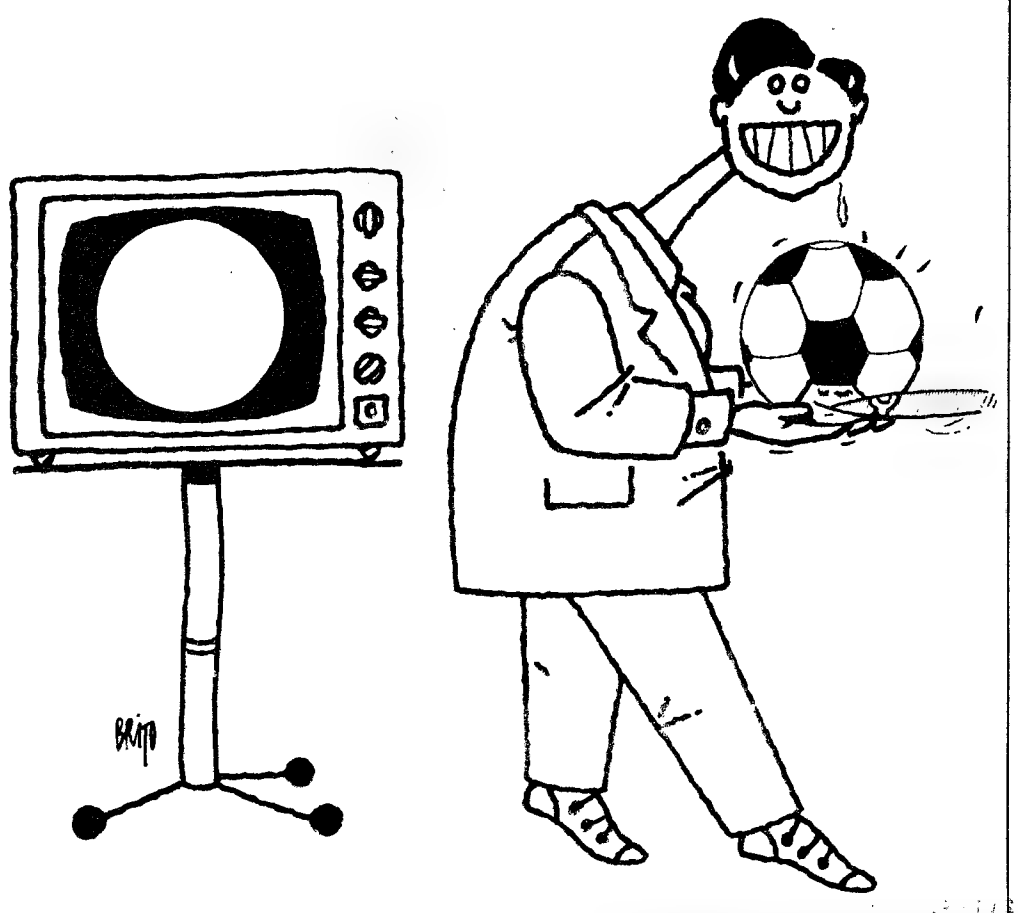
Não é mera figura de estilo dizer-se que, em Cabo Verde, o futebol faz a lei: o Governo cabo-verdiano «rendeu-se» à força do Mundial e decretou um horário de trabalho especial (das 7 às 14 horas) para o Itália-90 que a RTCV transmite em directo. Durante a entrevista com Pedro Pires, abordámos o tema:

DL - *Podemos dizer, que o seu Governo está já em período pré-eleitoral e que as alterações do horários de trabalho, em função do Campeonato Mundial de Futebol, é já política eleitoralista...*

PP - A pergunta é maldosa, porque estivemos sujeitos a muitas pressões, e tivemos que aceder a isso...

DL - *Eu reconheço, que é irónica, senhor primeiro-ministro, - não maldosa, mas irónica...*

PP - É a questão das sociedades pequenas: tivemos muitas pressões e tivemos que decidir por uma questão de realismo. Estou convencido de perderíamos muito, em matéria de homen hora de trabalho. Em vez de agir a contracorrente, preferimos uma acomodação, mas nós negociámos isso com os empresários, públicos e privados, com a própria Administração e chegámos a um entendimento sobre essa questão.



ECONOMIA

Casqueiro: «Governo fomenta a guerra, não merece a paz»

O secretário-geral da CAP diz que o Executivo beneficia importadores e intermediários pouco sérios. Portugal enche-se de fruta estrangeira e consumidores pagam carne mais cara

Casqueiro declarou guerra ao Governo

O secretário-geral da CAP, José Manuel Casqueiro fez esta semana, em Vila do Conde, duras críticas à política económica e agrícola do governo português, dizendo que «aos agricultores só lhes resta unirem-se para lutar nos campos e nas estradas na defesa do seu futuro».

«Temos sido pacientes e excessivamente tolerantes, mas agora o governo foi longe de mais e quem fomenta a guerra não merece a paz», disse o presidente da CAP.

Reunido naquela vila com representantes das associações agrícolas de toda a região de Entre-Douro e Minho, o presidente da CAP, desafiou o ministro do Comércio a explicar aos portugueses a causa do aumento da carne de vaca ao consumidor quando, nos últimos seis meses, baixou de oitenta escudos na produção.

José Manuel Casqueiro denunciou, por outro lado, o facto de Portugal estar a ser invadido por fruta da época importada da África do Sul, do Chile, da Nova Zelândia e de outros países a preços cinco e seis vezes superiores à portuguesa. Segundo Casqueiro, o governo «é incapaz de controlar a despesa pública, os custos de transportes e de disciplinar os circuitos de comercialização» prejudicando os agricultores e respectivas famílias em benefício dos «grandes importadores e dos intermediários pouco sérios».

Numa altura em que os governos dos parceiros europeus se preocupam em defender os interesses das produções nacionais, criando dificuldades de âmbito burocrático e de higiene, o governo português, na opinião de Casqueiro, «abdica da protecção nacional, anula todo o trabalho de anos de negociações, desacredita o Estado e compromete o futuro dos agricultores do norte e centro do país com menos rendimento e de mais fracos recursos económicos».

Para aquele dirigente, os agricultores não podem ser competitivos enquanto pagarem a energia, os combustíveis, os adubos e as rações mais caras da Europa, para além de suportarem as mais elevadas taxas de juro e os impostos mais pesados.

Formação de formadores vai ter bolsas de apoio

A formação de formadores, uma das formas prioritárias de desenvolvimento profissional, vai passar a ter um programa específico de apoio. Segundo um despacho aprovado pelo secretário de Estado do Emprego e da Formação Profissional, Bagão Félix, passam a ser financiadas candidaturas que tenham natureza de formação individual.

O Programa de Apoios para a Formação Individual de Formadores (AFI) contempla a realização de cursos, estágios ou visitas de estudo, destinadas ao aperfeiçoamento de formadores que desenvolvam a sua actividade docente no quadro da formação profissional.

Segundo o despacho de Bagão Félix, o objectivo é estimular a especialização de formadores, viabilizando o desenvolvimento destas acções em organizações cujo número de participantes não corresponda aos mínimos exigidos, sendo também promovida a capacidade de formação em domínios técnicos exigentes e inovadores e, por isso, especializados.

As bolsas de apoio à AFI podem ser atribuídas para a frequência de acções de formação, realização orientada ou participação na realização de trabalhos e para a frequência de estágios individuais para obtenção de prática pedagógica para formadores com a qualificação de monitores.

Para acessso a essas bolsas haverá um processo de candidatura, apresentado através de uma entidade proponente, que poderá ser qualquer instituição pública ou privada. Entende-se, segundo o despacho, como entidade hospedeira qualquer instituição pública ou privada, nacional ou estrangeira, onde decorra a formação, sendo bolseiro o formador individual que seja o beneficiário directo, podendo desenvolver a sua actividade de formador por conta própria ou de outrém.

São diversos os critérios de apreciação das candidaturas, nomeadamente a inserção em domínios considerados prioritários, tendo em conta vectores estratégicos do desenvolvimento, a inserção em actividades com grande necessidade de formadores qualificados, bem como a inserção em domínios técnicos inovadores e em que não existam estruturas formativas acessíveis em Portugal.

As bolsas, cuja candidatura estará permanentemente aberta, serão concedidas por períodos que não podem ser inferiores a um mês nem superiores a um ano, sendo o seu montante estabelecido com base nas despesas justificadas apresentadas na proposta, dentro das regras de elegibilidade definidas no regulamento geral e tendo em conta os seus objectivos, natureza e local de realização da formação.

Redacção «DL»

Casa do Douro rejeita importação de vinhos

A Casa do Douro manifesta-se contra a importação de vinhos de países da CEE, medida com que o Governo pretende assegurar a estabilidade dos preços no mercado vinícola nacional.

«Não há razões para o Governo autorizar tal importação», garante aquela instituição ao afirmar que a colheita de 1989 é suficiente para garantir o controlo dos preços a partir da produção, ao contrário do que aconteceu em 1988, ano de péssima colheita em Portugal.

A Casa do Douro sugere, para se evitar o recurso à importação e evitar a subida dos preços, que o Governo proceda à fixação de margens de comercialização e ao controlo dos lucros dos intermediários.

Empresas públicas passam a anónimas

O Governo decidiu passar para o estatuto de sociedade anónima mais outros empresas públicas: três seguradoras, quatro bancos e uma sociedade financeira.

Segundo a agência Lusa, o secretário de Estado das Finanças já iniciou o processo para a passagem a sociedades anónimas as seguintes empresas: Mundial Confiança, Império, Bonança, os bancos Pinto & Sotto Mayor, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Fonsecas & Burnay e Crédito Predial Português, bem como a Sociedade Financeira Portuguesa.

A atribuição do referido estatuto, que foi previamente anunciada às respectivas comissões de trabalhadores, é considerada como o primeiro passo para a privatização daquelas empresas.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	38$85	44$85
ALEMANHA FED. (marco)	86$75	87$95
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	4$033	4$283
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$60	126$10
(notas de 5 a 1000)	124$10	126$60
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA	1$378	1$498
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$90	147$40
(notas de 5 a 1000)	144$40	147$90
FINLÂNDIA (marka)	37$05	37$65
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$05	78$15
IRLANDA (libra)	233$90	237$90
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$907	$962
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
GRÃ BRETANHA (libra)	255$70	260$20
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	102$55	104$05
VENEZUELA (bolívar)	2$621	3$421

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

ROVER
RANP

EU, O MEU CARRO, AS NOSSAS FÉRIAS

OS SEUS PROBLEMAS
AS SUAS FÉRIAS
A SUA VIATURA

AS NOSSAS SOLUÇÕES
TESTE GRATUITO. TELEFONE-NOS

BANCO ELECTRÓNICO «CRYPTON» COM OFERTA DE RELATÓRIO DE DIAGNÓSTICO. ESTUFA DE PINTURA, BANCO DE ENSAIOS «DATALINER» COM SISTEMA DE MEDIÇÃO «LASER»

CAMPANHA «VERÃO 90»
O NOVO METRO CITY X/SURF
BENEFICIA DA CAMPANHA
(ZERO) 0% JUROS ATÉ 31/7/90

AMADORA: RUA ELIAS GARCIA, 376-B TELEFS. 494 12 01 - 494 25 10
VENDA NOVA: RUA CASAL DE S. VICENTE, 18-B TELEFS. 493 60 32 - 493 61 82 (SERVIÇO)

Encargos anuais (D-L 266/89) Cálculo - Out. 90
Metro City X Consumo (Média 15 000 km) 115 200$. Seg. Civil Obrigatório 17 003$. Impostos 1410$

Madredeus. Sobre Portugal, as raízes e "Existir" uma mão-cheia de palavras

O fado grande da vida

Rui Vasco

Francisco Ribeiro

Sobre os Madredeus falaram ao DL a sua cantora, o guitarrista e o violoncelista. Teresa, Francisco e Pedro. Três personalidades convergentes, três amigos cujas diferenças residem na forma de dizer e não no que dizem. "Existir" é o seu último trabalho discográfico, e após o estrondoso sucesso dos recentes concertos no Tivoli, serviu de mote para ínicio de conversa.

- Falemos do disco...

Francisco Ribeiro - «É mais um disco dos Madredeus, o segundo...»

Teresa Salgueiro - «O segundo e o primeiro.»

FR - «O primeiro com trabalho de estúdio. As músicas foram feitas ao longo de dois anos e meio. Demoraram bastante tempo a serem arranjadas e a surgirem cá para fora. Gravamos quando achamos que é a altura própria, e esta era a melhor... Conseguimos reunir o local, as canções e a disposição do grupo.»

- Quer dizer que para um projecto como os Madredeus não é importante ter um disco de "x em x " tempo?

Pedro Ayres Magalhães - «Não tem sido. O primeiro disco tem problemas técnicos de execução, de gravação, trinta por uma linha. O que nos fez apresentá-lo como um panfleto poético, uma sugestão musical que se podia praticar e que nós já estávamos praticando. Esperámos estes dois anos. Fizemos alguns quarenta concertos e começámos a compor para o grupo, ou seja, dentro do mesmo estilo com canções que suprissem momentos do espectáculo que podíamos ter e ainda não tinhamos, falassem de coisas que nós poderíamos falar e ainda não falávamos. Estes meses todos serviram para fazer uma selecção natural até encontrar este formato, este objecto que é o disco "Existir".»

- Assim deduzo que o próximo disco acontecerá quando sentirem necessidade disso. Ou não?

PAM - «Estamos muito contentes com este disco e gostávamos que ele merecesse atenção pelo menos igual à que lhe dedicámos. Para nós significa um grande salto artístico - detesto utilizar a palavra artístico, mas é a única que existe para dizer isto -, melhorámos realmente a nossa música, a interpretação individual de cada um dos instrumentos, e a Teresa estudou muito a voz. Conseguimos a gravação de um repertório nosso com uma qualidade invejável e quase insuspeitada, não sabíamos que íamos conseguir. Pensamos que este disco tem mais capacidade de ultrapassar as fronteiras de Portugal que o outro. Ouvíamos dizer que a música de "Os Dias da Madredeus" era muito interessante, parecia um sonho, não se percebia muito bem o que ela dizia, mas sentiam que o português é uma língua bonita, que as melodias são parecidas com as russas. Não se percebia bem o trabalho dos instrumentos, embora tivesse uma atmosfera de timbres muito particular. Estes os comentários que ouvíamos. Com o disco actual a coisa passou a estar mais próxima da realidade dos nossos concertos. O outro inventava-se, este ouve-se. O que vai acontecer a seguir tenho a certeza que nenhum de nós pode dizer. Não temos um plano de *marketing*, infelizmente.»

Rui Vasco

Teresa Salgueiro

Como o Ford 40

- O som dos Madredeus, o ambiente, os textos, a música do grupo são estes? Estão encontrados?

PAM - «Quando o Ford inventou o Ford 40, inventou um carro: quatro rodas, um motor, etc. Entretanto, a companhia Ford continuou a fazer carros, mas o «carro» é um conceito que se mantém. Madredeus é um bocado assim. Inventámos um grupo que não estava organizado ainda, um modo de compor e uma escolha temática que ainda não tinham sido abordadas, uma sonoridade que não era habitual. A música que fazemos comunica optimamente com as pessoas que a ouvem e as palavras que dizemos chegam a elas, os sentimentos que evocamos são entendidos, as sonoridades dos instrumentos trazem evocações muito antigas de que também somos vítimas. As pessoas sucumbem às mesmas leituras que nós. Se houver vitalidade, disposição, tempo e possibilidade de o fazer, pensamos juntar aos Madredeus um grupo de instrumentos de cordas que funcione em espectáculos de maior audiência. O som que produzimos quando passa a fronteira das duas mil pessoas ressente-se dos males técnicos da amplificação. Este é outro problema artístico que temos: tornar mais sólida a nossa sonoridade.»

- Pedro, disseste-me uma vez que tocar com os Madredeus ao vivo te emociona e comove. Os Madredeus para ti poderiam continuar no dia em que esse tipo de emoções começassem a deixar de existir?

PAM - «Não conheço o meu futuro. Mas acho que o sistema que se monta e esse tipo de emoção que eu vivo não dependem só de mim. Nestes últimos concertos do Tivoli alguém me disse que foi uma pena ninguém se ter lembrado de acender as luzes da sala nas últimas músicas, pois achava que os músicos deviam ter visto a atenção, a cara e o carinho com que as pessoas estavam a receber a música. Essa emoção não depende só de mim...»

TS - «Depende primeiro de nós para as pessoas e depois das pessoas para nós. E também entre nós.»

PAM - «A minha ambição é continuar a produzir uma suficiente dose de novidade e ser suficientemente criativo para poder surpreeender sempre as pessoas com a adequação da nossa mensagem, com aquilo que nós todos estamos a viver. Isso permitirá manter-me bem disposto.»

Antes de tudo o mais, Madredeus

- O Pedro é um "cadastrado" antigo. Tão depressa está emocionado e intensamente metido nos Madredeus como dantes nos Faíscas, por exemplo. Mas tu, Teresa, és novinha nestas andanças. Qual o significado deste projecto para ti?

TS - «Acho que tive muita sorte. Encontrei os músicos e as composições que iam ao encontro do que eu sentia. E continuo a sentir o mesmo.»

- Mas também já te vi a cantar numa peça de teatro.

TS - «Isso foi uma experiência.»

- É nesta área que tu queres ficar? Ou poderás vir a cantar num grupo rock, por hipótese?

TS - «O futuro nunca se sabe, mas sinto-me bem com os Madredeus. Não quer dizer que não goste de cantar outras coisas, e que o aventurarmo-nos por outros campos não seja bom, mas acho que os Madredeus ainda podem ser uma grande aventura. Ainda temos muito para crescer.»

- Francisco, para além do violoncelo começaste a cantar com a Teresa nos concertos. É algo para continuar?

FR - «Canto e toco. Gosto de cantar e penso que as pessoas gostaram também. Mas nos Madredeus serei sempre primeiro que tudo um violoncelista. Continuo a estudar o violoncelo.»

TS - « Para mim é óptimo que ele cante. O Chico é um companheiro de armas. Dá-me muita força e ensina-me muitas coisas.»

- Qual é a sensação de, num repente, aos 21 anos, ser-se considerada uma das melhores vozes de Portugal? Prejudica a evolução? Passa a ser difícil olhares-te ao espelho e analisares-te friamente?

TS - «Quero manter-me sempre a aprender e a sentir o que canto. E como a reacção das pessoas não depende de mim e não é só sobre mim, mas sobre os Madredeus também, isso é que é o importante. A grande emoção é não estar a cantar para ali sozinha, mas estar com quatro pessoas que compreendo e que me compreendem e sentirmos que transmitimos algo de comum às pessoas. Agora esses comentários...»

O sentimento de Amália

- Ainda não tive coragem de escrever que tu serás a continuadora de um sentimento que sempre foi representado pela Amália. E se eu dissesse que os Madredeus são uma continuidade dessa forma de transmitir tal sentimento?

TS - «Gosto muito de cantar o fado. E penso que nós cantamos o fado, fazemo-lo considerando-o uma coisa séria que sentimos e respeitamos e que nos arrebata. Admiro imenso a Amália Rodrigues, que também foi precursora de um estilo.»

- Amália continua a ser bom de ouvir, mas isso não impede que a música e o fado continuem e evoluam com referências e influências que uma outra época forçosamente lhes conferirá.

PAM - «Isso é muita fruta. A intenção não é essa, pois nós desde o princípio tivemos a preocupação de não fazer fado num figurino tipo. Não quisemos pegar na imagem do fado para turista.»

TS - «Quando eu digo que cantamos o fado não quer dizer que façamos fado.»

PAM - «Um destes dias tive que escrever sobre o fado, e separei-o em fado grande e fado pequeno. O fado pequeno é este das casas típicas, do ciúme, o fado grande é uma História antiga de Portugal, é uma coisa que nos liga a uma cultura mediterrânica, aos deuses gregos, à percepção do destino. E aí estamos cantando esse mesmo fado, tentámos até ir mais atrás. Portanto, quando se fala em continuação ela é a da vida de um país.»

- Chegamos à portugalidade. Mistura-se portugalidade com nacionalismo, confunde-se com conceitos patrioteiros, estreitos e inflamantes. E então os Madredeus e a sua portugalidade são identificados, de repente, por alguns quadrantes da opinião pública, com a direita, o fascismo...

PAM - «Ai, que horror!»

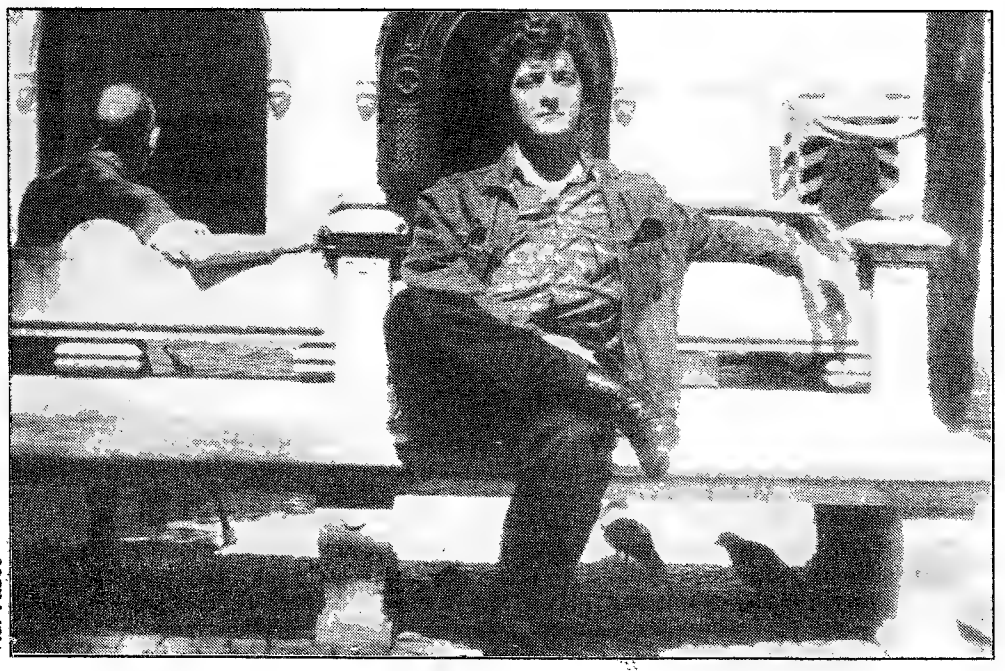
TS - «Eu não tenho nada a ver com isso.»

- Ser português, para vocês, é o quê?

PAM - «Portugalidade, nação, patriotismo, patrioteirismo, nacionalismo, acho que o limite disso está nas palavras que cantamos. O que queremos dizer sobre esse assunto está lá, é o limite.»

- Isso é memória, raiz ou vida?

PAM - «Para nós é completamente actual. É a nossa vida.»



Rui Vasco

Pedro Ayres Magalhães

Maria José Belo Marques

Nova dança portuguesa debatida no Acarte

Nada poderá ser mais saudável para qualquer Arte do que falar-se dela sem peias nem fantasmas, questionando-a, criticando-a e até apontar-lhe caminhos...

Mesmo com uma audiência de «tarde quente de Verão» o encontro que o Forum Dança e o ACARTE levaram a efeito no pretérito sábado na Sala Polivalente do CAM sob o título a «Nova Dança Portuguesa», teave uma importância primordial.

Se se levar em conta a problemática da Dança Portuguesa (na sua generalidade) e, em particular da que nos anos mais recentes tem vindo a ser confeccionada or jovens criadores, facilmente se verificará que além de não ser muita em quantidade também raramente se fala e se discutem os seus meandros com a abertura que agora aconteceu no ACARTE.

Na verdade, além deste «ramo» da Fundação Gulbenkian que há pouco mais de dois anos levou a efeito um interesse santíssimo colóquio intitulado «Perspectivas da Dança nos Finais do Séc. XX» coordenado pelo crítico de Dança, José Sasportes, pouco ou nada se fez posteriormente na área da teorização e discussão terpsícoreanas entre bailarinos, coreógrafos, músicos, cenógrafos, desenhadores de luzes, críticos, etc.

Sasportes, agora director do ACARTE, começou por chamar a si a introdução do vastíssimo tema do colóquio referindo a consoladora situação que é «a existência no nosso país de um novo público para os criadores da dança (jovens e menos jovens) e de uma geração de críticos que acredita numa nova geração de artistas...»

De entre eles, o Forum Dança chamou a este encontro cerca de uma dúzia de personalidade que durante várias horas produziram algumas comunicações, dissertaram de improviso e até participaram numa «performance» e, depois de um intervalo mantiveram com os interessados um diálogo vivo e actuante.

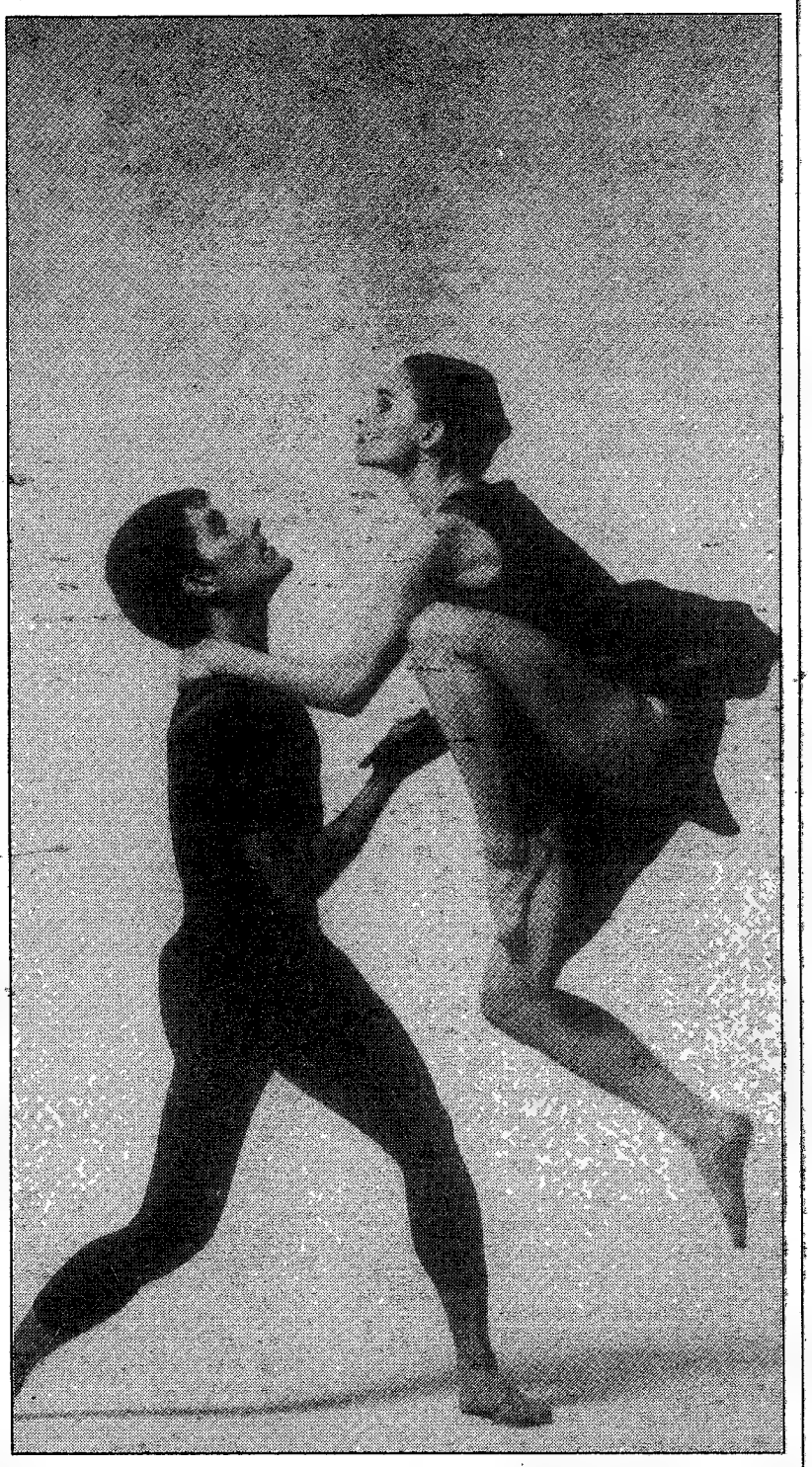
Francisco Camacho foi a primeira presença de uma série de coreógrafos cuja obra não é ainda do domínio do grande público. Extremamente articulado e com ideias claras e objectivas, sintetizou muitos dos graves problemas que o bailarino português sofre na pele «designadamente a instabilidade artística e financeira, o reconhecimento da profissão, a ausência de estatuto de artista-criador de dança, um regime de reformas antecipadas, mecanismos de recilagem profissional, etc. Lamentou ainda o facto da Dança Portuguesa (sobretudo a mais marginal e independente) não ser convenienemtente divulgada na Imprensa, ao contrário de actividades como o desporto, por exemplo! Seguiu-se-lhe Joana Providência _ recentemente galardoada com um prémio revelação _ e João Fiadeiro que, como muito humor e algum sarcasmo, aludiu a «uma nova atitude» na coreografia portuguesa elaborando em simultâneo uma resenha da sua «acidentada carreira» artística e referindo-se, a terminar, às tansformações pelas quais foi passando no que concerne a metodologias de treino. Segundo ele, «as instituições de cultura devem aceitar correr riscos artísticos», utilizando as disposições legais em vigor (nomeadamente a Lei do Mecenato, que tem servido servido para trazer até nós grandes nomes estrangeiros mas que pouco ou nada fez pela nova dança portuguesa) para «ter a visão e a coragem de financiar o erro».

Madalena Vitorino, que parece ter tido um percurso algo diverso dos outros participantes, já que não identifica o seu 'background' com um trabalho de bailarina em qualquer companhia profissional, defendeu (e muito bem) a inclusão da dança na educação da criança e do adolescente. Referiu-se com particular ênfase às principais coordenadas da sua produção artística e que passam por um trabalho dirigido à comunidade _ uma «espécie de dança com premissas democráticas» em que «a felicidade» e os ensinamentos de Rudolf van Laban nunca deixam de estar presentes.

Margarida Bettencourt e João Natividade, com apenas um gravador de cassettes e muita imaginação, foram os protagonistas de uma rábula mordaz sobre alguns processos em voga de criação coreográfica. Sem revelarem verbalmente a sua postura perante o panorama presentes da dança portuguesa, o engraçadíssimo diálogo entre ambos foi bastante revelador da sua recusa em adoptar padrões estereotipados ou vergarem-se a quaisquer rótulos ou «correntes». Seguidamente Paula Massano, uma das mais solitárias coreógrafas nacionais, salientou não só o seu trabalho com bailarinos e actores como também balizou a sua intervenção por conceitos que vão da dificuldade de utilização de espaços à própria coerência artística. A bailarina Vera Mantero, _ actualmente a estudar em NYC _ não deixou de se fazer representar com um texto culto e irónico lido de viva voz por Francisco Camacho. Começou por afirmar ambém ter imensas dúvidas em relação ao treino do bailarino, em geral, e ao seu próprio trabalho em particular. Pensa que, tal como a CEE tem uma «nova dança», também parece haver em Portugal a necessidade de nos colocarmos a esse nível, e apesar da vontade de alguns em etiquetar um «movimento» ainda pouco definido e que naturalmente necessia de tempo e maturação para «crescer.e ser qualquer coisa», a Nova Dança Portuguesa tem que seguir um caminho consistente... sem pôr a carroça à frente dos bois.

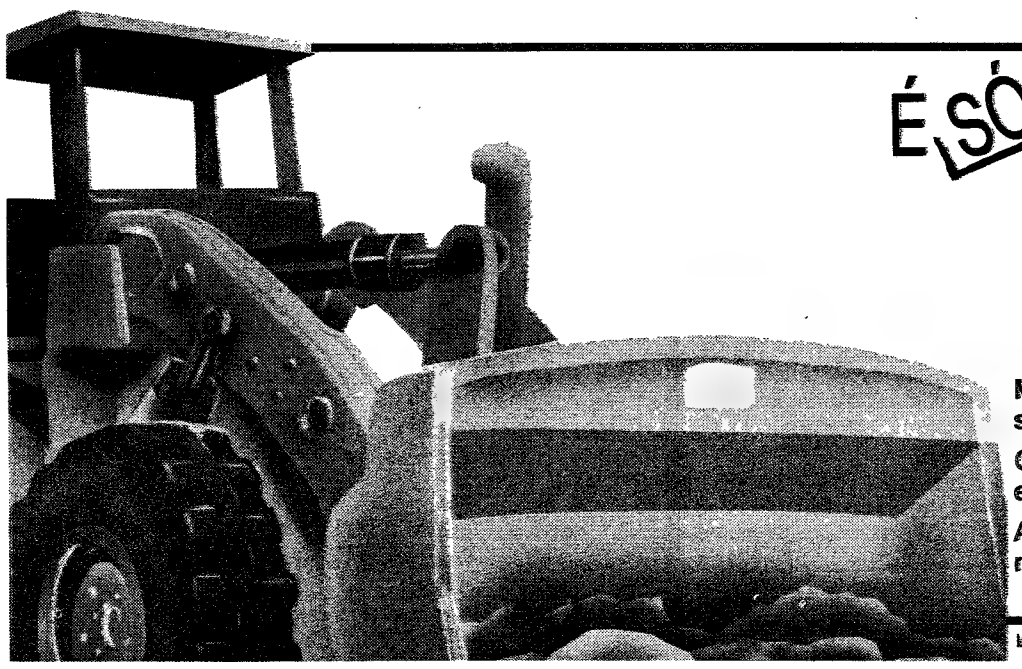
Na segunda parte, Gil Mendo apresentou os jornalistas António Melo do «Público» e António Pinto Ribeiro do «Expresso» que se referiram respectivamente ao espaço que a dança em Portugal etar bastante mais avançada que o teatro e a música ainda não terem sido criadas condições de circulação interna, o que subsequentemente lhe corta as pernas para se lançar por essa Europa de Festivais e chorudos subsídios públicos.

O intercâmbio de ideias com a assistência (onde se encontravam diversos artistas, escritores e professors), após aquelas duas intervenções revelou-se particularmente frutuoso mencionando-se entre outros os seguintes problemas: a tão negativa espécie de saudade-lirismo criativo a que inevitavelmente se contrapõe o universalismo da alma portuguesa; o comportamento do artista perante a carência de estruturas de apoio à produção; a ausência de espaços que poderiam ser simultaneamente de «criação e circulação»; a desunião dos artistas nacionais que isoladamente perdem a sua força reinvindicativa perante um estado que além de não primar por uma consistência de «políticas culturais» não lhes reconhece o estatuto de cidadania. etc. Este último ponto gerou o consenso geral da necessidade de se criar uma instituição de defesa dos interesses dos bailarinos, possivelmente uma estrutura de raízes sindical ou, como existe no Brasil, um ramo de um organismo-sombinha (tipo Instituto de artes cénicas) agregado ao Ministério da Cultura e destinado à coordenação e promoção de actividades de estímulo à criação, à produção e divulgação de espectáculos, bem como preservar documentação e estimular a pesquisa e o intercâmbio pedagógico dentro do país e no exterior.



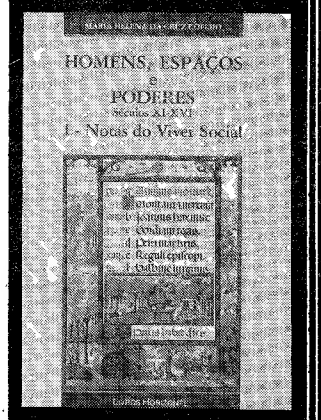
Duas coisas, porém, ficaram bem claras: os bailarinos e coreógrafos portugueses consideram-se vítimas da falta de estruturas artísticas que os apoiem minimamente a nível doméstico e que os possam eventualmente levar a essa Europa -ou melhor à globalização dos mercados- que nos vai absorvendo e quase nos obriga à necessidade de criar (mesmo que artificialmente), um novo comportamento que possivelmente a cultura portuguesa talvez ainda esteja longe de compreender e de se identificar.

A.L.



HOMENS, ESPAÇOS E PODERES - SÉC. XI/XVI

As épocas medievais continuam a apaixonar-nos. Desta vez e neste 1.º de 2 volumes, Maria Helena da Cruz Coelho percorre o centro e norte do país: Coimbra, Seia, Nóbrega, Guimarães, Caminha; para nos contar o trabalho das mulheres, a comida e a bebida, as revoltas, os combates à pobreza, os testamentos, as acções régias.



edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVILIVRO

A HERESIA POLÍTICA DE ESPINOSA

A filosofia de Espinosa não foi elaborada na solidão do filosofar metafísico, como algumas interpretações defendem.

O "Filósofo maldito" viveu envolvido na intervenção política, apostado no combate ao regime feudal.

Mas, ao mesmo tempo, a sua filosofia não vestia a burguesia ascendente.

F. Cabral Pinto conta-nos "A Heresia Política de Espinosa"

edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVILIVRO

Comédia à moda da Tóbis

António Ferro, assessor de Salazar para os temas culturais, não morria de amores pela comédia enquanto género cinematográfico. Antes pelo contrário, tudo aquilo lhe parecia um desperdício de tempo, de película e de verba. Com ou sem esta opinião, os cineastas portugueses de há meio século não se deram bem com o drama e fizeram comédias de costumes que, hoje, são a imagem de marca do cinema português. Mais do que qualquer filme de Manoel de Oliveira porque estes são ainda excessivamente geniais para caracterizarem uma cinematografia como a portuguesa que, na verdade, ainda não transpôs o nível da mediania.

O sucesso destes filmes das décadas de 30 e 40 é inegável. As edições videográficas vieram, de resto, confirmá-lo e o bom acolhimento quando dos respectivos lançamentos no mercado de aluguer justifica, para já, a existência de uma vasta colecção constituída pelos títulos de maior êxito do cinema português.

Um desses filmes é evidentemente «A Canção de Lisboa», um dos primeiros filmes sonoros feitos em Portugal, logo após «A Severa» de Leitão de Barros.

Só que, ao contrário, do que acontece neste filme, «A Canção de Lisboa» é muito mais alegre do que trágico e preconiza já as linhas gerais do que será a comédia à moda da Tóbis. Porque também ela é produzida nestes estúdios e porque conta com Beatriz Costa, António Silva e Vasco Santana nos principais desempenhos.

E eles foram, com Ribeirinho, os mais sólidos pilares deste cinema dirigido todo ele à boa disposição.

À parte estas considerações, reconhecemos em «A Canção de Lisboa», realizada por Cottinelli Telmo, em 1933, algumas das cenas antológicas do nosso cinema: Beatriz Costa como Miss Castelinhos, a cantar a «Agulha e o Dedal», António Silva a fazer contas à herança do futuro genro nas costas do cliente, Beatriz e Vasco, representados no arco do bairro do Castelo, na marcha ao felimbó... isto, sem esquecer, a célebre frase «chapéus há muitos» e a não menos proverbial «não me falem de cara de bolacha que me lembro dele», tudo, com aquele brilho musical e cenográfico que se suspeita extorquido ao teatro de revista.

«O Pátio das Cantigas», única longa-metragem realizada pelo actor Ribeirinho, assinala um outro momento alto da comédia à portuguesa da década de 40. Volta-se ao bairrismo e constata-se, afinal, que está lá tudo o que consagrou o género. Um grande «naipe» de actores (António Silva, Vasco Santana, Ribeirinho, António Vilar, Laura Alves, Barroso Lopes) dá corpo a momentos inesquecíveis como aquele em que todos os habitantes do pátio em questão, tentam advertir D. Rosa, varina na Praça da Figueira, de que a filha chegara do Brasil. O melhor de tudo, o mais recordado, o que nos dá a dimensão de um grande actor é, no entanto, a cena em que um candeeiro de rua, manobrado por uma qualquer engenhoca, conduz a casa Narciso, perdido de bebâdo, poupando trabalho ao laborioso Rufino, descendente deste fiel dos copos e das tascas.

De resto, Narciso é, como se sabe, interpretado por um Vasco Santana que raramente terá atingido um tão grande brilho, como neste momento em que inicia o monológo com o seu luminoso companheiro.

Mais do que estas ou aquelas cenas, «O Pátio das Cantigas» vale, todavia, pelo conjunto, pela articulação espontânea que imagem e palavra estabelecem entre si. Luís de Pina diria mesmo que «tudo aparece articulado, oleado e preciso como um mecanismo de relojoaria».Mesmo que, a propósito de protecções, nos surja assim, de repente, um elogio explicíto ao ditador, que, na verdade, deve ser tomado como um sinal dos tempos e quase perdoado ante a importância do filme.

Maria João Martins

Logo à noite na Galeria Pedro e o Lobo

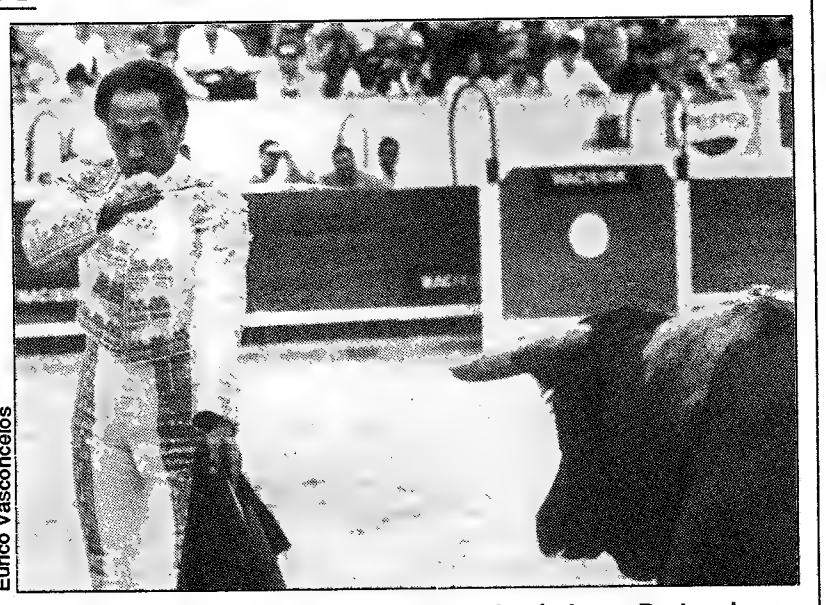
Um poema de Kaváfis, «À Espera dos Bárbaros», estabelece a linha condutora que reúne, a partir desta noite na Galeria Pedro e o Lobo, trabalhos de artistas com quem trabalhou durante este primeiro ano de actividade ou que passarão a expor no espaço previlegiado da Rua do Salitre, 169.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS • SÓ ATÉ 8 JULHO
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSÉ MÁRIO BRANCO
M/12 A
SALA 1
ULTIMOS DIAS/ATÉ DOMINGO
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOÃO GOMES
M/16 A
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
5.ª, 6.ª E SÁBADO 21.30H — DOMINGO 17H
APOIOS: F. GULBENKIAN • REMEDIUS • MUSIC
CINE FOTO AVIZ •
APOIO PÚBLICO
SUBSÍDIO S.E.C.
MARCAÇÕES T. 726 0818

teatro da Cornucópia
UM POETA AFINADO
Manuel de Figueiredo
ÚLTIMOS DIAS SÓ ATÉ DOMINGO
«Deliciosamente provocatório»
«Expresso»
«Aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou»
«Diário de Lisboa»
«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»
«Público»
TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A — 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05
De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa **pontualmente**
Não é permitida a entrada na sala depois do início

Mário Coelho no ano da despedida

«Bienvenida fez de mim matador de toiros»



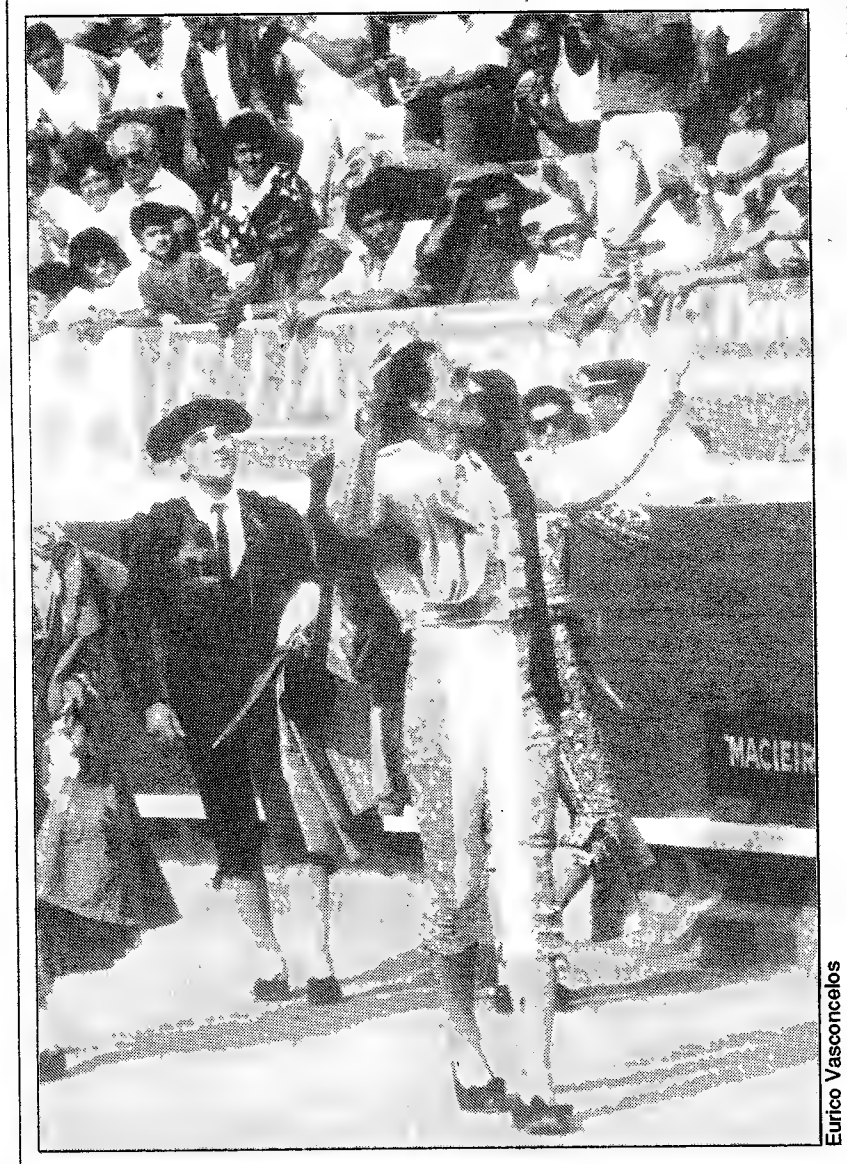
Eurico Vasconcelos

A sorte suprema - morte - é assim simulada em Portugal

Mário Coelho não pensava ser matador de toiros. Toureiro, sim; matador, era um sonho que acalentava. Cor-de-rosa e distante. Desejo supremo de quem se movimenta no mundo dos toiros. Uma tarde, em Jerez de la Frontera, na Andaluzia, o célebre diestro António Bienvenida, que Madrid adorava, apesar de não ser espanhol, fê-lo mudar a bússola da vida e da arte.

Uma provocação sem senso, uma manifestação de desprezo, tocou-lhe na brotoeja, ofendeu-o no seu ego, espicaçou-lhe a sua condição de português entre espanhóis. «Português, vê se bandarilhas como eu», terá dito Bienvenida a Mário Coelho, em Jerez. E este replicou-lhe: «Vieram aqui para isso mesmo, para me ver bandarilhar».

O artista de Vila Franca triunfou, ante toiros de Fermin Bohorquez, como homem de confiança de Andrés Vasquez. E, voltando-se para o madrileno adoptado, carregou a sorte: «É assim que se bandarilha, que se toureia no meu País e em todo o mundo». A praça inteira levantou-se, uma vez mais, para o aplaudir.



Eurico Vasconcelos

Este agradecimento fá-lo-á ainda, esta época, em Vila Franca (dia 8), Moita, Aldeia da Ponte, Caldas, Nazaré e Campo Pequeno

«Doutorou-se» em Badajoz

Bienvenida não se vergou: bem pelo contrário, desafiou-o a ser matador, se quisesse triunfar. Mário Coelho não quis ouvir mais e, em Julho de 1966 «doutorava-se», isto é, tomava a alternativa em Badajoz, das mãos de Júlio Aparício, «padrinho» do acto. «El Pireo» testemunhou. O tempo provaria que a sua intuição para os toiros era inata: hoje pode gabar-se, sem forçar a nota nem a arte, que é um profundo conhecedor de toiros. Daí que ganaderos de grande responsabilidade o procurem para tentar as suas reses, para se pronunciar sobre o seu valor.

É, pois, natural que Mário Coelho, no ano da sua despedida, ainda sem saber bem o que no futuro irá fazer (certo, certo, é que continuará ligado aos toiros dentro de duas épocas, depois de visitar pontos e terras que lhe ficaram na memória), contenha e conte uma verdade que até á data desta entrevista não era pública: gostaria de ser ganadero. Só que, pelos vistos, este sonho-aspiração-cor-de-rosa da sua vida apresenta-se de difícil concretização. Cabe aqui o provérbio de que, muitas vezes, dá Deus as nozes a quem não tem dentes...

Uma história cor-de-rosa

A história, apesar de tudo o que já se disse, ainda vai no adro: Mário Coelho, que já em 1966 era considerado o maior bandarilheiro do mundo, decidiu abraçar a carreira de matador de toiros. Poucos meses depois ingressava no escalão dos maestros. Voltando a Maio de 66 e a Jerez, onde arranca para matador: «Bienvenida estava entre a assistência, no dia seguinte actuaria na mesma praça. Eu saí de bandarilheiro de confiança de Andrés Vasquez, um dos maiores toureiros de sempre, em Espanha. O meu nome aparecia nos cartazes com grande destaque, como se eu fosse matador. Havia aficionados que iam às corridas para me verem. Havia matadores que não gostavam. Bienvenida não admitia que eu, como bandarilheiro, saísse em ombros», disse ao «Diário de Lisboa».

A partir daqui tem lugar o conto de fadas. O sonho transformou-se em realidade, lá pelos anos de 1966. Aconteceu: o testemunho narrativo do artista é peremptório, a história da vida de Mário Coelho assemelha-se a um romance. Não lhe falta nenhum ingrediente para se tornar uma novela adaptável à televisão. Tudo começa no dia em que, menino ainda, filho de gente humilde, da Travessa do Alecrim, em Vila Franca, trocou a escola primária de pelos toiros.

Foi-se a escola ficaram os toiros

A vida era dura, os pais não lhe podiam dar tudo o que ansiava, e trabalhar, ganhar o pão que o diabo amassou, tornou-se uma necessidade. Diz ainda hoje, com incontido orgulho, que dos três toureiros do seu tempo, de Vila Franca, era o de menos posses.

Em Maio de 1966 saiu pela última vez como bandarilheiro. O seu nome correra já o mundo tauromáquico de Portugal, Espanha, França e América do Sul: Venezuela, Peru, Colômbia, Equador e, naturalmente, México, que lhe aviva memórias que o coração não perdeu. O troféu «Maythe», o mais alto galardão da tauromaquia mundial, destaca-se na sua sala de grandes prémios.

Bienvenida está presenta na conversa. O nosso entrevistado lembra o dia em que se encontraram em Nîmes, numa espécie de mano-a-mano. «Triunfei, cortando duas orelhas. A humildade prevaleceu sobre a jactância», lembra em conversa corrida com o jornalista, dias depois de se ter despedido dos aficionados em Santarém.

Cinco vezes colhido

Não está arrependido de ter enveredado pela carreira de que agora se despede, em todas as praças do País, quando já cobrava bastante como bandarilheiro: se assim continuasse seria, hoje, um homem rico, de certeza. «Muitas vezes é preferível ser rei um mês que príncipe toda a vida. Foi o que aconteceu comigo, neste caso». Não lamenta o passo dado, bem pelo contrário, porque quanto a exemplos negativos, o mais flagrante para si é o que a Festa dá de muitos que nela apareceram e continuam a despontar para dela se servirem, em lugar de a servir. «Anda muita coisa invertida na Festa, é necessário assegurar-lhe dignidade, devolver-lhe a que já teve», sublinha.

-Que lhe deram, afinal, os toiros? A pergunta foi feita, Mário Coelho não demorou a responder, como se muitas vezes na vida tiveses sido assim questionado. «Tudo o que de mais solene e sonhado um artista e um homem podem anelar». Faltou polvilhar a afirmação com isto: mesmo que isso lhe tenha custado várias rasgões e colhidas pelo corpo - quando de toureiro em toda a acepção da palavra -, numa luta leal que diestro e toiro travam. recordações dessas tem-as de Zafra, Madrid, Málaga, Jerez e Montijo.

A morte de um toiro de Ernesto Castro em Setembro de 1987, na Moita, elevou-o quase à categoria de herói no Alentejo e no Ribatejo, além de Lisboa. A fechar, fica esta declaração: «Mesmo quando um toiro me agarrava, eu não lhe sentia ódio».

Júlio Rodrigues

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc.º n.º 8480 3.ª secção

O DOUTOR ANTÓNIO SOUSA SANTOS, M.º JUIZ DE DIREITO DA 3.ª SECÇÃO DO 15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA:

FAZ SABER QUE foi distribuída a este Tribunal uma acção intentada pelo Ministério Público contra CARLA BRANCO VIEIRA, solteira, maior, residente na Rua Freitas Casul n.º 32-1.º-Esq.º e Dt.º, em LISBOA, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Lisboa, 11 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito,
(a) António Sousa Santos
O Escrivão-adjunto,
(a) Carlos Alberto M. Fernandes

«DL» — 2.ª Pub — 4/7/90

férias

VERÃO 90

ATITUDE 53 Viagens e Turismo, Lda

• TAILÂNDIA
• MINI-EUROPA • LONDRES
• AÇORES E MADEIRA
• AUSTRIA • CRUZEIROS
• CABO VERDE
• GRÉCIA E TURQUIA
• EGIPTO — CRUZEIRO/NILO

— PRAIAS —

ALGARVE
BENIDORM SALOU
COSTA DEL SOL
MARROCOS

RUA DA MADALENA, 55/61 1100 LISBOA ★ TELEF 87 88 21/2/3 FAX 87 25 12 - TELEX 44546 LT38 P

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

DESPORTO

Ténis: gemidos perturbadores

A tenista jugoslava Monica Seles produz um gemido de 82 decibéis, equivalente ao ruído de um comboio a diesel, cada vez que inicia o seu serviço no «court», anuncia o «Daily» Mirror».

O diário londrino publica o resultado de uma expertiência efectuada nos «courts» de Wimbledon, onde foi colocado um detector de sons acústicos, para determinar qual das jogadoras tinha o gemido mais forte, cada vez que efectuava a saída.

Mónica Selles ficou em primeiro lugar, seguida da tenista argentina Gabriela Sabatini, e da norte-americana Jeniffer Capriati.

O estudo foi feito devido aos protestos das jogadoras adversárias, que se queixam que esses gemidos lhes fazem perder a concentr[illegible] durant[illegible] jogo.

Segundo o detector [illegible] Moncia faz um ruído de 82 decibéis na saída e de 54 [illegible] que toca na bola, enquanto Sabatini produz um gemido de 72 decibéis na saída, e Capriati apenas 68 decibéis, equivalente ao ruído do metropolitano a alta velocidade.

Ralis: Sainz lidera Mundial

O espanhol Carlos Sainz, ao volante de um Toyota Celica 4WD, venceu o Rali da Nova Zelândia, com 91 segundos de vantagem do sueco Ingvar Carlsson, segundo classificado.

Sainz e o seu co-piloto Luis Moya sofreram um ligeiro atraso na antepenúltima prova de classificação, devido a um furo.

Com este triunfo na Nova Zelândia, Carlos Sainz aumentou para 25 pontos a sua vantagem sobre o francês Didier Aurioli, da Lancia, no comando do Campeonato Mundial de Ralis. Auriol não participou nesta prova na Nova Zelândia.

Na última etapa, o italiano Michel Rayneri, antigo campeão europeu e da Itália, foi obrigado a desistir, devido a um acidente espectacular, de que apenas resultaram elevados prejuízos no seu Lancia Delta Integrale.

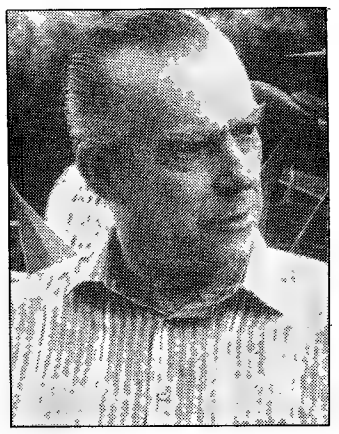
Tiro: bronze para João Rebelo

João Rebelo conquistou a medalha de bronze do europeu de tiro aos pratos em fosso olímpico, disputado em Uddevalla (Suécia). A medalha de ouro foi para o soviético Ignor Cheganov e a de prata para o italiano Danielle Cioni.

Representante do FC Porto demite-se e acusa: «O presidente decide tudo sozinho.» José Gomes Machado contesta: «Não tenho o mínimo respeito pelos mentirosos nem pelos ignorantes»

Andebol: Liga perde consistência

Sopra forte temporal no andebol português. Em consequência do litígio que estalou entre o FC Porto e José Gomes Machado, presidente da Associação Nacional dos Clubes de Andebol (ANCA), acaba de se demitir o vice Manuel Jorge Ferreira que havia sido indigitado pelo clube das Antas. O dirigente demissionário veio a terreiro (entrevista concedida ao jornal «Record») manifestar o descontentamento pelos preceitos de liderança instituídos por Gomes Machado referindo nomeadamente: «*A força de um trabalho colectivo, quando em bloco, só será possível com decisões discutidas e votadas para a obtenção da melhor solução. O presidente decide tudo sozinho, como aconteceu nas contratações de Machado da Costa e Fernando Pais, quando um só bastaria para dialogar com a Federação, nos aspectos técnicos, e organizar a sua área no interior da ANCA. Com esta orientação, a ANCA provoca nefastos prejuízos, económicos e desportivos, em todos os clubes.*» Manuel Jorge Ferreira disse mais: «*O relacionamento com a Federação não passa de uma paz podre, única e exclusivamente por falta de diálogo, derivando dessa pecha graves prejuízos para os clubes.*»



José Gomes Machado: «Os mentirosos não conseguem enlear-me»

Naturalmente que se impunha conhecer o «parecer» do visado (José Gomes Machado, actual líder da ANCA e antigo e muito prestigiado presidente federativo para além de outros cargos no dirigismo desportivo). O «réu» ergueu-se e disse: «*Primeiramente devo dizer-lhe que o lugar de presidente foi atribuído ao Sport Lisboa e Benfica que me indicou com o apoio de todos os clubes que integram a Liga e o vogal (não confundir com vice-presidente porque esse cargo não está consubstanciado nos estatutos) Manuel Jorge Ferreira, que era representante do Salgueiros, surgiu indicado como representante do FC Porto. Porque bulas ocorreu essa indicação não sei, nem me preocupa. O objectivo da ANCA, e todos o sabem, é a promoção da união de todos os clubes e todos os seus dirigentes estão fortemente empenhados em que tal seja uma consoladora realidade. A ANCA promove uma força, que essencialmente, conduz à canalização dos meios, para obstar a que os custos dos clubes diminuam, sendo pena que um qualquer colega, do executivo que eu dirijo, não partilhe neste preceito. Sou acusado pelo sr. Manuel Jorge, de que Machado da Costa e Fernando Pais foram nomeados à revelia do colégio directivo o que não corresponde à verdade, já que, ela teve a concordância de Fiel Farinha (Sporting), Mário Boavida (Belenenses) e José Manuel Malheiro (ABC de Braga) que assinaram a acta da admissão. Portanto, é falso que isso fosse um atestado à imoralidade das pessoas.*»

Logo, contraria todas as teses de Manuel Jorge Ferreira, até aquele em que aquele seu ex-colega do executivo, refere que a sede da ANCA funciona na sua residência?

«*Contesto e faço-o com vigor. A sede da ANCA funciona num andar que é meu, que não onde resido e pelo qual não cobro um tostão. Talvez valha a pena referir de que os custos de um andar rondam dos 130 aos 160 contos mensais, e, quanto a receitas, devo dizer-lhe que quatro clubes têm cumprido integralmente as suas obrigações. Refiro os seus nomes: Benfica, ABC, TAP e Vitória de Setúbal. Já agora, quero dizer-lhe mais isto: no que se refere a dinheiros, em determinado período adiantei 700 contos e, numa reunião, realizada no Centro de Estágio, eu e o meu colega José Manuel Malheiro assumimos o compromisso de que se no final da gerência houvesse prejuízo ele seria por nós suportado.*»

— Responsáveis pelo andebol no FC Porto, acusam-no de ser responsável pela nomeação dos árbitros?

«*Não pactuo com mentiras e recuso-me a responder a questões colocadas por gente ignorante. A direcção da ANCA é totalmente alheia às nomeações dos árbitros já que existe uma comissão presidida pelo líder federativo responsável por esse função. Todos sabem que assim é, e quando um qualquer dirigente vem à praça pública, revelar o contrário será no mínimo um ignorante e esses, por muito exímios que possam ser, não conseguem enlear-me. Não embarco em mentiras e não tenho o mínimo respeito pelos cultivadores de tal preceito. Mais isto: há indivíduos que talvez tenham pensado que para atacar a Federação a via aberta era integrar a direcção da Liga, comigo essas habilidades não funcionam.*»

Andebol em maré de polémica. Aguardem-se os próximos episódios.

A.H.

Ciclismo: GP de Torres Vedras

É Agostinho que ali vai

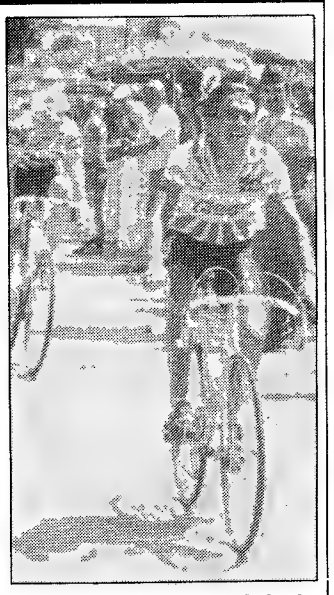
O Grande Prémio de Torres-Vedras Troféu Joaquim Agostinho, terá a partir de amanhã, mais uma edição com a participação dos nossos melhores «artistas do pedal» e a presença de outros estrangeiros de elevada bitola. Trata-se de uma competição (a única que em Portugal se realiza com o patrocínio da Federação Internacional) sob a égide da Câmara Municipal de Torres Vedras que, louvavelmente, pretende em todas as oportunidades, recordar o desportista mais credenciado da zona do Oeste lusitano. Joaquim Agostinho vai assim anualmente, à recordação de milhares de pessoas através da bonita serpentina policrómica formada pelo pelotão dos ciclistas que fazem questão de jamais esquecer aquele que foi, inquestionavelmente, o melhor entre eles e em todos os tempos.

A prova que conta com o apoio de diversos municípios nomeadamente Lourinhã, Óbidos, Caldas da Rainha, Rio Maior, Bombarral, Cadaval, Alenquer, Sobral de Monte Agraço, Mafra, Loures, Sintra, Amadora, Torres Novas, Golegã, Chamusca, Alpiarça, Azambuja, Salvaterra, Benavente, Arruda dos Vinhos, Alcochete, Montijo, Moita, Barreiro, Seixal, Palmela, Setúbal e Lisboa, terá amanhã o «tiro» da partida, pelas 10 horas e 45 minutos em Torres Vedras, para disputa da 1.ª etapa que terminará em Benavente, uns minutos antes das 16 horas. Depois será a continuação por estradas da Estremadura e do Ribatejo com etapas a terminar no Seixal (6.ª feira), Lisboa, Avenida da Liberdade (no sábado), Circuito de Torres Vedras (no domingo), Vila Franca de Xira (domingo) e, finalmente, a 7.ª etapa a ter risco final, em Torrres Vedras na 3.ª feira (dia 10).

Este Grande Prémio-Troféu Joaquim Agostinho, conta com o apoio de diversas empresas e, para além do patrocínio das autarquias já referidas, tem como suporte dezenas de juntas de freguesia que mobibilizam as suas populações para se colocarem na soleira da porta, transmitindo aos ciclistas o aplauso pelo seu esforço e pela beleza espectacular que proporcionam ao longo da caminhada de centenas de quilómetros. É a força do ciclismo, seu sortilégio, e o seu fascínio. É Joaquim Agostinho que ali vai.

Os prémios são aliciantes (o 1.º classificado da pauta geral receberá 160 contos) mas o que mais enaltece e prestigia esta importante prova do calendário internacional, é a homenagem à memória do malogrado atleta que à semelhança de Eusébio, Carlos Lopes e Rosa Mota enobreceu o desporto português em terras estranhas e em palco lusíada.

Está de parabéns a Câmara Municipal de Torres Vedras e de forma muito especial, o vereador do desporto, Francisco Manuel Fernandes, por insistir — e a iniciativa é imparável — na realização desta prova. Joaquim Agostinho não poderá ser esquecido, porque a bicicleta o simboliza. E Torres Vedras, também. Agostinho, Sempre!



Rui Duro: em 1989 foi ele que subiu ao pódio

TOITORRES TOYOTA

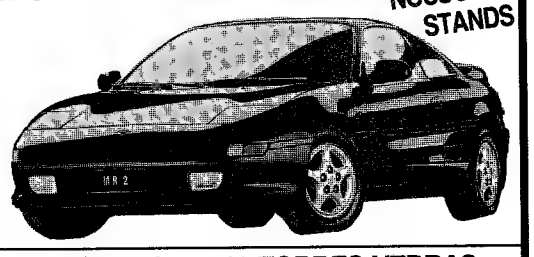
NOVOS MODELOS PARA ENTREGA IMEDIATA

VISITE OS NOSSOS STANDS

- MR2 (2.0) Vermelho
- CELICA ST I (Vermelho/Branco/Preto)
- CELICA GTI (Vermelho)
- COROLLA (Crystal Line)
- STARLET (Vários)
- STAR VAN (Vários)

COMERCIAIS

- HILUX (Todas as versões)
- LAND CRUISER (Novo motor)
- HIACE (Todas as versões)



TELEFS.: 25171 / 25174 – EDIFÍCIO TOITORRES – 2560 TORRES VEDRAS

Banix

Concessionário BMW

BMW - pelo prazer de conduzir

VENHA EXPERIMENTÁ-LOS E CONHEÇA AS CONDIÇÕES DE CAMPANHA

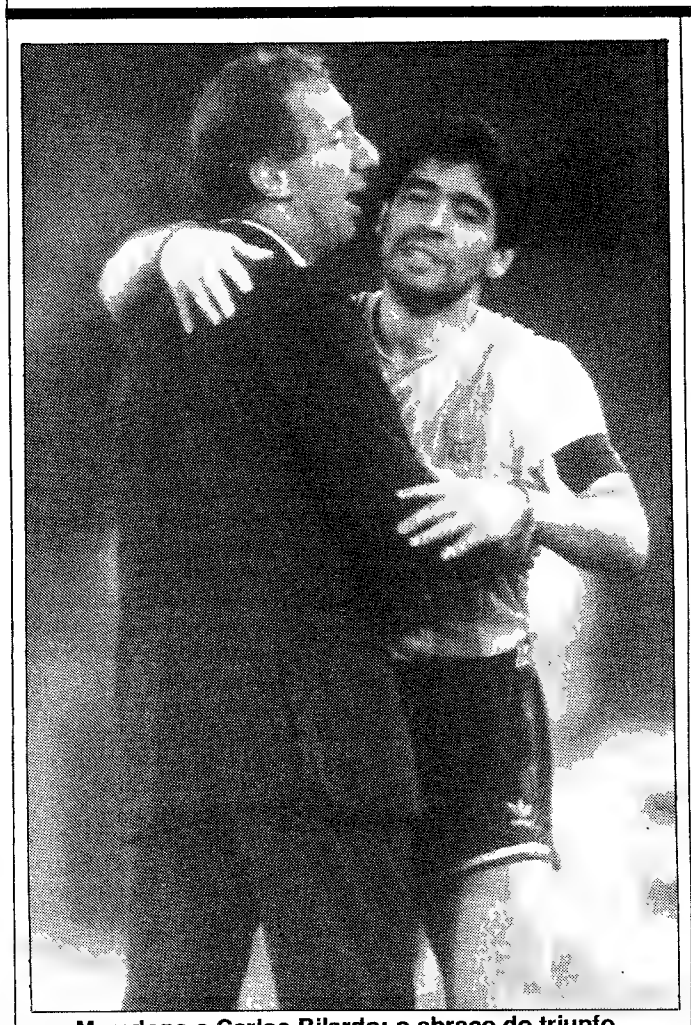
Temos para entrega imediata

316 I	Vários/Todas as versões
318 IS	Full extras
320 IS	Full extras
518 I	C/tecto de abrir
520 I	C/tecto de abrir
524 TD	Full extras
735 I	Full extras

316 I "VERÃO 90"

BANIX – Veículos de Transporte, S.A. – Tel.: 23159-25171/4 – 2560 TORRES VEDRAS

MUNDIAL



Maradona e Carlos Bilardo: o abraço do triunfo

Argentina,4-Itália,3
(após marcação de «penalties»)

Maradona desferiu golpe de misericórdia

Finalmente: alguém travou a marcha italiana que parecia (para além de rubricada por excelentes executantes) bafejada por arbitragem contagiada pela plateia. Perante a Argentina, o caseirismo do juiz francês Michel Vautrot esteve sempre em evidência: e os transalpinos, logrando adiantamento no marcador (por Schillaci, é claro) pareciam com o jogo na mão, mas no único momento em que Diego Maradona não teve policiamento a meio metro surgiu o tento do empate, num toque do *artista da década* para Olarticoechea, depois concluído por Caniggia, em cabeceamento de costas para a baliza. Zenga sofria o 1.º golo do Campeonato e toda a estrutura italiana ficou tremendo, nervoso o meio-campo e insegura a defesa, apenas os dois dianteiros tentando remar contra a solidez da turma sul-americana que, impulsionada por Maradona e Burruchaga, Ruggeri e Olarticoechea, foi deixando correr os 30 minutos de prolongamento e, mesmo com menos uma unidade, pareceu certa de que os *penalties* obrigatórios seriam favoráveis às suas cores. Foi o que aconteceu: nenhum argentino falhou, enquanto os *tiffosi* italainos ficavam siderados perante a má calibragem de Donadoni e Serena. O **tiro** de Maradona foi o golpe final no sonho da *squadra azzura* subir, no domingo, ao Estádio Olímpico de Roma. Argentina espera agora o vencedor do duelo Inglaterra-Alemanha Federal para defender o seu título mundial, conquistado no México, há quatro anos, quando os representantes de Portugal escreveram uma das mais negras páginas do futebol nacional.

M´á arbitragem do francês Vautrot que, inexplicavelmente, prolongou por oito minutos e 21 segundos o 1.º período do prolongamento, foi visivelmente caseiro e permitiu que técnicos, massagistas e directores das equipas entrassem no relvado com o jogo a decorrer.

Argentina: Sergio Goycochea; Juan Simon, Oscar Ruggeri, Jose Serrizuela e Julio Olarticochea; Ricardo Giusti, Gabriel Calderon (Pedro Troglio, 2.ª parte), Jorge Burruchaga e Jose Basualdo (Sérgio Bastista, 100), Claudio Caniggia e Diego Maradona.

Itália: Walter Zenga; Franco Baresi; Giuseppe Bergomi, Luigi De Agostini, Riccardo Ferri e Paolo Maldini; Fernando De Napoli; Giuseppe Giannini (Roberto Baggio, 74) e Roberto Donadoni; Salvatore Schillaci e Gianluca Vialli (Aldo Serena, aos 70).

Golos: Schillaci (17 minutos) e Caniggia (67). Desempates com remates de grande penalidade: Baresi (1-0), Serrizuela (1-1), Baggio (2-1), Burruchaga (2-2), De Agostini (3-2), Olarticochea (3-3), Donadoni (defesa de Goycoechea), Maradona (4-3) e Serena (defesa de Goycoechea). Cartão amarelo para Giannini, Giusti,Ruggeri, Olarticochea, Caniggia e Batista. Cartão vermelho para Giusti.

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política. São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

Tradição dramática

Este jogo tinha três meios-campos: o da Itália, o da Argentina, e o meu. Por mais que me esforçasse por adoptar um favorito, não fui capaz.

A Itália entrava sob o signo da simpatia dos árbitros e a Argentina sob o signo de uma sorte inacreditável. Ambas suspeitas, portanto. Em situações anteriores, a minha neutralidade foi abalada por equipas com jogadores bonitos. Este argumento, também falhou desta vez. Não estavam lá nem o Lupiu, n.º 11 da Roménia, nem os dois técnicos quase gémeos do Uruguai. Dir-se-ia o Dupont e o Dupond. Schillaci marca golos mas é baixo e não é bonito. Maradona é feio e não o deixem marcar golos.

Restava-me a cor da camisola ou a sua melhor integração no verde do relvado. Não havia grande distinção.

E por fenómenos estéticos,

Maluda
(pintora)

a Itália desiludiu-me com o logotipo deste mundial. Na sua situação estática o boneco é fraco para a tradição de bom *design* a que este país nos habituou em vários campos da criação artística. O «Ciao» faz-se valer da animação que a televisão tem sabido dar-lhe. Além disso, as manchas na bola sugerem feições, o que o torna grotesco.

Também me desiludiram os intelectuais italianos quando se pronunciaram tão negativa e raivosamente contra o futebol. Alberto Moravia e outros foram quanto a mim, mais violentos do que os «hooligans» e os «tiffosi» têm sido até aqui.

Mas vamos ao jogo.

Bom e emotivo. A Itália foi homogénea como sempre e a Argentina surpreendente, porque desta vez só marcou encontro com a sorte na fase final, a da lotaria.

Reabilitou-se dos primeiros desaires e revelou uma equipa mais capaz de acompanhar a batuta de Maradona. A subtileza dos seus passes foram mais entendidos e mais uma vez constituíram espectáculo. De assinalar, entre muitas, aquela jogada em que, de costas para a baliza, rematou perigosamente à meia volta.

O cidadão Michel Vautrot contribuiu para a emoção do jogo. Parecia ter levado para o campo o livro das páginas amarelas.

Fiel à tradição dramática das canções napolitanas, a tragédia recaiu sobre os donos da casa.

Reacção dos governantes

Andreotti: « uma tristeza» Menem: « espectáculo excepcional»

O primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, foi um dos muitos milhares de espectadores a ficar fortemente abalado com a derrota da Itália, frente à Argentina.

«*É uma tristeza, mas o terceiro ou o quarto lugar para a Itália num Campeonato do Mundo não deixa de ser uma classificação honrosa*», afirmou Andreotti aos jornalistas, depois de assistir ao dramático desempate por grandes penalidades, que ditou a eliminação da Itália e a qualificação da Argentina para a final de mais um Campeonato do Mundo de futebol.

«*Não posso dizer se poderíamos ter feito melhor, porque aqui da tribuna, as coisas parecem mais fáceis do que são na realidade, no rectângulo de jogo. Mas estou convencido de que os jogadores italianos deram o seu máximo*», declarou Andreotti, convidado a pronunciar-se sobre a exibição da «squadra azurra».

Interrogado sobre se a formação inicial da selecção italiana teria sido a mais indicada para o jogo com a Argentina, Andreotti respondeu: «*Nesse aspecto as equipas são como os governos. São constituídos para funcionarem bem, e só depois de entrarem em funções é que se descobrem os erros eventuais cometidos.*»

Entretanto, do outro lado do Atlântico, o presidente da República Argentina, Carlos Menem, exultou o triunfo da selecção do seu país, e foi com lágrimas que afirmou aos jornalistas que a vitória dos alvi-celestes não merece contrestação, tão justa se lhe afigura.

«*Nós jogámos futebol, mexemos melhor na bola e demos o maior contributo para um espectáculo excepcional*», comentou a propósito o Presidente argentino.

Andreotti: o sorriso da tristeza

Menem: a máscara do orgulho

Carlos Menem qualificou de «desastrosa» a arbitragem do francês Michel Vautraut, acrescentando que a Argentina não merecia ser submetida «ao sofrimento dos 'penalties', pois justificava-se por inteiro o seu triunfo nos 120 minutos de jogo».

Menem assistiu à transmissão do encontro na sua residência oficial, onde foi instalado um écrã de televisão de grandes dimensões, em companhia do guarda-redes Nery Pumpido e do defesa Jose Luis Brown.

Nas ruas das principais cidades argentinas, com destaque para Buenos Aires, reina o júbilo mais intenso, que «explodiu» logo após Aldo Serena ter falhado o «penalty» que implicou o afastamento da Itália da final e a qualificação da equipa de Maradona.

O trânsito foi praticamente intrerrompido pela multidão de dezenas de milhar de adeptos, que transportavam bandeiras argentinas e lançavam foguetes, enquanto os automobilistas faziam soar ininterruptamente as buzinas dos seus veículos.

Nos bares, restaurantes, cafés e cervejarias, completamente cheios, as pessoas beijavam-se umas às outras, enquanto a rádio e a televisão não cessava de comentar encomiasticamente a passagem da Argentina à final do Campeonato do Mundo de Itália-90.

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Não chores por ti, Itália!

Ruggeri e Maradona: venha de lá esse abraço!

Rasguem o papel das apostas: a Itália acabou por enfiar o violino na caixa, o sol apagou-se e o céu voltou a ficar cinzento, como nos outros meses do ano ao cair do dia. Meio aturdido, um país atira com o sonho para a dispensa e fica assim, embasbacado, apalermado, convencido que aquilo que viu em Nápoles foi apenas um pesadelo e que o despertar para a vida tornará a ser fascinante.

Infelizmente para os transalpinos, a evidência aí está. Um Campeonato delineado até ao mínimo pormenor para deixar o melhor ouro no Capitólio romano, estrada atapetada de veludos e imaginações, com milhões torcendo os nervos a favor de mais um golo de Schillaci, a esbelta Madona gritando entre os «vipes» convidados pro Cosiga, Andreotti, Havelange, sei lá se também do Papa, italianos espalhados pelos cinco cantos da Terra de olhar espetado para a caixinha de luzes e formas, a descarada Cicciolina obrigada a não cumprir o que prometera e ficando forçada a recauchutar as maminhas que garantira pôr ao léu mal o capitão Bergomi pegasse na tacinha mais apetecida, enfim: não dramatizando o sabor da pílula bem se pode dizer que um país inteiro ficou de costas viradas para os seus santos protectores. Uma vez mais, desta vez sem ajuda de mãozinha mas com os pezinhos afinados, o senho Don Diego Armando Moradona, *el pibe de oro,* cidadão nascido há 30 anos na terra de Carlos Gardel, recebia a bênção da sagrada aliança. Ficou novamente provado: Deus é (mesmo) sul-americano, Depois de ter andado com os brasileiros nas palminhas mudou de afeição: joga pela Argentina, restará saber se não muda de emblema lá pela tarde de domingo.

Pois foi: quem esperaria que a *squadra azzura* partisse o fio que estava preparadinho para funcionar como bússula até ao Estádio Olímpico de Roma? Contudo, aconteceu o percalço, de nada valeram algumas arbitragens que (sistematicamente) faziam vista grossa a entradas mais duras de Giannini e Di Napoli, nunca reparavam que *il signore* Franco Baresi andava sempre com a fralda de fora, coisa que a FIFA mandava castigar mas só aos artistas que cantassem outras músicas.

Desmoronou-se o edifício: os argentinos, assinando uma das mais bonitas exibições dos últimos anos, estiveram em Nápoles com algodão nos ouvidos, nada impressionados com a espantosa ovação que coroou o golo de Schillaci, muito menos perturbados pelas vaias e dichotes que se soltaram da bancada quando Jose Serrizuela, Jorge Burruchaga, Julio Olarticoechea e o outro sul-americano filho queridíssimo da vitória avançaram para a esfera de cal onde repousava a bola à espera do chuto que provoca mil angústias para qualquer guarda-redes.

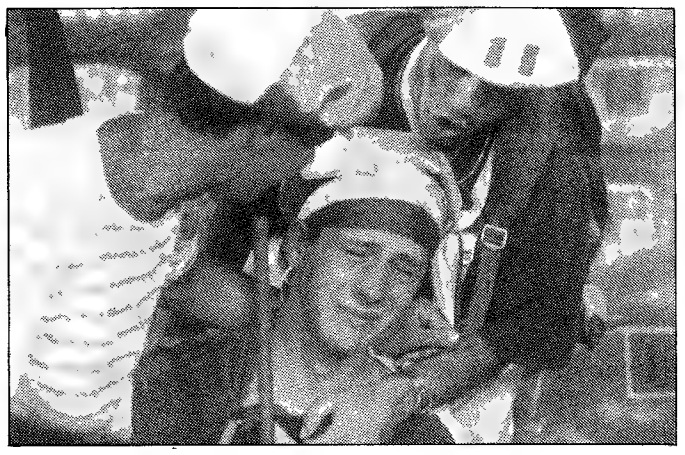
E foi uma explosão, um festim de alegria, um louco extravasar de emoções que estavam contraídas dentro do frasquinho destapado por Carlos Bilardo: uma vez mais, comprovando que a sorte apenas favorece os escolhidos no berço, Dieguito obriga a que o seu nome volte hoje a ser palavra dançante em todos os continentes. No pequeno lapso de calendário em que o seu policiamento foi descurado, talvez para os carcereiros ganharem novo fôlego, o *camisa dez* esgueira-se e congemina a jogada magistral de que sairia o tento que restituía a balança a perfeita paridade entre os dois pratos. Depois, foi apenas necessário deixar correr o marfim, porque nem sempre aparece Ivkovic pelas barbas de Maradona.

Retira-se dos projectores um «team» que deixou o perfume de altas interpretações, de bonitas rábulas futebolísticas sobre o palco verde. Sai do nosso olhar um «onze» com capacidade técnica e engenho táctivo verdadeiramente raros, com executantes de estirpe de Schillaci e Vialli, Baresi e Ferri, Bergomi e De Napoli, Maldini e Donadoni, Baggio e De Agostini, cinco testes de patamar constantemente elevado e só no exame *meia dúzia* apareceu uma boa na caixinha de Zenga, o homenzarrão de 30 anos, trabalhador *camisola um* do Inter de Milão, 519 minutos impante de orgulho por fechar a cadeado de aço o último caminho para o armazém de esferas brancas.

Mas, rei morto, rei posto; e aí está, na plenitude de todas as capacidades, uma Argentina disposta a mostrar que quem tem Maradona para o diálogo pode afoitamente ir, quase às cegas ou por palpite, à sorte ou por acaso, buscar o resto dos jogadores que são necessários para apresentar onze em campo, a lei não autoriza que Maradona esteja sozinho mas não impede que, à semelhança do que acontecia com Pelé e Eusébio, o seu talento, o seu poder de imaginação, a nata habilidade para o futebol, o raio de olhar viperino que mal espreita logo dilacera a sua presa, tudo isso junto chegue e sobeje para um astro vencer uma constelação, um cometa rasgar imparavelmente os ares e só voltar a repetir-se anos-luz desfilando pelos séculos.

Agora, toca aos dez alunos de Bilardo mais a *Don Dieguito* o confronto com duríssimos ingleses ou impiedosos germânicos, logo mais se saberá quem fica na peneira. No bloco sul-americano, há baixas consideráveis (os defesas Sérgio Batista e Julio Olarticochea, a médio Ricardo Giusti, o atirador Clausio Caniggia, todos alvejados por Michel Vautrot com os cartões coloridos), mas os acompanhantes do solista Maradona não vão entrar no rectângulo olímpico mais ansiado de braços caídos e pernas dormentes. O pior já lá vai: agora, nada mais resta que toda a Itália mudar de coração e voltar a remirar Maradona como seu ídolo, quer queiram ou não os mais intransigentes e relutantes arqueiros anti Nápoles. Até porque Sensini e Balbo trabalham na Udinese, Lorenzo é funcionário do Bari, Troglio é dilecto colaborador do Lázio e veste camisola do Cremone se o nove argentino, Dezotti como é conhecido no *mundillo* do mais bem pago pontapé na bola. Quem se vai lixar é o oponente, seja ele saxónico e disponha de 40 mil sócios na arquibancada ou tenha navegado desde as ilhas com 20 mil ingleses ao leme. Domingo é coco: dobrado contra singelo em como a Itália passsa a fardar-se de Argentina? Que é como quem diz: morar inteirinha à espera de novo clarão de luz iluminando Digo Armando Maradona, o seu autêntico rei.

Mais um dia histórico para o futebol argentino



Contrastes: euforia argentina e decepção italiana

Oito mil polícias mobilizados para o encontro de hoje

Ministro britânico dos Desportos pede aos adeptos ingleses para não responderem a eventuais provocações

O ministro britânico dos Desportos, Colin Moynihan, disse recear que os adeptos ingleses sejam provocados por «holligans» alemães federais em Turim, onde as selecções dos dois países disputam hoje as meias-finais do «mundial».

Há uma probabilidade real de provocação por parte de «hopligans» germânicos e italianos que podem aproveitar esta oportunidade para provocar incidentes ainda mais graves do que os já ocorridos no Itália-90, afirmou o ministro. *O potencial de violência para este jogo, é muito superior ao de encontros anteriroes,* acrescentou Colin Moynithan em declarações após um encontro com oficiais da Polícia de Turim sobre as medidas de segurança a implementar para o jogo.

Moynihan pediu aos ingleses para não responderem a eventuais provocações, avisando-os de que o seu comportamento será decisivo para a decisão da UEFA sobre a readmissão dos clubes nacionais nas competições europeias.

O encontro Alemanha Federal-Inglaterra será rodeado das mais apertadas medidas de segurança do «mundial», com oito mil polícias de choque já destacados.

As medidas implementadas reflectem o receio de confrontos entre «holligans» ingleses, considerados à partida os mais perigosos do «mundial», e alemães-federais, que provocaram os acidentes mais graves do campeonato, em Milão, a 10 de Junho.

As autoridades de Turim receiam também actos de vingança de adeptos da Juventus pela tragédia de Heysel, em que 30 pessoas, maioritariamente habitantes da cidade, morreram em confrontos provocados por adeptos do Liverpool (Inglaterra) na meia-final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol, em 1985.

Nas paredes da cidade apareceram várias inscrições prometendo «vingança» e a presidente da câmara tinha pedido uma troca da meia-final de Nápoles pela de Turim no caso de a Inglatera se qualificar para o jogo. No entanto, a organização do «mundial» e a Polícia defenderam o cumprimento do calendário previsto dizendo ter tudo sobre controlo para receber os adeptos dos dois países.

O consulado germânico em Turim pensa que a selecção alemã federal será apoiada nas meias-finais por cerca de 25 mil adeptos, enquanto os ingleses estão à espera de seis mil a 10 mil apoiantes.

Heysel: presidente da «juve» aconselha o esquecimento...

O presidente da Juventus, Vittorio Chiusano, apelou à reconciliação entre ingleses e italianos, aconselhando-os a esquecerem a tragédia de Heysel, em 1985, em que 39 pessoas morreram em incidentes provocados por adeptos do Liverpool.

Espero que os ânimos mais exaltados dos dois lados (italianos e ingleses) compreendam que se trata de uma competição de futebol e não de uma guerra armada, afirmou o presidente da Juventus.

O que aconteceu em Bruxelas (no Estádio Heysel) não pode levar-nos a esquecer que o que está agora em causa é um jogo entre duas grandes equipas de futebol, afirmou Chiusano, mostrando-se receoso de actos de violência em retaliação pela tragédia de Heysel.

Nas paredes da cidade apareceram várias inscrições prometendo vingança contra os «holligans» ingleses pela morte de 39 adeptos de futebol, 31 dos quais da Juventus, na final da Taça dos Campeões Europeus de 1985, entre o clube de Turim e o Liverpool.

...E ingleses recorrem da sentença

Uma dezena de adeptos do Liverpool condenados pelos distúrbios que causaram a morte de 39 pessoas no estádio de Heysel, em 1985, recorreram das sentenças que lhes foram impostas na última semana, disse Miriam Shelvey, advogada dos britânicos.

Shelvey acrescentou que dez dos 14 adeptos britânicos, condenados por homicídio na sequência da tragédia ocorrida antes da final da Taça dos Campeões Europeus, entre a Juventus de Turim e o Liverpool, recorreram das condenações para o supremo tribunal belga.

DIGEST

«Velhas glórias» tiveram muita clientela

O encontro de beneficência disputado por «velhas glórias» de anteriores campeonatos do mundo de futebol, rendeu entre 100 e 150 milhões de liras (cerca de 12 mil e 18 mil contos, respectivamente).

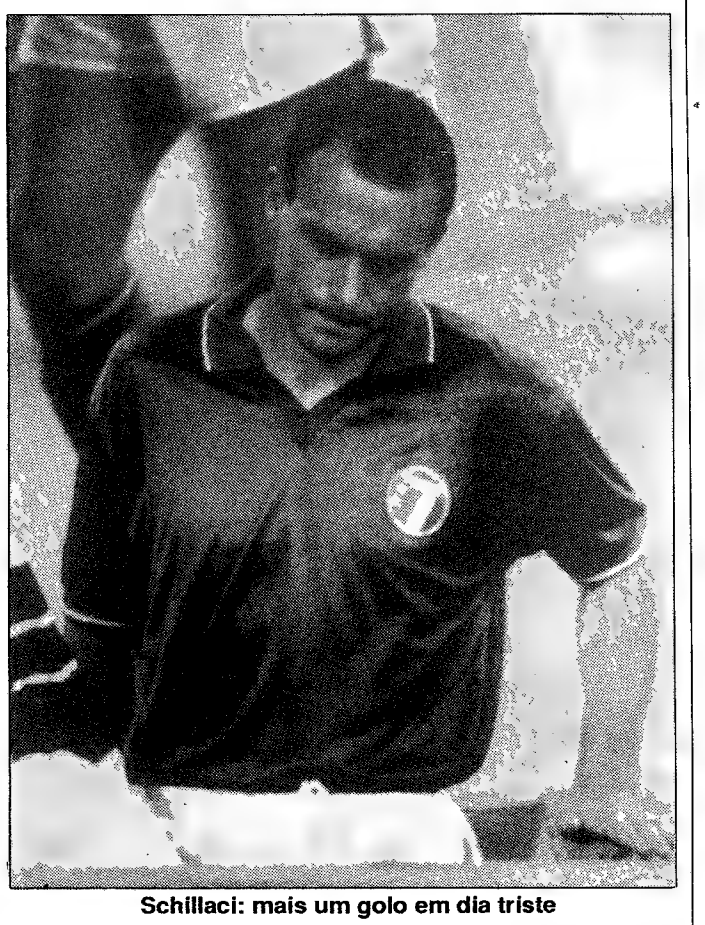
O encontro reverteu para um fundo de combate à fome das Nações Unidas (ONU), tendo um porta-voz daquela organização internacional informado que os jogadores disputaram o encontro gratuitamente.

Eis a ficha do jogo:

EUROPA: Vidini (Castellini, 6); Sala (Agroppi, 46), Davis (Ryan, 46) e Rumennigge; Boniek, Mueller, Causio (Nielsen, 46) e Brady; Altobelli, Bobby Charlton e Paolo Rossi.

AMÉRICA DO SUL: Weeks; Esposito (Veglio, 65), Junior e Ramirez (Gonzales, 46); Falcão, Dirceu, Taverna (Johnston, 15) e Rivelino; Cubillas, Zico e Altafini.

Golos: Rossi (6, 8, 54 e 61); Altobelli (13, 67 e 77), Muller (20), Bobby Charlton (39 de grande penalidade), Rumennigge (49), Zico (20, 36, 52 e 65), Cubillas (1), Alfatini (42 de grande penalidade) e Rivelino.



Schillaci: mais um golo em dia triste

Schillaci igualou Skuhray com cinco remates certeiros

Até ao encontro de ontem (49.º do Mundial) foram marcados 109 golos — excluem-se os averbados através da conversão de grandes penalidades para efeito de apuramento — cabendo a liderança (com cinco remates certeiros) ao checo Thomas Skuhray e ao italiano Salvatore Schillaci. Com quatro golos, encontram-se Roger Milla (Camarões), Michel (Espanha) e Lothar Matthaeus. Rudi Voeller, Klinsmann e Lineker formam o grupo dos que já rubricaram o «tri», com dois tentos situa-se um grupo de 11 jogadores e com um «tiro» certeiro figuram 57 «artilheiros».

HOJE NA TV

INGLATERRA **RFA**

RTP 1 — 19H00

Peter Shilton	1	Bodo Illgner
Gary Stevens	2	Stefan Reuter
Stuart Pearce	3	Andrea Brehme
Neil Webb	4	Jurgen Kohler
Des Walker	5	Klaus Augenthaler
Terry Butcher	6	Guido Buchwald
Bryan Robson	7	Pierre Littbarski
Chris Waddle	8	Thomas Haessler
Peter Beardsley	9	Rudi Voeller
Garry Lineker	10	Lothar Matthaeus
John Barnes	11	Frank Mill
Paul Parker	12	Raimond Aumann
Chris Woods	13	Karlheinz Riedle
Mark Wright	14	Thomas Berthold
Tony Dorigo	15	Uwe Bein
Steve McMahon	16	Paul Steiner
David Platt	17	Andreas Voeller
Steve Hodge	18	Juergen Klismann
Paul Gascoigne	19	Hans Pfluergler
Trevor Steven	20	Olaf Thon
Steve Bulu	21	Guenter Hermann
David Seamon	22	Andreas Koepke

Disciplina: 167 advertências e 13 expulsões

Nos 49 encontros já efectuados, os árbitros mostraram a cartolina amarela a 167 futebolistas tendo, igualmente, exibido o cartão vermelho a 13 elementos. As medidas drásticas tomadas pelos parceiros de Carlos Valente devem-se às severas recomendações dos responsáveis pelo Comité de Arbitragem da FIFA.

Lazaroni: «sinto-me um delinquente»

O treinador da selecção brasileira de futebol, Sebastião Lazaroni, afirmou que «*tem sido tratado como um delinquente comum*», após a derrota do Brasil frente à Argentina, nos oitavos de final do Campeonato do Mundo.

«*Nunca pensei que o futebol alterasse a este ponto as ideias das pessoas*», repetiu Lazaroni, ao comentar a hostilidade com que os cidadãos brsileiros o acolheram, no regresso ao Rio de Janeiro.

Lazaroni regressou ao Brasil na passada quarta-feira, mas no aeroporto do Rio de Janeiro conseguiu evitar as dezenas de jornalistas que o aguardavam saindo para o exterior por uma porta lateral.

Desde então, manteve-se recolhido com a família no apartamento que possui na localidade de Leme, nos subúrbios do Rio de Janeiro, efectuando, ontem, o seu primeiro contacto com a imprensa, após a eliminação do Brasil.

«*Sinto-me como um delinquente que tivesse cometido um crime. Toda a gente fala com ódio de Lazaroni, esquecendo-se de que eu sou um homem como qualquer outros cidadão*», comentou o técnico no encontro que manteve com os jornalistas.

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

P.º 6755 - 2.ª secção

FAZ SABER QUE foi distribuída à 2.ª secção deste Juízo uma acção contra ARMINDA RODA COELHO OLIVEIRA, residente na R. Cidade de Cardiff, n.º 31-cave em LISBOA, com o n.º 6755, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Lisboa, 5/6/90.

O Juiz de Direito,
a) Flávio J.B. do Casal

A escrivã-adjunta,
a) M.ª Manuela A. Sereno

«DL» — 2.ª Pub — 4/7/90

I Série N.º 152
Dia 4 de Julho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças

Portaria n.º 499/90:
Acrescenta ao quadro do pessoal do Gabinete de Macau um lugar de técnico especialista principal.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 219/90:
Altera o Decreto-Lei n.º 42 641, de 12 de Novembro de 1959, sobre o crédito em geral e a banca comercial.

Portaria n.º 500/90:
Cria uma delegação aduaneira junto da zona franca da Madeira.

Ministérios das Finanças e da Justiça

Portaria n.º 501/90:
Altera o quadro de pessoal da Secretaria-Geral dos Tribunais do Trabalho do Porto.

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 502/90:
Institui para a campanha de 1990-1991 uma ajuda, sob a forma de subsídio, aos trigos, centeio, cevada, triticale e milho, produzidos e vendidos no território continental.

Ministérios das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 503/90:
Inclui no âmbito de aplicação do Decreto Regulamentar n.º 29/81, de 24 de Junho, o ramo de nutrição.

Ministérios das Finanças, da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 504/90:
Fixa os preços limiares de importação, para efeitos de construção dos direitos niveladores aplicáveis à importação de cereal em grão por tonelada de cereal. Revoga a Portaria n.º 8-A/90, de 8 de Janeiro.

Portaria n.º 505/90:
Fixa os preços limiares de importação, por tonelada, de trigo-mole e mistura de trigo e centeio, de aveia, de milho, de sorgo e dos restantes cereais. Revoga a Portaria n.º 330-D/89, de 8 de Maio.

Portaria n.º 506/90:
Fixa os preços limiares de importação, por tonelada, das farinhas de trigo ou de mistura de trigo e centeio, das farinhas de centeio, das sêmolas de trigo-duro e das sêmolas de trigo-mole. Revoga a Portaria n.º 330-F/89, de 8 de Maio.

Portaria n.º 507/90:
Estabelece os preços de referência à produção e de orientação do mercado de cereais para a campanha de 1990-1991.

II Série
Dia 20 de Junho

SUPLEMENTO

Ministério das Finanças

Gabinete do Auditor-Geral do Mercado de Títulos.

ANDAR VENDE-SE

A estrear, em Alfornel (Pontinha)
Contacto c/ proprietário: telef. 88 32 57
(a partir das 20 horas)

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território:
Céu pouco nublado apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã, na faixa costeira ocidental. Vento fraco, soprando moderado de nordoeste com rajadas no litoral oeste. Neblina matinal. Pequena subida de temperatura.

Estado do mar - costa ocidental: Mar cavado a grosso.Ondulação noroeste de dois metros.**costa sul** :Mar de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro .

Amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no litoral a norte do cabo da Roca, durante a madrugada e manhã. Vento fraco, soprando de noroeste e com rajadas no litoral oeste. Neblina matinal.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no litoral a norte do cabo da Roca.Vento fraco,soprando moderado de nordeste e com rajadas no litoral oeste.Neblina matinal.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste forte..

Estado do mar - costa norte: mar cavado a grosso. Ondulação norte de três metros.costa sul: mar de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.

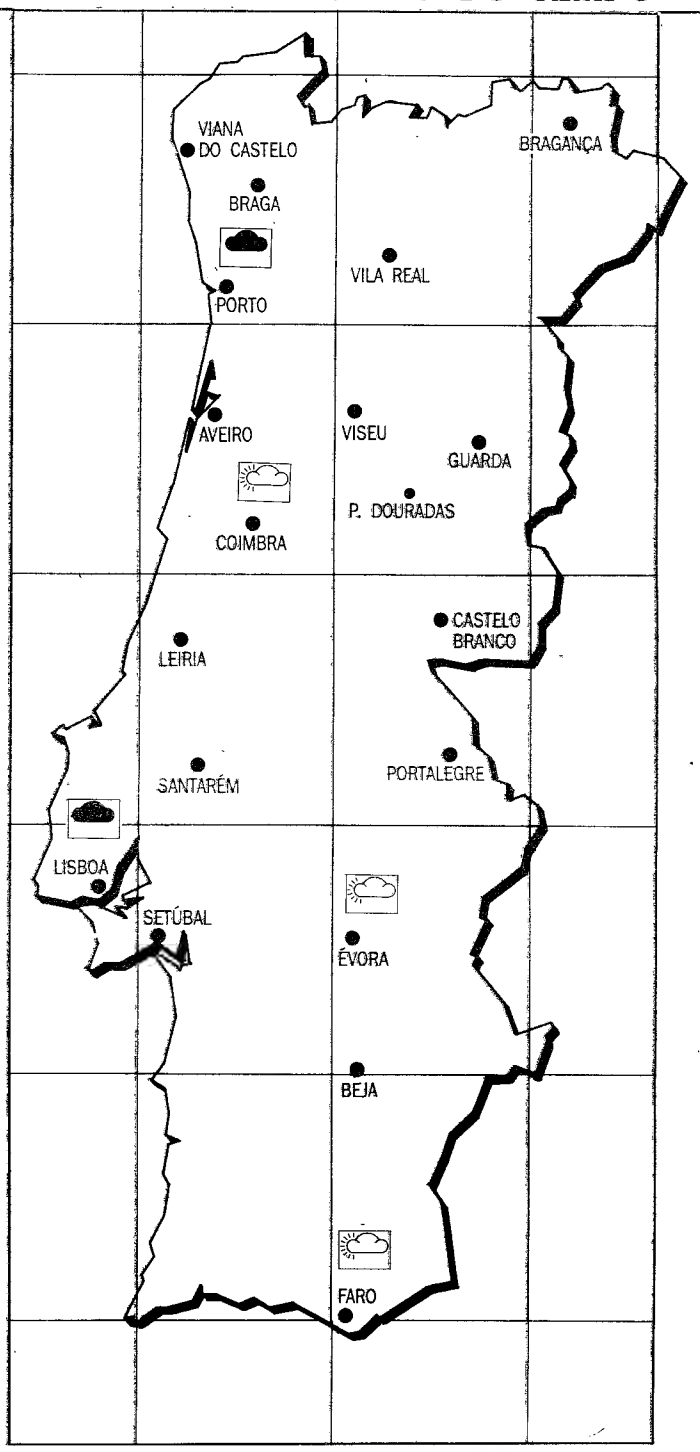
Funchal: céu pouco nublado. Vento fraco.

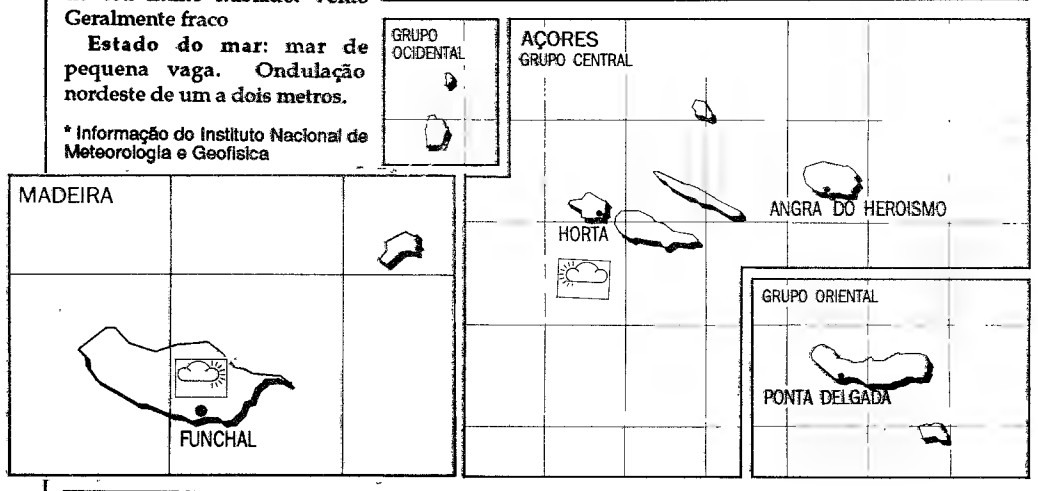
AÇORES

Em todos os grupos: Períodos de céu muito nublado. Vento Geralmente fraco

Estado do mar: mar de pequena vaga. Ondulação nordeste de um a dois metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

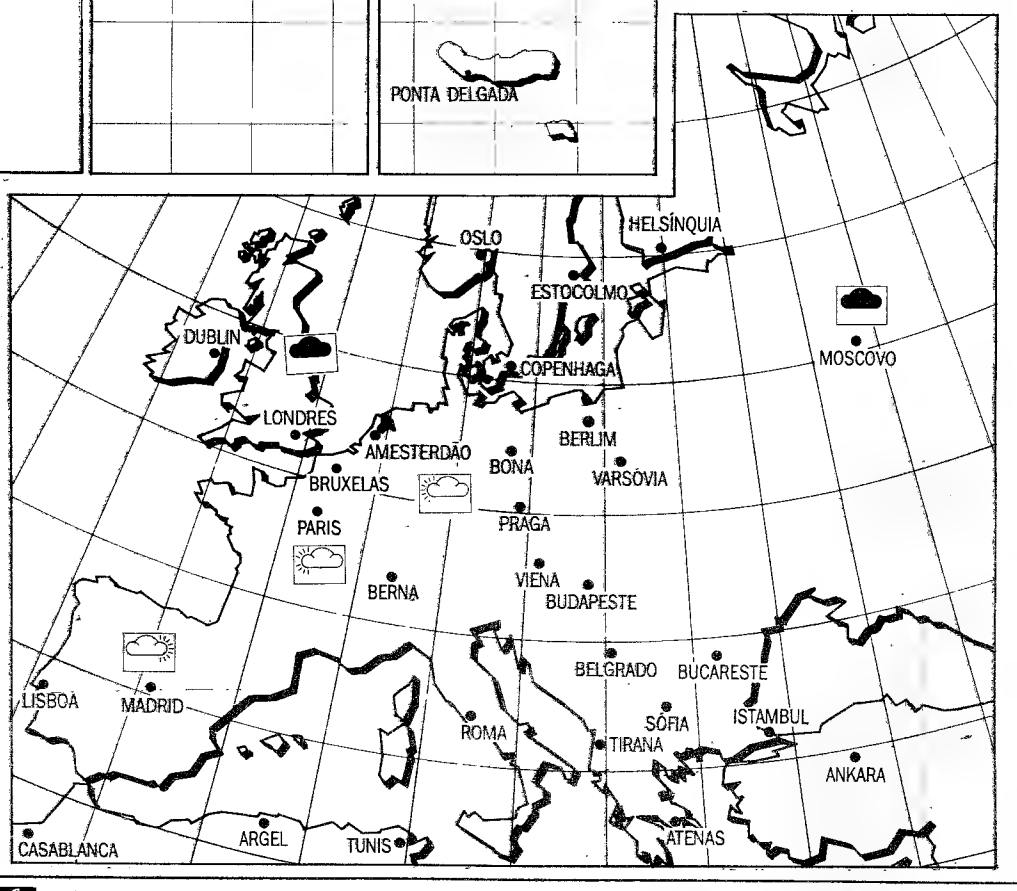
MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
01.25	2.9m	07.06	1.3m
13.50	3.1m	19.37	1,2m

Amanhã

02.17	3.0m	07.50	1,2m
07.50	1.2m	20.20	1,1m



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	13	14	Limpo
V. Castelo	13	14	P. nub.
Vila Real	–	–	–
Porto	11	12	Neblina
P. Douradas	–	–	–
Coimbra	14	14	Neblina
C. Carvoeiro	17	17	Limpo
C. Branco	16	16	P. nub.
Portalegre	18	19	P. nub.
Lisboa	16	17	M. nub.
Évora	14	14	P. nub.
Beja	14	14	Limpo
Sines	15	15	Limpo
Faro	19	20	Limpo
Sagres	16	16	P. nub.
P. Delgada	18	18	P. nub.
Horta	19	19	P. nub.
Funchal	19	20	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 28; Porto, 23; Faro, 31; P. Delgada, 26; Funchal, 25.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	15	17	Limpo
Londres	11	13	Encoberto
Paris	9	11	Limpo
Bruxelas	8	12	P. nub.
Amesterdão	8	12	Neblina
Genebra	8	12	P. nub.
Roma	21	23	M. nub.
Oslo	9	13	Limpo
Copenhaga	9	14	P. nub.
Estocolmo	11	13	M. Nub.
Berlim	13	14	M. nub.
Viena	14	15	Chuva
Varsóvia	12	17	P. nub.
Atenas	23	26	Neblina
Moscovo	16	17	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	11	13	Chuva
Caracas	20	29	Nublado
Hong Kong	28	32	Nublado
Joanesburgo	1	15	Limpo
Los Angeles	18	30	Limpo
Montreal	11	17	Chuva
Nova Deli	25	34	Nublado
Nova Iorque	18	24	Nublado
Rio de Janeiro	20	25	Limpo
São Francisco	12	21	Limpo
São Paulo	–	–	–
Tóquio	21	25	Chuva

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Amoreiras - Campolide: Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; **Areeiro - Apeadeiro:** Ideal, Av.Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Infante Santo - Pampulha:** Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Rossio:** Estácio, Rossio, 60-63, Tel. 327067; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543938; **Santa Bárbara:** Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10, Tel. 570593; **Sete Rios:** Canto, Estrada Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av.Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada-A-Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Campo Pequeno - Apolo 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Liceu Pedro Nunes:** Janeiro, Av. Álvares Cabral, 96-100, Tel. 661453; **Olivais Sul:** Antunes Rosas, Pc. Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvide - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A, Tel. 4935518. Permanente; Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Até às 22 h; **Damaia:** Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. Ant.º C. Sá, 50 - GE, Tel. 4377619. Permanente; **Albergaria,** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Pragal, R. Dit.ª Pragal, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D, Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233038. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44, Tel. 2072141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-C, Tel. 2243729. Permanente; **Arrentela:** Ana Branco, Quinta Murtinheira, Tel. 2215590. Até às 22 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — CAMPEÃO

HÁ FESTA EM VILA FRANCA

PARA EVITAR AS ENXURRADAS É A POLÍCIA

ESTUDA-SE A CORRECÇÃO TORRENCIAL DE LOURES

PAULO VI RECEBEU LODGE

Há festa em Vila Franca

As festas do «Colete Encarnado» levaram alegria e colorido a Vila Franca de Xira onde, ao fim da manhã, cerca de 100 campinos correram à desfilada à procura de cinco medalhas, de um conto e tal em dinheiro e dos aplausos dos turistas. Touros, Campinos e Fado são (portanto) o cartaz fim-de-semana à beira Tejo.

A correcção torrencial de Loures

Loures é um concelho que não cresceu - digamos - harmoniosamente. De zona marcadamente rural, Loures, em poucos anos, tornou-se numa região sobrecarregada de áreas de urbanização. Por outro lado, em todo o concelho há que resolver problemas relacionados com a rectificação de linhas de água, por forma a ficarem eliminados os efeitos perniciosos das cheias.

Paulo VI recebeu Cabot Lodge

Henry Cabot Lodge foi recebido hoje de manhã pelo Santo Padre. O representante pessoal do presidente Nixon chegou às 10 e 45 de automóvel ao Vaticano. A companhava-o uma única pessoa. A entrevista realizou-se na biblioteca privada do Papa. Os observadores pensam que o assunto principal do encontro foi o problema do Vietename.

EFEMÉRIDES

1972

• As Coreias do Norte e do Sul renunciam ao emprego da força, concordando em reunificar, pacificamente, a Coreia sem intervenção exterior.

1976

• Um comando israelita, desloca-se cerca de quatro mil quilómetros até ao Aeroporto de Entebe, no Uganda, para libertar 103 reféns detidos num avião. Na operação, que teve êxito, morreram quatro israelitas, sete piratas aéreos e 20 soldados ugandeses.

1980

• Em Pequim, é assinado primeiro acordo comercial entre Portugal e a República Popular da China.

1983

• Uma seca que afecta quase cinco dos 12 milhões de habitantes de Moçambique, forçando as populações a viver de frutos selvagens, obriga o Governo de Maputo a renovar apelos de ajuda internacional.

1984

• O recém-eleito secretário-geral do Partido Comunista Italiano, Alessandro Natta, afirma que o seu partido é totalmente independente de Moscovo e que não tenciona fazer peregrinações à Europa de Leste.

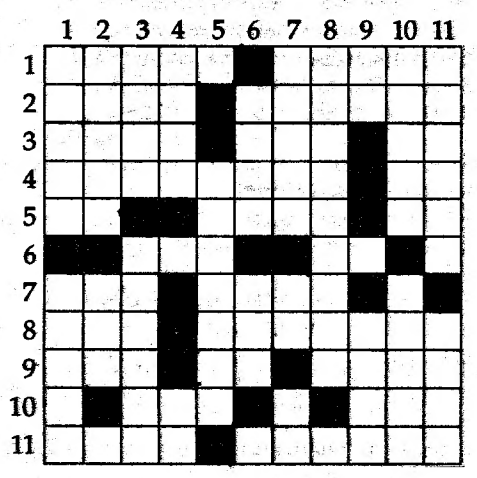
1985

• O Parlamento português aprova, por maioria, a proposta de lei que visa permitir a actualização anual das rendas de casa e a correcção extraordinária das rendas mais antigas.

1986

• Médicos australianos revelam terem nascido, pela primeira vez no Mundo, gémeos concebidos a partir de óvulos congelados.

PALAVRAS CRUZADAS



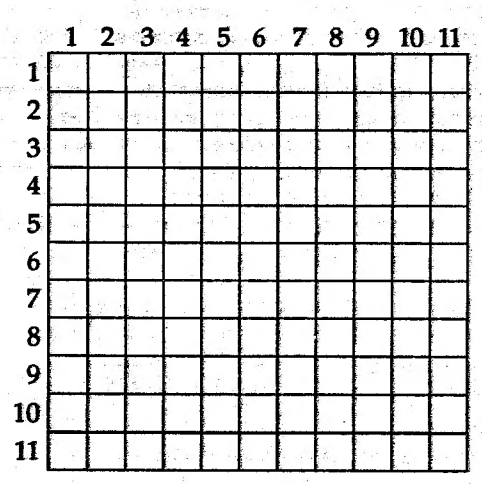
PROBLEMA N.º 17952

HORIZONTAIS:

1 - Mais cedo. Cidade de Itália.
2 - Undécimo mês do calendário árabe. Chegarias.
3 - Imperador romano, vencido em Bedríaco pelas legiões de Vitélio e se matou. Ilha do estado da Baía. Bário (s.q.).
4 - Peneiravam. Caminhar.
5 - O lado do vento (inv.). Domestica. Preposição e artigo (inv.).
6 - Cerro de Maomé. Rubídio (s.q.).
7 - Felicidade. Neste lugar.
8 - Nome de fruto. Chupados.
9 - Chefe etíope. Pronome reflexo. Cura.
10 - Ecoe. Sufixo que designa pequenez.
11 - Vazias. Recados.

VERTICAIS:

1 - Idoso. Jumento.
2 - Natalício. Nome de mulher.
3 - Irmãs da mãe. Mistura.
4 - Divindade do amor, entre os gregos. Ósmio (s.q.).
5 - Transferisse para outro dia.
6 - Esperto. Pronome relativo.
7 - Escavam. Árvore da serra Leoa (inv.). Mil e cinco em romano.
8 - Guarnecerias de arames.
9 - Nota musical. Ofereceis.
10 - Erudito. Defunto.
11 - Guarneceram de asas, Sadios.



PROBLEMA N.º 16762

HORIZONTAIS:

1 - Castigo. Tombas.
2 - Prender com elos. Terra arroteada de novo.
3 - Comentários. Taramelas.
4 - Albergaremos por esmola.
5 - Remuneração. Cálcio (s.q.).
6 - Torna ditoso. Tostas.
7 - Transiges. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
8 - Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Repreensão (fig.).
9 - Rolai. Preposição.
10 - Ficaremos.
11 - Bário (s.q.). Poisara no mar (o avião).

VERTICAIS:

1 - Vila e sede de concelho (Castelo Branco).
2 - Gavinhas. Atraso.
3 - Dia ou época de nascimento.
4 - Terra nova e arroteada de fresco. Possuirás.
5 - Tampas ou testos de vasilhas. Sufixo que designa pequenez.
6 - Aqui. Batráquio. Antes do meio-dia.
7 - Mostrara (os dentes).
8 - Tempo do verbo ir. Érbio (s.q.).
9 - Chão. Abreviatura de Santíssimo. Ave. pernalta.
10 - Casa de pasto ordinária (pl.). Maior.
11 - Em as. Queimo. Apelido.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 951

HORIZONTAIS: 1 - FLOR. Sacais. 2 - Rum. COLHIDA. 3 - Uçá. Aliaram. 4 - Tanita. Dó. 5 - Sr. Tapes. 6 - Calares. 7 - Lotai. Par. 8 - Em. Sala. Dar. 9 - Lis. Ajeita. 10 - Idosa. Ordem. 11 - Aarau. São.
VERTICAIS: 1 - FRUTO. Lélia. 2 - Luca. Comida. 3 - Oman. Sor. 4 - Iscas. Sa. 5 - Catraia. Au. 6 - Sola. La. 7 - Ali. Tapajós. 8 - Chapara. Era. 9 - Air. PERDIDO. 10 - Idades. Até. 11 - Samos. Aramá.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 761

HORIZONTAIS: 1 - Andaluzia. 2 - Toiro. Ca. 3 - Má. Traços. 4 - Atacaremos. 5 - Nena. Aliais. 6 - Anhos. 7 - Arruaça. Or. 8 - Ira. Teor. 9 - Ma. Variar. 10 - Im. Ou. Broas. 11 - És. Sois.
VERTICAIS: 1 - Atlanta. Mil. 2 - No. Te. Ruam. 3 - Dimanar. 4 - Araçá. Uivos. 5 - Lo. Aarau. 6 - Trancar. 7 - Zarelha. Ibo. 8 - Âmio. Tari. 9 - Coas. Eros. 10 - Cosi. Oó. 11 - Cãs. Sorriso.

PROVÉRBIO:
FLOR COLHIDA, FRUTO PERDIDO

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CADILLAC COR DE ROSA
Filme de Buddy van Horn
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OS DELINQUENTES
Filme de Chris Thomson
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/16 anos - Às 15.00 e 21.00

CAPITÓLIO
Parque Mayer
NUNCA TÃO FUNDO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O SARGENTO DE FERRO
Filme de Clint Eastwood
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
LAMBADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
FORÇA ESPECIAL DE INTERVENÇÃO
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalowsky
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
JAMES BONDE CONTRA O.S. SEX 69
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO ANDY WARHOL
CHELSEA GIRLS
Às 18.30
BLOW JOB
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
O REGRESSO DE JEDI
Filme de Richard Marquand
M/6 anos - Às 14.00, 17.00 e 21.15

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

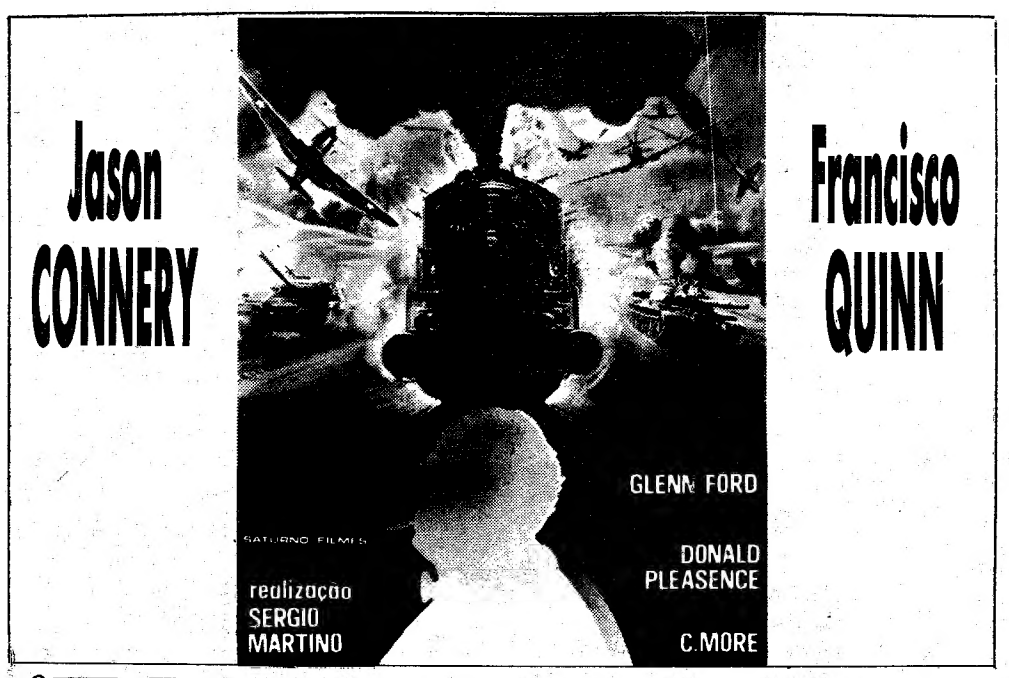
IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
LAMBADA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OS DELINQUENTES
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,



O EXPRESSO DE CASABLANCA

Já em exibição nos cinemas S. Jorge - Fonte Nova - Estúdio A.C. Santos

19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
LAMBADA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
ALADINO E O GÉNIO
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
PRAZERES ESCALDANTES DE SISSY
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
LAMBADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
QUEM AMA QUEM?
Filme de Kenneth Bowser
M/16 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
O PRINCÍPE DA PENSILVÂNIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
LAMBADA - A FUGA DA NOITE
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
LAMBADA A FUGA DA NOITE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
O MEU TIO SOLTEIRO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
NOBRES VICIOS
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
O ABISMO
Filme de James Cameron
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
LAMBADA
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
INIMIGAS E AMANTES - UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
LAMBADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
A LEGENDA DAS 3 ESTÁTUAS
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
BOM DIA MENINAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AZELHAS AO VOLANTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltès
Em cena até dia 15

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
T. 3961515
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
UM POETA AFINADO
De Manoel de Figueiredo
Em cena até dia 8

TEATRO ESPAÇO
Caixa Económica Operária, Rua Voz do Operário, 64 - T. 676410
De 4ª a Sáb. às 22.00
CULPA (estreia)
Cenografia de Helena Flor

VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Viver também se Aprende; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

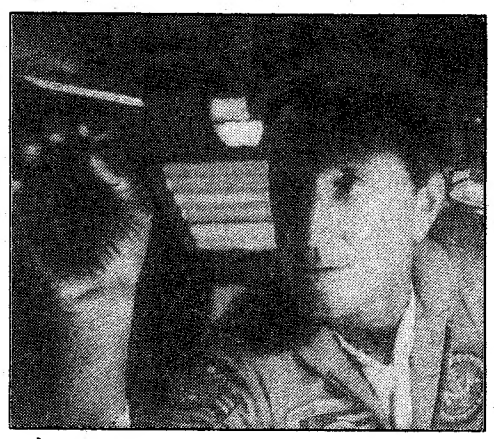
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.50 - DESENHOS ANIMADOS
16.05 - ACÇÃO EM MIAMI
1º episódio
16.55 - O MUNDO ANIMAL
4º episódio
17.15 - BRINCA BRINCANDO
18.25 - JOGO DE CARTAS
18.45 - FUTEBOL: ITÁLIA 90
Alemanha-Inglaterra
para as meias-finais
(no intervalo O Tempo).
21.05 - RODA DE FOGO
22.05 - TELEJORNAL
22.40 - BOLSA
22.41 - DIREITO DE ANTENA
22.44 - BOLETIM AGRÁRIO
22.45 - VAMOS JOGAR
NO TOTOBOLA
23.00 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«2010 - O Ano do Contacto», um filme de Peter Hyams (EUA, 1984) com Roy Scheider, Helen Mirren, John Lithgow, Bob Balaban e Keir Dullea. «2010» retoma a história de «2001» nos seus aspectos meramente narrativos e ainda que Arthur C. Clarke fosse aprovando o argumento à medida que Hyams o ia escrevendo, a verdade é que «2010» nada acrescenta à obra visionária e portentosa de Kubrick.



Às 23 horas em «Lotação Esgotada», no 1º Canal, o filme «2010 - o Ano do Contacto»

Tudo se passa agora ao nível de mero filme de antecipação onde nove anos depois dos acontecimentos que fizeram abortar a missão espacial da nave Discovery pela acção directa de inteligências extra-terrestres, se tenta primeiro desvendar o mistério dessa missão e, num segundo momento, contactar com essas presenças de outros mundos, representadas pelo célebre monolito negro.
01.15 - 24 HORAS
01.50 - REMATE

RTP-2

16.50 - O LICEU DEGRASSI
17.20 - O MENINO DOUTOR
17.45 - DE COMBOIO
ATÉ KILIMANJARO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - VAN GOGH
1º episódio de uma série de quatro sobre a vida do pintor, cujo centenário do nascimento se comemora este ano.
Baseada na biografia de Van Gogh, da autoria de Jan Hulsker, a série percorre a vida do artista salientando a influência que a sua personalidade exerceu sobre a vida dos que contactavam directamente com ele, transformando-os e algumas vezes destruindo-os. «Van Gogh» foi filmado nos lugares em que o pintor viveu, sendo esta personagem interpretada pelo actor holandês Ids Van der Krieke, cuja parecença física com Van Gogh é extraordinária.
22.25 - CHARLES DE GAULLE
2º e último episódio
23.15 - A VANTAGEM

No 2º Canal às 21.30, o primeiro episódio da série «Van Gogh»

DE SER PRINCE
23.55 - TORNEIO DE TÉNIS
DE WIMBLEDON

SATÉLITE «ASTRA»
Mod. SAT 300/90
• Antena de 90 cm Off-Set equivafente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
Audimax T. 4106275 Algés

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.15 - PESCADORES
14.45 - ART BLAKEY
16.00 - DERRICK
17.00 - O MUNDO ANIMAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.15 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
22.10 - OS SOVIÉTICOS
23.15 - MURPHY BROWN
23.50 - 24 HORAS
00.20 - REMATE

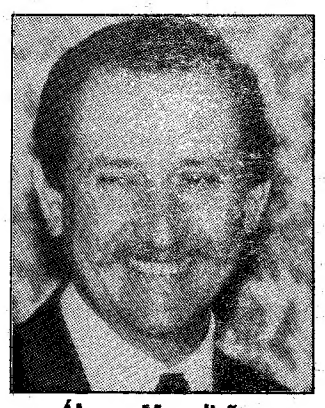
RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - ESPECIAL DESPORTO
Ténis de Wimbledon
17.10 - FORA DE HORAS
17.45 - OS DESAFIOS DA LEI
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - VIA RÁPIDA
20.00 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - 5ª DIMENSÃO
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

«Nunca tivemos voz decisiva sobre nada que se passasse no Velho Continente»

Nuno Rogeiro, «O Diabo«, 03.07.90

A PERGUNTA DO DIA



Álvaro Magalhães secretário de Estado das Obras Públicas

Porquê o imediato alargamento da ponte da Arrábida? O estudo já estava concluído?

«O tabuleiro da ponte vai ser alargado para seis vias.

A decisão foi tomada antes de concluídos todos os estudos de aproveitamento dos benefícios que daí podem advir para o Porto.

Para mim, são bastantes e justificam o imediato arranque das obras; são evidentes os benefícios que advêm do alargamento simultâneo dos seus acessos até ao nó de ligação de Espinho, da conclusão do nó da Via Rápida e de mais uma ligação directa à zona da Boavista.

Como aprofundamento e conclusão dos estudos em curso, outros benefícios serão detectados, designadamente quanto ao problema do cruzamento do Campo Alegre, para cuja solução já foi dado o apoio da autarquia.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

A cimeira da NATO em Londres

Os finalistas do Mundial de futebol

Mário Soares na Presidência Aberta

Livro de Mia Couto apresentado por Saramago

MEDIA

O primeiro canal de televisão integralmente dedicado à transmissão e notícias nasceu há dez anos nos Estados Unidos. Trata-se da CNN, a famosa estação de Ted Turner

A informação 24 horas por dia

Estar no local sempre que há notícia e permanecer lá enquanto ela existir, eis a fórmula do sucesso da CNN, a primeira estação de televisão que se dedica integralmente à transmissão de informação. Criada em 1980 pelo milionário norte-americano Ted Turner, a CNN levantou grandes dúvidas aquando do seu lançamento. Inicialmente, as suas emissões eram vistas por apenas 1,7 milhões de americanos e os jornalistas que lá trabalhavam enfrentavam grandes dificuldades para ter acesso, em pé de igualdade com as outras grandes estações, à cobertura dos acontecimentos.

Dez anos mais tarde, a CNN transformou-se na «droga» dos jornalistas e das grandes figuras internacionais. Quase todos os políticos sonham ter acesso àquela «aldeia planetária» de que Mikhail Gorbachev ou Yasser Arafat são clientes habituais. De uma pequena estação norte-americana, a CNN transformou-se numa grande estação mundial, com cinco satélites que atingem 90 países e sete milhões de espectadores em todo o mundo, aos quais se vão juntar os 54 milhões de americanos que actualmente seguem as suas emissões.

O sucesso não foi, contudo, muito fácil. Na verdade, os primeiros cinco anos foram bastante difíceis e deficitários, mas permitiram-lhe, também, ganhar um prestígio inigualável. O acidente da nave Challenger, a queda da Bolsa de Wall Street, a Primavera chinesa de Tiananmen são momentos históricos que a CNN se pode gabar de ter transmitido em directo.

O tempo das vacas magras parece estar definitivamente afastado, como o provam os resultados de 1989, ano em que as receitas totais atingiram os 341 milhões de dólares, dos quais 139 milhões foram lucros. Assim, em 1988, a CNN começou a chegar à Polónia, à Grécia e ao continente africano. Iniciou igualmente as transmissões em espanhol na América do Sul e lançou a CNN Internacional, um serviço dedicado à Europa e onde se tenta dar um ponto de vista menos americano dos acontecimentos. Ao mesmo tempo, multiplicam-se as filiais em todo o mundo, e o número de jornalistas atinge já os 1600.

O modelo da CNN foi seguido, em 1983, pela ABC que, em conjunto com a Westinghouse, lançou a SNC.

O fornecimento contínuo de informações específicas foi outra das opções. Economia e finanças, e meteorologia foram os temas escolhidos pelo Consumer News and Business Channel (propriedade da NBC) e pelo Weather Channel. O C-Span, por seu lado, dedicou-se à transmissão integral dos debates do Congresso.

Várias estações locais optaram igualmente pela fórmula de Ted Turner. É o caso da News 12, uma estação de Long Island que atinge já 600 mil lares.

Esta nova forma de fazer televisão só começou a ser utilizada fora dos Estados Unidos no ano passado. O Canadá foi o primeiro país a adoptá-la, com o lançamento do Newsworld, em Julho de 1989. Trata-se de um canal transmitido por cabo para 5,7 milhões de lares e cuja iniciativa pertence à cadeia pública CBC.

No Japão, a estação privada Asahi associou-se à CNN para lançar o Channel e, na Europa, o desafio foi aceite pela Sky Television, uma estação de televisão por satélite britânica, que criou, em Fevereiro de 1989, o Sky News, financiado pelo grupo Murdoch.

A França é o único país do continente europeu a possuir um canal deste género. Trata-se do Canal Infos, lançado em Dezembro de 1988 pela agência France-Press, e que transmite diariamente 18 horas de informação. Esta estação é, contudo, diferente das outras, uma vez que se limita à divulgação de imagens fixas e de textos escritos.

O desafio está agora a chegar às agências de informação especializadas no fornecimento de imagens. Neste momento existem apenas duas: a WTN, que resulta da associação da estação americana ABC com a britância ITN e a australiana Channel 9; e a Visnews, produto da aliança entra a Reuter, a BBC e a NBC.

Do mais local ao mais planetário, as estações de informação já provaram que estão a responder a uma necessidade.

No entanto, corre-se agora o perigo de o noticiário mundial ficar cada vez mais dominado pelos anglo-saxões, acentuando, desta forma, os já grandes desequilíbrios existentes no comércio internacional do audiovisual.

«DL»/«Le Monde»

Cette obscure clarté qui tombe des étoiles...

Corneille

Aviso: hoje não tentarei uma crónica brilhante (salvo seja), porém gostava de redigir uma coluna útil, informativa, sem desejo crítico, apenas um gesto no espaço. Opus Ensemble, o «quatuor» de instrumentistas, Ana Bela Chaves, Olga Prats, Bruno Pizzimiglio e Alejandro Erlich Oliva, festeja dez anos da sua existência activa - fenómeno raro. A formação instrumental, creio, pouco comum: viola, piano, oboé, contrabaixo. Repertório que se procura ou, ainda melhor, que os compositores contemporâneos escrevem *ad hoc* desse belo corpo musical.

Dez anos lembrados em dois concertos diferentes no ACARTE: um nocturno, outro ao fim da tarde. Queria eu mais público reconhecido pelo trabalho intermitente, embora de intermitência sistemática, aberta, estilisticamente aberta, não adormecida nos louros adquiridos e das peças tocadas, leal à música portuguesa, esta não fácil, de Joly polirítmico, de Lopes Graça lírico estrutural, a maravilhosa In Somno Pacis de Constança Capdeville, ouvidos no segundo dia. Esta última composição é uma obra física de extrema teatralidade, à procura da matriz dos nossos dias; o jogo sério, portanto igualmente lúdico. O Opus Ensemble soube acompanhar essa oficina musical com sinais, gestos, vozes, ideolgramas.

Dez anos: dois planos quinquenais. Ana Bela Chaves, alquimista da viola, Olga Prats, maravilhosa pianista de jogo soberano, Bruno Pizzamiglio, o fazedor cantante, o argentino Erlich Oliva, ou o contrabaixo jovial, temperamental, com fome e sede de omnipresença em criar as novas constelações.

Só falta enviar os parabéns.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Arcozo S.A.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75